"Tudo sempre será pouco porque nada nunca vai ser tudo."

Eu.

"A mente é como um paraquedas. Só funciona aberta!"

Autor Desconhecido

Introdução

Há muitas coisas que eu gostaria de dizer, gostaria de agradecer a muitas pessoas, explicar algumas colocações, começando pelo próprio título da obra. Caminho da Luz foi um título escolhido não pelo seu significado espírita, mas pelo seu significado metafórico forte. Caminhar em direção à luz é algo que a humanidade tenta incessantemente desde que obteve consciência de que não era igual aos outros seres do planeta. Não posso ir muito fundo nos porquês do título, sob o risco de estragar a surpresa do final do livro, mas, chegando ao final, estou certo de que se compreenderá que, apesar de soar espírita, Caminho da Luz não tem essa conotação.

Entre as muitas pessoas a quem gostaria de agradecer, minha família, Edilene, Raphael e Gustavo têm uma posição de destaque antes pela paciência e força que me deram durante a escrita do que pelo fato de serem as pessoas a quem mais amo, pura e simplesmente. Agradecer ao Irimar por uma primeira revisão, ao Barreto pela segunda e terceira revisões e pela felicidade que teve ao criar a capa é o mínimo que posso fazer. Mano Barreto, aliás, sempre na vanguarda da tecnologia converteu meu frágil documento do Word para PDF quando isso ainda era uma operação complexa e até cara. Obrigado. A todos os que me emprestaram os livros que forneceram a inspiração para esta obra, aos autores dos livros em si, muito obrigado! Aos meus irmãos da Ordem Maçônica aos frátres e sorores Rosacruzes, aos meus amigos, muito obrigado!

(Se eu estiver esquecendo de citar alguém nominalmente, peço mil perdões, são duas da manhã e eu não sei se vou revisar este texto o número suficiente de vezes para incluir a correção!).

Anyway, cabe esclarecer que não consegui resistir à brincadeira com os anagramas de Escobar. Quase todos os personagens acabam por ser meus

alteregos, múltiplas faces de uma mesma pessoa! Talvez tenha ficado um pouco confuso, reconheço, mas nada que um pouco de concentração não consiga resolver. Outra crítica que recebi foi com relação ao “anyway”. Esta expressão é uma lembrança de um grande amigo (pelo menos para mim ainda é) que veio da Escócia para mudar a minha forma de ver o mundo. Não sei se a Sally, sua esposa está zangada comigo por alguma confissão que ele possa ter feito, mas sei que nunca vou esquecê-los. Graeme, Sally, vocês foram muito importantes para mim. Em meu outro livro há uma Eleanor, em homenagem à sua filha.

Por fim, cabe falar de Deise. Esse nome está presente em nove de cada dez de meus textos depois que conheci a Deise Farid, mãe da Tatiana Lima. Duas grandes amigas da minha adolescência. Dois exemplos de grandes mulheres.

Deise foi o maior exemplo de mãe-amiga que conheci. A forma como ela educou a Tati, a forma como se relacionava conosco, nos respeitando e nos valorizando é algo que nunca vou esquecer. *Daise*, obrigado por ter existido na minha vida.

Enfim, neste livro os nomes não foram escolhidos aleatoriamente. Todos têm importância na minha vida sem, contudo, uma ligação diretamente proporcional à importância dentro do livro.

Se você está lendo essa introdução é porque possui uma versão impressa do livro. Muito obrigado a você por tê-la adquirido.

Um grande e fraternal abraço! Paz profunda!
Abençoado seja!
Fernando Escobar

CAMINHO DA LUZ

O Sr. Emanuel Arbosce vinha pela estrada Grajaú-Jacarepaguá, em seu carro de motor 1.8, como não era costume, a uma velocidade não muito prudente. Havia saído de uma reunião extremamente demorada, em seu trabalho, onde tivera uma discussão contundente com seu sócio, Pedro Porto, a respeito de questões éticas...

Eles trabalhavam em uma empresa de hardware, a Tecsolving Computers Ltda., e planejavam criar uma linha própria de confecção de componentes periféricos para computadores. Apesar do produto que comercializavam ter boa aceitação e qualidade, Emanuel e Pedro acreditavam estar na hora de começarem a "construir" algo, uma vez que eram "meros vendedores" conforme sua própria definição.

O problema surgiu quando Pedro argumentou que seria melhor colocar a montadora numa região mais pobre do país, onde, além dos descontos que os governos estaduais e municipais certamente iriam proporcionar, seria mais fácil arranjar mão-de-obra muito mais barata... Emanuel até concordava que se poderia gerar emprego em uma região mais pobre, mas não aceitava o fato de que eles explorariam a necessidade de pessoas carentes ou a cobiça de governantes corruptos... A divergência de ponto de vista, sobre a mesma questão, entre os sócios, foi tão grande que chegou a ameaçar a própria sociedade...

Emanuel saíra zangado da discussão e dirigia em velocidade acima da que usualmente praticava. De repente, uma imagem de um tribunal veio à sua cabeça, um julgamento, uma sentença e ele não soube interpretar, naquele momento o que estava vendo.

Pedro, aborrecido em seu escritório, por conta da discussão, imediatamente após a saída do outro, pegou o telefone e ligou para Deise, filha do sócio...

_ Deise?
_ Sim!
_ Aqui é seu tio Pedro, tudo bem?
_ Tudo tio..._ela percebeu o tom grave na voz de Pedro e ficou preocupada..._ Houve alguma coisa??
_ Nada grave... seu pai e eu tivemos uma discussão... eu acho que ele estava com a razão, mas, você sabe como nós somos, não é?... Bem, ele saiu muito aborrecido e eu fiquei preocupado, peça para ele me telefonar quando chegar em casa, está bem?
_ Está bem, tio... Mas ele mostrou algum sintoma de não estar passando bem?
_ Não... quanto a isso, não se preocupe! Seu pai tem uma saúde de ferro... ele só ficou bastante aborrecido... Você sabe como é o idealismo dele... e... como ele se aborrece quando o assunto é a ética...
_ O que você andou "aprontando" em "titio"?_ Deise usou um tom bastante irônico, para tentar aliviar seu tio, que parecia também não estar muito equilibrado...
_ Ah, ah! Minha menina, eu ainda nem aprontei... Só dei a idéia... Mas eu tenho certeza de que ele vai chegar em casa daquele jeitão dele, falando pelos cotovelos, e você saberá de tudo... Quando ele acabar de desabafar, mande-o tomar um banho e ligar para mim, ok?
_ Legal, tio! Deixa comigo! Beijo,
_ Um beijo!

Deise calculou que seu pai demoraria, ainda, algo perto de uma hora para chegar. Além da distância entre a empresa, em Jacarepaguá, e sua casa, em Itaipu, seu pai deveria encontrar algumas retenções no trânsito, devido a obras na estrada... Ela não se preocupou. Voltou para a pequena biblioteca da casa, para continuar seus estudos... Apesar de formada em sociologia, Deise não parava nunca de estudar, gostava de filosofia, antropologia, física e ocultismo. Ela lecionava numa universidade próxima à sua casa e, portanto, tinha para

os estudos, o tempo que não gastava com locomoção... Além do quê, estava sem matérias nesse semestre.

Uma hora se passou e outra hora e Deise começou a ficar preocupada... Pegou o telefone e ligou para o celular de seu pai que não estava ligado... "Será que ele foi a algum lugar, para relaxar?"... Desde a morte de sua mãe, havia nove anos, Emanuel só havia tido um "romance" um pouco mais sério, com uma amiga do trabalho chamada Edilene Meirelles... Depois que terminaram, ele não quis mais se envolver emocionalmente com ninguém, passando a freqüentar "casas de massagem", quando queria aliviar as tensões... Era um hábito que, dada sua posição, não podia dividir com ninguém, além de Deise e de alguns amigos mais íntimos e "irmãos" da fraternidade de que fazia parte, a Irmandade dos Coalas...

Os Coalas eram homens de caráter inquestionável. Deise os admirava desde pequena, afinal, seu pai já pertencia à ordem havia quarenta anos e ela só tinha trinta e quatro... Eram uma sociedade fraterna de nível mundial, surgida na Austrália e derivada da Maçonaria... Como ocultista, este era um assunto que muito interessava a Deise. Como os maçons, os coalas não aceitavam mulheres, mas o convívio com seus "tios" e "tias" era bastante intenso... Deise adorava ver Emanuel em seu terno cinza com detalhes em branco na lapela, que usava em ocasiões especiais e festas de sua fraternidade...

Ela se orgulhava de carregar na bolsa um lenço cinza e branco, com uma presilha em forma de coala que pertencera à sua mãe. Era dado às mulheres, filhas, mães ou irmãs de coalas, conforme o caso, para que, numa situação de perigo, pudessem colocar o lenço no pescoço, com a presilha e, assim, sinalizar, para algum membro da ordem coala, que ali estava uma "parente" em perigo... Ao contrário da Maçonaria brasileira, os coalas não se expunham e, com efeito, pouquíssimas

pessoas sabiam da existência da fraternidade... Uma vez, Deise mostrou a Ramon, seu noivo, uma página de um site de busca australiano, na internet, com mais de duzentas ocorrências para a palavra coala. Além de ser um software, criado por membros da ordem, havia um sem número de instituições que aludiam ao animal, sem, no entanto, terem fins ecológicos... Eram os coalas.

Deise se perdeu, pensando na ordem a que seu pai pertencia e mais uma hora se passou... Eram oito e trinta... Preocupada, ela telefonou novamente para seu tio, na empresa... Após esperar, ouvindo uma irritante musiquinha, ela foi atendida.

_ Tio? Ele não chegou ainda!...

_ Não... hã... bem..._ seu tio parecia confuso...

_ Você sabe de alguma coisa? O que houve???

_ Não sei! Ele não voltou para cá!...

_ Tio, não me esconda nada!

_ Eu não estou escondendo... sei tanto quanto você..._ ela pode ouvi-lo respirando fundo_ Fique calma! Ele deve estar visitando alguma "prima"..._ Pedro sabia da intimidade de Deise com o pai...

_ Que "prima"! Ele saiu daí às três horas, não iria ficar tanto tempo na rua!...

_ Você tentou o celular?

_ Claro, tio! Está desligado!

_ Vamos fazer o seguinte: eu sei onde fica a casa das "primas" que ele costuma visitar. Fica a uns vinte minutos daqui... Eu vou até lá e ligo para você com notícias, certo?

_...... tá bom...

Deise desligou sem sequer se despedir... Estava realmente preocupada... Emanuel não costumava demorar tanto sem avisar... "Bom, mas ele não sabe que eu sei que ele saiu mais cedo... É, deve estar tranqüilo, achando que eu não sei de nada... Vou esperar o tio Pedro telefonar..."... Ainda não totalmente satisfeita,

Deise ligou para Ramon e pediu que ele viesse lhe fazer companhia...

Ramon Caberos era um jovem de trinta e oito anos. Não tinha sequer um fio de cabelo branco e dispunha de um preparo físico invejável a muitos meninos mais novos. Era um homem alegre, comunicativo, mas paradoxalmente distante... Deise havia se apaixonado por ele no primeiro momento em que lhe pôs os olhos, havia três anos... Ela estava começando sua pós-graduação em filosofia e ele estava terminando a dele... Na primeira vez em que conversaram, ela se desmanchou diante do imenso conhecimento e simplicidade que ele demonstrava... Tinha um magnetismo impressionante, muitas vezes, ela ficava com ciúmes porque notava que outras mulheres, até mesmo amigas, pareciam estar prontas para pular no pescoço dele...

O físico de Ramon, tinha muito a haver com sua profissão de professor de educação física. Ao término da pós-graduação, ele passou a lecionar filosofia, também, na mesma universidade que Deise.

_ Ramon?...

_ Não, tia Deise, é o Ricardinho... _ Ricardinho era sobrinho de Ramon _ espera um pouquinho que eu já vou chamar, tá?

_ Tá bem, Ricardinho! E você como está, bem?

O menino nem respondeu, Deise ainda pode ouvi-lo gritando "Tio, tio! É a tia Deise!"...

_ Oi, linda! Tudo bem?

_ Oi, lindo! Não, não está bem...

_ O que houve?

_ O papai... ele teve uma discussão com o tio Pedro... parece que foi sério... ele saiu zangado do trabalho, às três horas, e ainda não chegou...

_ Bom, linda, são oito e meia, ele deve ter dado uma "paradinha" e depois pegou trânsito...

_ Eu também acho isso, mas não estou com bons pressentimentos... Você não pode vir para cá, ficar esperando comigo? De repente, quando você chegar, ele já até chegou também, aí, você fica para eu me relaxar da tensão...
_ Tudo bem, eu ainda tenho umas dez provas para corrigir, daqui a uma hora e meia, duas horas, eu 'tô chegando aí, ok?
_ Ok! Não vem pelo Fonseca, porque eu ouvi no rádio que houve um acidente de carro lá. Tá engarrafado.
_ Tá bom, beijo!
_ Beijo.

Deise não conseguiu mais estudar, já estava prestando atenção ao rádio e à TV. O telefone tocou e ela atendeu esbaforida... mas era engano. O relógio girava cruelmente seus ponteiros até que a campainha tocou. Deise não gostou do pressentimento que teve. Respirou fundo e foi para a porta lentamente. Cleonice, a empregada não estava e a campainha tocou novamente, fazendo Deise se apressar.

Seu coração quase pulou ao olhar no olho mágico. Do lado de fora, um senhor, de aproximadamente quarenta anos, cabelos marrons, quase roxos de tintura, um terno amarrotado e a barba por fazer, como detetive particular decadente de filme americano, fê-la imediatamente pensar no pior. "Um policial, vindo dar a notícia da morte de papai.".

Ela perdeu alguns segundos encostada à porta e o senhor tocou novamente a campainha, tirando-a do transe momentâneo. Ela respirou fundo e abriu a porta:
_ Boa noite, a senhora é a dona Deise?
_ O que foi, não me diga que meu pai morreu!
_Como? Seu pai? Do que a senhora está falando? Seu pai está doente?
_...
_...

Deise e o homem ficaram se olhando por instantes. Deise nunca antes havia se sentido tão confusa, parecia uma criança tamanha a ansiedade que experimentava. Seus olhos estavam perdidos.
_ Minha filha, você está bem?...
_...
_ Dona Deise!! O que há com seu pai? Eu posso ajudá-la?

Deise levou uma das mãos à cabeça, alisando os cabelos enquanto respirava fundo. Por que estaria se sentindo daquele jeito? Seria alguma comunicação que recebia de seus orixás?

O senhor insistiu:
_ Senhora Deise?
_ Sim? Humm... tudo bem...... Tudo bem, me desculpe. O senhor deve ter notado que estou preocupada com meu pai, que ainda não chegou.
_ Certo, houve alguma coisa?
_ Ele discutiu...... Um momento! Quem é o senhor? Boa noite ! O que o senhor deseja?
_ Fique calma. _ ele disse, controlando um pequeno sorriso _ Eu sou o novo síndico do prédio, me chamo Roberval Encantado, sou também seu "tio"... Eu vim chamá-la e a seu pai para a reunião extraordinária de condomínio esta noite...... Eu posso ajudá-la? A senhora está bem?
_ Sim... não me chame de senhora... Roberval, certo?... Pode entrar, por favor...
_ Não há necessidade! Minha filha, o que há com você? Você tem problema de pressão ou algo parecido? Fique calma, conheço seu pai, ele é um homem muito certo, se algo o atrasou não há de ser grave!
_ O senhor conhece meu pai?... Nós não conhecemos o senhor... Síndico?...
_ É, nosso condomínio é grande, não? Eu moro no bloco F, apartamento, 918... Às vezes eu me sinto como um

prefeito de uma pequena cidade. Ainda não vesti completamente meu cargo.
_ Meu tio? Qual sua árvore?_ Árvore era como se chamavam os locais de reunião dos coalas.
_ Muito bem, vejo que está recobrando o domínio de sua consciência! Minha árvore é a Inspiração Dupla, que fica ali na Goitacazes. Seu pai se reúne lá no Rio, não é mesmo? Eu já estive na árvore dele. Estamos crescendo demais no Brasil!
_ Certo... certo... Olha, tio, obrigada! Eu não sei se vou poder ir à reunião, mas... Bem, me desculpe, preciso entrar agora...

Nesse momento, ouviram o barulho da porta do elevador se fechando e passos no corredor. Deise acendeu os olhos, como se atravessasse Roberval, esperando por quem dava aqueles passos, que se tornaram mais intensos, indicando que, quem quer que fosse estaria caminhando para aquela ala. O condomínio era realmente enorme, eram vinte e cinco apartamentos, por andar, espalhados em oito blocos de dezenove andares. E não eram apartamentos pequenos.

Roberval virou-se para trás, à essa altura, também ansioso por que Emanuel fosse o dono daquelas passadas. No entanto, era Ramon que chegava, o que, de certo modo, também aliviou Deise.
_ Oi linda! Boa noite!_ disse Ramon, dirigindo-se a Roberval.
_ Boa noite!
_ Oi, lindo! Esse é um "tio" meu, você sabe, né? Roberval, ele é síndico do prédio agora e veio chamar a mim e ao papai para uma reunião de condomínio... Eu fiquei nervosa, quando o vi, achei que fosse um policial vindo dizer que o papai tinha morrido... Imagina...
_ Está tudo bem, agora, linda! Senhor Roberval, muito prazer! Espero que nos permita entrar agora!...

A gravidade no tom de voz de Ramon deixou Deise ainda mais angustiada... Ela, definitivamente, não

conseguia compreender porque se sentia daquele jeito... Despediu-se de Roberval mais uma vez e entrou com Ramon, para sentarem-se no sofá do hall mesmo.

Ramon a deixou sentada e foi para a cozinha preparar um de seus maravilhosos chás... Ele sempre tinha uma erva em sua inseparável bolsa *hippie*, para qualquer situação... calma, nervosismo, sono... qualquer! Tomaram o chá e Ramon, com seu jeito seguro, imediatamente se pôs a analisar a situação de modo a buscar a hipótese mais satisfatória para o seu desenlace.

De súbito, no meio da novela, aquilo pelo que menos esperavam interrompeu sua tranqüilidade... A notícia de um acidente na avenida Niemeyer, chamou-lhes a atenção... Deise não quis olhar. Ramon aumentou o volume da televisão, justo no momento em que a repórter anunciava...

_ O motorista foi identificado como sendo o empresário Emanuel Arbosce, que sofreu um ataque cardíaco fulminante, antes de perder o controle do automóvel.

Deise viu o rosto de Ramon desaparecer sob uma nuvem negra, a sala pareceu estar rodando, seu estômago se embrulhou, ela levou as mãos à cabeça e caiu no colo dele.

O telefone tocou, era Pedro.

_ Ramon?... Ela viu a notícia?

_ Sim, está desmaiada agora!

_ Meu Deus!... _ Pedro parecia confuso _ Mas ela está bem, não?

_ Eu ainda não medi a pressão dela, mas fique tranqüilo, estou fazendo... um chá, agora! Não tenho muito tempo para conversarmos. Assim que ela acordar, se ela estiver em condições, eu peço para que ligue para você!... Até logo...

_.... Até...

Ramon não estava nem um pouco disposto a conversar com Pedro naquele momento e, tal como

fizera com Roberval, despediu secamente o tio de Deise. Sua preocupação era não perder o ponto de fervura de sua poção. Com efeito, Ramon era um praticante solitário da velha religião... Por isso, sempre tinha consigo as ervas necessárias para uma poção de emergência... Além disso, seu próprio poder energético era muito forte e, desde que estavam juntos, Deise raramente tinha tido problemas com a pressão...

A campainha soou, era Roberval.

_ Me desculpe, eu vi o jornal...

_ Está tudo sob controle _ disse Ramon secamente.

_ Bom... se precisarem de qualquer coisa... os "amigos" dele já foram avisados?

_ O que?

_ Alguns "amigos", em particular... _ Roberval hesitou. Poderia estar falando demais...

_ Ah, sim, eu compreendo... tenho esse grau de intimidade... os coalas... acredito que o sócio dele o tenha feito...

_ Tudo bem, eu vou verificar... eles devem ter visto o jornal também......

_... _ Ramon não parecia disposto a esticar a conversa...

_ Quer que eu fique para atender o telefone?

_...

_...

_... Pode ser uma boa idéia... a empregada está fora... eu estou com Deise... _ contando com sua forte intuição, Ramon acreditou que Roberval seria confiável e muito útil naquele momento, a despeito de, para ele, ser estranho...

Roberval entrou e se sentou ao lado do telefone que, logo, começou a tocar insistentemente, "Sim, infelizmente..."; "Não, sou um amigo da família, por favor deixe seu número, informaremos os detalhes da cerimônia...".

Ramon ministrou o chá a Deise que despertou lentamente, bastante debilitada...

_ Não pode ser... o que eu vou fazer?... Meu pai... meu pai...
_ Linda, eu estou aqui! Seus tios estarão em breve, você não ficará sozinha... Você sabe que seu pai era um homem bom... ele estará bem...
_ Eu sei! Eu sei!!! _ Deise explodiu _ Eu estudo ocultismo, eu creio nos meus orixás, sei que meu pai estará bem!!! Mas e eu, droga? Eu não estava pronta para ficar sem ele!! Eu ainda tinha muito que perguntar! Muito que dizer!...
_...
_ Ataque cardíaco??... Ataque cardíaco??... Ele tinha um físico excelente, fazia ginástica, até sua vida sexual era ativa!!!... Há algo errado! Não era meu pai!...
_ Deise, por favor! Era o seu pai! Você tem o direito de reclamar a falta que ele vai lhe fazer, mas não negue! Eu não vou permitir que você se engane..._ a eloqüência de Ramon, às vezes, tirava Deise do sério...
_ Como é que você pode estar tão calmo? Meu pai morreu!!! Você não vai substituí-lo!!!
_ Linda, você não percebe o que está falando! Você sabe que ninguém vai substituí-lo... Em breve ele falará a você...
_ Eu não vou a esse tipo de centro! Não é esse o tipo de espírito que eu consulto e você sabe!
_ Olha, agora não é a hora nem o lugar para a gente ficar filosofando a respeito de dogmas espirituais... O que nós dois sabemos é que, seu pai pode estar meio confuso agora, mas estará bem, mais depressa do que nós!
_...
_... Venha, vamos ouvir um pouco de música...

Ramon levou Deise para a biblioteca, acendeu um incenso e colocou uma música suave no aparelho... Ela chorava de forma contida, seus olhos se perdiam na parede, suas mãos procuravam as mãos de Ramon... Ele ficou perto sem tomar a iniciativa do carinho, limitando-

se a responder os pedidos silenciosos que ela fazia... Nunca a vira naquele estado, não era simplesmente a morte de Emanuel, algo mais a estava desequilibrando... Ela punha a cabeça em seu peito, levanta, andava pelo cômodo, olhava a parede... Roberval entrou dizendo que seu tio queria falar com ela...
_ Tio? O que foi tio? O que aconteceu com ele?
_ Minha filha... Foi uma fatalidade...Eu estarei chegando aí em breve...
_...
_ Deixe-me falar com Ramon...... Ramon?
_ Sim.
_ Não se preocupe com os detalhes burocráticos... Nesse momento eu já avisei aos irmãos dele que estão providenciando tudo... Mantenha Deise equilibrada, certo?
_ É só isso? _ Ramon sabia ser bastante rude quando queria, na verdade ele não compreendia o comportamento de Pedro...
_ É só... a Isaura está indo para aí, quando ela chegar, peça para ela me ligar, por favor, está bem?
_ Está.
_ Então, até logo...
_ Até.

Isaura era a mulher de Pedro, de fato, não demorou um minuto e a campainha tocou, anunciando sua chegada. Junto com ela, chegavam alguns coalas que, rapidamente, identificavam Roberval... Ramon deu o recado a Isaura e voltou para a biblioteca para falar com Deise, mas ela não estava lá... Ele foi ao quarto dela, ao banheiro, vasculhou a casa toda...
_ Deise não está em casa!_ disse, aproximando-se de Roberval...
_ Oh, meu Deus! Onde ela terá ido?
_ Eu não sei, vou sair para procurá-la, se ela chegar, ponha alguém perto dela e não a deixe sair de novo, certo?_ Ramon falava como um superior hierárquico.

_ Tudo bem..._ Roberval preferia não causar problema...

Cleonice chegou e quase desmaiou também, quando Isaura lhe deu a notícia. Afinal, ela estava na casa havia mais de dez anos, tinha sido contratada ainda pela mãe de Deise. Rapidamente, seu senso profissional falou mais alto e ela se pôs a providenciar bebidas e aperitivos para todos aqueles "convidados"...

Ramon foi primeiro ao playground do condomínio, que mais parecia um bairro, com suas lanchonetes, academias, quadras de esporte, piscinas... O playground estava fervilhando de gente... Ele andou meio à esmo, deixando sua intuição guiá-lo... Não precisou de muito tempo para verificar que Deise não estava mais no condomínio... Ele foi a um canto isolado do playground, fez um círculo no chão, dentro do qual se sentou e começou a fazer uma pequena prece para que Deise não perdesse totalmente seu equilíbrio... Ele mesmo buscava forças para não sair de seu eixo, acendeu um incenso, fez suas invocações e lamentou não poder tirar a roupa ali...

De súbito, levantou-se e foi até o lugar do acidente... Deise estava lá, próxima ao burburinho e à movimentação da polícia para reorganizar o trânsito, sentada na amurada, olhando o mar... ninguém, naquela confusão, podia imaginar que ela estava contemplando o local de falecimento de seu pai... Ramon limitou-se a sentar ao lado dela e ficar olhando para o mar também...

_ Não era para acontecer, ela disse...... Não desse jeito... Por quê? Meu Xangô, por quê?... Ele era tão forte...

Ela falava e sua voz "ia e voltava", até que foi diminuindo, o choro foi tomando conta do seu rosto... Eles se abraçaram, as luzes da noite já nem eram mais percebidas...

O velório aconteceu na árvore de Emanuel. Localizada, em Botafogo, numa casa simples, sem nenhum tipo de letreiro ou aviso. O salão principal, logo após o hall de entrada também dava a impressão de ser

uma sede comum de um clube. Algumas fotografias de paisagens de pessoas nas paredes em tom de gelo, com finíssimos frisos verdes em alguns pontos mostravam que "algo diferente" acontecia naquela casa.

Alguns amigos de Emanuel estranharam o velório naquela casa estranha, a própria esposa de Pedro, Isaura, sabia pouquíssima coisa sobre os coalas, mal lhes conhecia o nome da associação. Sabia que eram "os amigos" de Emanuel.

Deise, já mais calma, Ramon, Pedro e Isaura recebiam os cumprimentos dos irmãos, amigos e funcionários. A imprensa estava lá, flashes pipocavam vez ou outra. Uma mulher loira, numa roupa em tom fechado de roxo, aparentemente também sofrendo chamou a atenção de Deise, o que Ramon percebeu... Ela parecia familiar, talvez aquela namorada de seu pai...

No cemitério São João Batista, como em todas as reuniões em público, os coalas evitavam usar seu terno de gala, ou qualquer coisa que os identificasse, com efeito, usavam roupas normais até mesmo sem gravata... o que ninguém podia perceber, estava sob a camisa. Emanuel era um coala de destaque o que fez com que o Grande Coala, Geraldo Luís da Paz, estivesse presente à cerimônia e acabasse por fazer um pequeno discurso:

_ Nosso plano perde um grande homem! Aqueles que estudam e conhecem um pouco dos mistérios da existência, hão de manter sua serenidade, seguros de que talvez ele possa nos ajudar mais agora do que nos ajudaria aqui... Mas dói! A dor da ausência, a dor do silêncio... Mais do que pai, amigo e irmão, Emanuel Arbosce era alguém que sempre tinha algo a dizer, no momento e da maneira certa... Um homem de princípios inquestionáveis, fiel à sua família, no sentido mais amplo da palavra, empreendedor, destemido, generoso... Quem, por uma vez apenas, teve a felicidade de estar em contato com ele, sabe que sua maior virtude era a

simplicidade... Nosso plano perde um grande homem. Não que não haja outros grandes homens, não que, em nossa essência, não sejamos todos iguais, mas, mesmo iguais, somos todos insubstituíveis... Ninguém mais ocupará o espaço deixado por Emanuel, do jeito que ele ocupava... Ele não está mais na mesma vibração que nós, mas está aqui, nós podemos senti-lo e eu gostaria de conclamar a todos que, em silêncio, respeitando cada um sua própria fé, pedíssemos ao Criador dos mundos, os mundos em si e tudo o mais, encaminhe a energia, o espírito, a alma, dê-se o rótulo que se quiser, de Emanuel Arbosce com a mesma luz que o encaminhava, quando fisicamente entre nós...

Fez-se então três minutos do mais profundo silêncio, aos olhos de Ramon, alguns coalas chegavam a brilhar e ele se sentia muito bem entre eles, muito embora nunca houvesse sido chamado a fazer parte daquela ordem... Deise, olhos fechados, comunicava-se com seus orixás, para que estivessem ao lado de seu pai naquele momento que, nem sempre era fácil para quem estava "acordando do outro lado"... Uma brisa suave refrescava o cemitério emoldurado por um céu azul limpíssimo, a Lua apareceu, mesmo durante o dia, para completar o cenário tranqüilo e belo que envolvia aquela cerimônia...

Após o enterro, como era tradição entre os coalas, houve uma pequena recepção (não era festiva, mas alegre, normal). Deise preferiu não ficar muito tempo. No fundo, ela ainda não estava conformada com a idéia de que seu pai tinha sofrido um ataque cardíaco. Um tio, cardiologista, até tentou explicar que isso não era tão impossível, com efeito, nem tão raro, um enfarte sem aviso nenhum, numa pessoa saudável...

Dois dias após o enterro, Deise estava na delegacia, com Ramon, diante de Antônio Cosbare, responsável pela investigação do acidente, coala, da mesma árvore de Roberval, a ordem crescia no Brasil.

_ Minha sobrinha, a necropsia confirmou que seu pai estava morto, vítima de um ataque cardíaco fulminante antes do acidente...O que você quer que eu faça mais?
_ Não sei, tio... Mas isso não entra em minha cabeça, eu já tive uns três sonhos dizendo que isso não está certo... Eu já desconfiei até do Tio Pedro...
_... Calma!... Eu não sei como dizer isso..._Antônio hesitava.
_ Pode falar, ela vai compreender com serenidade!_ disse Ramon.
_ Bem, _continuou o delegado_ eu confesso que nós também desconfiamos do sócio, procuramos algum indício de que o enfarte tenha sido induzido por drogas, mas, o legista não encontrou nada, nem uma picada de agulha, nenhuma substância estranha... E demais, nenhuma substância desapareceria no curto espaço de tempo decorrido entre a morte e o exame... Minha sobrinha, devemos encarar o fato de que ocorreu uma gigantesca fatalidade.
_ Tio! Aonde ele esteve depois que saiu da empresa?
_ Minha querida, ele esteve, digamos, se divertindo... Eu sei que sua mãe é falecida...
_ Tudo bem, eu sei que ele freqüentava termas..._ disse Deise._ Era muito mais simples ele dizia, se a questão era fisiológica... Ele nunca descartou a possibilidade, no entanto, de se juntar novamente a alguém... Só não procurava mais...

A vida continuou. Deise foi chamada mais uma vez à arvore que seu pai freqüentava para uma cerimônia de devolução dos pertences coalas de Emanuel. Era um ritual rápido, no qual, muito emocionada, Deise passou os ternos cinza, com detalhes brancos na lapela e um baú grande e fechado a chave, às mãos de um de seus tios, numa sala que não era a de reuniões coalas (Deise nunca havia entrado na sala de reuniões, com efeito, nem fazia idéia de como ela devia ser...). O clima era normal, pouco se falava:

_ Eu devo entregar o Coala de Emergência? _ Deise perguntou.
_ De forma alguma minha sobrinha! Você nunca deixará de ser da família! Sempre que precisar utilizá-lo, não hesite em fazê-lo!
_ Eu não tenho certeza de que está tudo aqui... Pode haver outras coisas...
_ Fique tranqüila. Estamos certos de que você nos devolverá o que quer que tenha ficado em sua casa, por acaso. O principal está no baú. Seu pai tinha muitos anos de Ordem, o dele já estava bem grande e pesado...
_ Bom, o papai... quer dizer... nós temos boas condições financeiras, assim..._ Deise não sabia ao certo o que perguntar ou dizer...
_ Como eu lhe disse, minha sobrinha! Uma vez da família, sempre da família. Nossos laços são mais fortes que o sangue! Nosso fluido vibra na mesma freqüência, tenha isso em mente! Tudo o que você tinha de facilidades sendo nossa sobrinha, você continuará tendo! Inclusive, se quiser ir aos encontros anuais, em Canberra, nós a levaremos, sem ônus._ concluiu o tio.
_ Bom, então... muito obrigada... Olha, vocês são... meu pai adorava...

Deise começou a chorar. Nesse momento, levaram-na para onde Ramon a esperava, Roberval estava lá também. A árvore coala não era um lugar de muita ostentação. Todas eram uniformemente construídas, sem muitas pinturas nas paredes, pelo menos até onde podiam ver os que não faziam parte. Deise conhecera, pela primeira vez uma sala diferente, com uma decoração aparentemente "mais mística", árvores estilizadas nas paredes e folhas de eucalipto no chão... Na sala das reuniões, ninguém entrava. Os próprios membros a limpavam.

A única coisa que se poderia chamar de ostentosa era uma parede com os coalas ilustres. Personagens da

história, presidentes do Brasil e de outros países, entre os quais, evidentemente, estava a Austrália.

***

Uma semana se passou, após a devolução dos pertences coalas, até que Deise resolvesse voltar sua atenção para o carro, intocado, na garagem, até aquele momento.Precavida, ela resolveu chamar Ramon e o tio Cosbare, que fez uma força e arrumou um tempo, para atender à sobrinha.

Ela não sabia o que ia procurar ou, mesmo, se encontraria alguma coisa... Ramon e Cosbare olhavam-na, pacientemente, esperando pela iniciativa. Deise pôs a chave na porta, parou por uma fração de segundos, girou e abriu rapidamente, como que evitando arrepender-se. Aberta a porta, a jovem começou a olhar para o interior do veículo, algumas lágrimas vieram-lhe aos olhos, a mão firme de Ramon deu-lhe ânimo para continuar...

A pasta estava no banco de trás, Pedro, inclusive já a tinha pedido insistentemente. Deise a pegou e passou para o delegado que, com luvas, abriu-a, encontrando nada, além de documentos e relatórios. Havia umas três fotos de Deise, em idades diferentes, uma na formatura, que fez Deise começar a chorar... Outra vez, foi a mão de Ramon que a equilibrou, ela conteve o choro, desculpou-se e prosseguiu em sua inspeção...

Um fio de cabelo loiro, imediatamente, chamou sua atenção, no banco do carona:

_ Ali! Tio Cosbare, pegue aquilo, por favor!

_ O que temos aqui? Bem, é alguma coisa, mas muito pouco, você sabe, não é?

_ Fique tranqüilo,_ disse Ramon_ nós sabemos que a vida não é como no cinema, ela não está esperando encontrar, perdoe, o DNA de um possível assassino...

_ Não tio, eu sei que esse cabelo pode ser de qualquer pessoa, até de uma das "primas" que, eventualmente pegou uma carona... Eu, sinceramente, não sei o que estou procurando aqui, mas eu não posso aceitar passivamente essa passagem do meu pai!... Não estou tentando me enganar, mas... Eu SINTO que há algo mais...
_ Bom, devemos confiar na intuição e nas mensagens que ela recebe,_ disse Ramon a Cosbare_ são de uma fonte muito segura...
_ Vejam, eu também tenho as "minhas fontes"_ ele não podia falar que alguns coalas também eram clarividentes_ e elas me dizem que, apesar de estranha, a morte de seu pai, provavelmente, foi uma enorme casualidade..._ Ele fez uma pausa e mudou o tom, olhando, inclusive para Ramon_ Minha filha, o que nós podemos fazer para aliviar a sua dor?
_ Nada, tio! Mas o que eu não posso mesmo agüentar, é essa suspeita que ainda paira sobre o meu tio, por consideração, Pedro... Ele não é um coala, mas é um grande homem e eu não acho que ele faria algo contra o papai, mesmo por muito dinheiro...

Cosbare pensou, olhou para Ramon e disse:

_ Bom, eu não devia lhe dizer isso, mas eu já levantei o que aconteceu na empresa de seu pai e tio..._Ramon e Deise olharam para ele com interesse_ O governo pretende incentivar a produção nacional de hardware e software, como forma de diminuir a importação e aumentar o investimento externo, no país. A Tecsolving viu nisso uma grande oportunidade de passar a fabricar algo, em vez de somente vender...
_ Eu sei, essa sempre foi uma idéia dos dois...
_ Então, a discussão ocorreu_ ele explicou a razão da discussão_... dessa forma, seu pai se negava com veemência a negociar com um prefeito ou governador corrupto, enquanto seu tio já havia feito o primeiro contato... Por isso divergiram tanto!

_ Sim, mas eu não compreendo_disse Ramon_ que esse tenha sido um motivo suficientemente forte para Pedro desejar se livrar, dessa maneira, de Emanuel._o nome de seu pai, fazia com que Deise sentisse um arrepio, provavelmente ele já podia estar querendo dizer algo...
_ Bom, aqui surge algo que nós levantamos... Minha querida Deise, eu sei que você não vai gostar de escutar isso, mas... são os fatos...
_ Fale, tio, pouca coisa me causará espanto, hoje em dia... O que foi, o meu tio Pedro estava roubando a firma?...
_ Não, quer dizer, não sabemos... Mas a situação do seu tio não era tão boa... Você nunca desconfiou do fato de ele não ser um coala? Apesar de ser um homem "tão grandioso", respeitado, íntegro, amigo de seu pai?
_ Para dizer a verdade... não..._ Deise franziu o cenho, como quem "abre os olhos" para algo em que já deveria ter pensado antes, perguntando internamente, "o quê não me deixou ver isso?"..._... definitivamente, foi algo de que nunca suspeitei..._ concluiu.
_ Bom, há treze anos, seu tio mantém um relacionamento extraconjugal, uma outra família, em Londres, onde fica um escritório da Tecsolving... Isso, para nós, é uma falta gravíssima! Coalas são expulsos, quando nesta situação... Anyway, o fato é que, essa segunda mulher sempre tomou muito dinheiro de seu tio e, ultimamente, um irmão dela, alcoólatra, vem ameaçando contar tudo para a senhora Porto... Ele tem gastado, cada vez mais e, para não criar suspeitas em casa, começou a fazer dívidas... Resultado: ele viu nessa oportunidade uma chance de equilibrar suas finanças... Esse, foi o real motivo da discussão ser tão séria! Seu pai, por mais leal que fosse ao amigo, jamais admitiria usar a firma de maneira espúria...
_ Você quer dizer que...
_ Bom, isso, por si só, já seria motivo para um enfarte, na idade do seu pai, mesmo com a saúde forte como a

dele... Mas nós não descartamos ainda, a possibilidade de uma ação do seu tio... O que é isso?

Embaixo do banco traseiro, algo parecendo um fragmento de jóia brilhou, chamando a atenção do delegado, que se abaixou e pegou o pequeno pedaço de metal... Imediatamente, como nos filmes policiais, ele tirou do bolso um daqueles plásticos com encaixe em canaleta, colocou dentro o metal e continuou a observar Deise "scaneando" o carro... Ele disse mais uma coisa...

_ Eu não devia lhe dizer isso, mas...Como você é minha sobrinha, acho que merece e tem condições de saber tudo... Testemunhas viram seu pai dirigindo na direção da Grajaú-Jacarepaguá e, com efeito, as câmeras da CET-Rio confirmam que ele seguiu por lá... Aí sim, surge-nos uma "pulga atrás da orelha", se me permite a expressão... O que ele fazia na Niemeyer? Estamos tentando, agora, refazer o trajeto que ele seguiu naquela tarde...

A procura no carro não resultou em qualquer outra coisa produtiva, Deise enviou a pasta, depois de minuciosamente analisada, para Pedro e marcou, com ele, uma reunião para aquela tarde... Precisava colocar as cartas na mesa, com o tio. Cosbare conversou um pouco com Ramon, dando instruções sobre o que Deise deveria evitar na conversa com seu tio Pedro, indo embora em seguida.

Deise e Ramon subiram para o apartamento, Cleonice havia preparado uma grande chávena com café expresso e creme, para cada um, com biscoitos tipo araruta acompanhando. Eles foram até a biblioteca, onde poderiam lanchar e conversar à vontade.

Deise foi até a estante com CD's..

_ Sabe,_disse Deise_ eu acho que a Edilene Meirelles estava no enterro e nem foi falar comigo! Que estranho, não?

Ela encontrou o CD que procurava, colocou-o no aparelho e regulou o volume, de modo que não

atrapalhasse a conversa entre os dois. Ambos tinham uma supersensibilidade para música, alguém que entrasse na biblioteca, naquele momento, talvez nem percebesse o som ligado.

Ao mesmo tempo, Ramon retirou da bolsa um pequeno envelope de pano, cor de ameixa, com um minúsculo pentagrama bordado na aba, no qual guardava os incensos coloridos que ele mesmo fabricava. Pegou dois verdes, de jasmim, colocou um no porta-incenso que já estava ao lado do computador e outro no que retirou da bolsa, também artesanal, também feito por ele, depositando-o numa mesinha, ao lado do sofá. Meio distraidamente, respondeu a Deise

_ Não seria interessante telefonar para ela?

_ É... quem sabe..._ apanhou, numa pequena cômoda, uma agenda telefônica, encontrando rapidamente o número e começando a discar._ Eu preciso saber se realmente era ela... Alô? A senhora Edilene, por favor, é Deise Arbosce quem deseja!... Ah... não tem... eu compreendo... Anyway, me desculpe... o quê? Não, eu disse "anyway"... deixa pra lá, muitíssimo obrigada e desculpe o incômodo..._ voltando-se para Ramon_ Esse número não pertence mais a ela... o homem não soube informar o novo...

_ Não tem problema, vamos ver na internet._ disse Ramon, dirigindo-se para o computador_ Meirelles é com um "ele" ou dois?

_ Sabe que eu não sei... Acho que são dois..._ disse Deise distraidamente, enquanto folheava a agenda telefônica...

O cheiro do incenso que já havia dominado a sala, tocou-lhe de forma especial o olfato... Ela fechou os olhos por um instante, balançou lentamente a cabeça no ritmo da música... de um salto, foi até a porta, trancou-a e caminhou na direção de Ramon... _

_...Toda essa agitação com a morte do papai... nós não estamos tendo tempo para a gente...

Ramon girou a cadeira, ficando de costas para o computador, Deise sentou-se sobre ele, como quem monta um cavalo e beijou-o ardorosamente. As mãos da menina, ligeiramente, retiraram a camisa de Ramon que se levantou, carregando-a, com as pernas entrelaçadas em sua cintura, até o sofá. O sexo entre eles sempre foi algo extremamente gratificante. Já haviam feito sexo em grupo, algumas vezes, e amigos sensitivos disseram "enxergar" a luminosidade da intensa troca de energia que acontecia na relação dos dois... Com certeza, aquilo iria fazer muito bem a ambos...

Ainda meio vestidos... Deise com a cabeça apoiada no peito de Ramon, os dois se deixaram dormir...

Nem o telefone tocando os fez acordar. Cleonice, notando o que havia acontecido, anotou o recado de Pedro, que dizia não poder ir à "reunião" naquela tarde, por problemas na empresa, mas que, se fosse possível, gostaria de receber Deise e Ramon para conversar em sua casa...

Mais tarde, ao ouvir a idéia do tio, Deise e Ramon se entreolharam, tentando adivinhar o que ele poderia estar pensando.

_ Será que ele desconfia de que nós já saibamos da outra família?_ perguntou Deise, após Cleonice ter-se afastado.

_ Não acredito..._disse Ramon_ acho que ele deve estar, sim, percebendo as suspeitas que pairam sobre ele... de qualquer forma, conversando perto da Isaura, ele sabe que a gente não vai fazer muita pressão...

_ É... pode ser... Anyway, vamos tomar um banho... Cleonice!_disse numa voz mais alta_ Cleonice? Aquela camisa preta do Ramon está passada?...

_ Não se preocupe, eu vou com essa roupa mesmo...

_ Deise, eu passo num instante, vão tomando seu banho que eu levo para vocês..._ respondeu Cleonice, lá da cozinha.

No banheiro, mais música, mais incenso, água morna... os corpos olhando um para o outro, os cheiros conversando... A banheira da suíte de Deise, desde que ela começou a namorar Ramon, havia passado a ser pequena...

Se aprontaram, beberam mais um pouco do saboroso café de Cleonice e foram para a casa do tio. Sem motivo e sem questionamentos profundos, resolveram utilizar o carro de Emanuel...

O trânsito de Itaipu para Icaraí, estava um pouco engarrafado, para uma noite de quarta-feira, mas tudo transcorreu normalmente no caminho.

Ao chegarem, tia Isaura abriu a porta, aquela expressão de quem está tentando "ser natural"... era quase engraçado observar que ela não conseguia disfarçar a vontade "de confortar", de qualquer forma, o sorriso da tia Isaura era sempre acolhedor. Além do que, havia no tom da senhora, um ar formal "de quem recebe", forjado por anos de educação rigorosa, ainda que, quem esteja chegando seja a sobrinha e o noivo, praticamente, moradores da casa.

_ Boa noite, minha querida, oi Ramon, entrem, por favor, a casa é de vocês... o seu tio acabou de chegar, está tomando um banho, o Gustavinho está na casa de uns amigos, estudando para um exame que vai prestar amanhã...

Por alguns segundos, passaram pela cabeça de Deise uma seqüência imensa de pensamentos: Gustavinho, Gustavo Porto, filho de Pedro e Isaura, também na faixa dos trinta, advogado com algum sucesso, prestes a se tornar promotor público... "Será que, nem ele, sabia da situação do pai?"... Ainda na mesma enxurrada, ela olhou para a tia Isaura e imaginou: "E ela, sabia?... Devia desconfiar... Coitada, como reagiria se soubesse?... Bom, às vezes, as pessoas nos surpreendem... Meu Xangô, esqueci de trazer aquele livro que eu peguei com a tia ano passado, de novo!".

_ Oi, tia! Tudo bom?_ Deise disse, acordando de suas lucubrações, enquanto beijava a tia..._ Olha, eu não esqueci o livro não, viu? É que... o Ramon quer começar a ler.._ ela disse, demonstrando um constrangimento desnecessário...
_ Boa noite, Isaura, tudo bem? Não se preocupe com seu livro..._ enrugou, num milésimo de segundo, a testa, para Deise, ao mesmo tempo com um ar de curiosidade e reprovação, pelo comportamento..._ Eu vou devolvê-lo assim que acabar de ler...
_ Tudo bem, eu não sabia que você também se interessava por autores norte americanos populares...
_ É..._ele entortou a cabeça, meio sem graça, lembrando "do" livro_ Shirley McLaine escreveu algumas coisa interessantes, embora imprecisas, é claro...
_ É claro,_ completou Deise, com um sorriso no canto da boca...

Eles se dirigiram a uma sala de estar, onde um chorinho decorava maravilhosamente o ambiente já claro e bem ventilado, por uma janela que recebia aquela brisa vinda do mar, quase uma ventania, no décimo quarto andar...

Deise se sentia muito bem naquela sala, havia passado bons momentos ali, com seu Pedro e Emanuel...A vista da praia de Icaraí era excepcional...Ela riu sozinha; enquanto Isaura e Ramon conversavam, este escutava um resumo do livro que estava prestes a ler; lembrou-se, olhando para o Flamengo, de como seu pai ficava zangado, quando diziam que "a melhor coisa de Niterói é a vista para o Rio de Janeiro"...

***

A primeira coisa que Antônio Cosbare fez, ao receber o papel que estava esperando, foi procurar pelo número do telefone celular de Deise. Como bom escorpiano, estava perdido em meio aos papéis de sua mesa, os quais haviam sido "gentilmente arrumados"

por um de seus assistentes... Essa era a pior coisa que alguém poderia fazer com seus papéis: arrumá-los...

Após alguns minutos, ele desistiu, pegou o palmtop, cuja bateria normalmente, esquecia de recarregar, e ligou para Cleonice.

Informado da visita de Deise a Pedro, preferiu deixar para comunicar-se no dia seguinte...

Como costumava fazer, às vezes, trancou a porta de sua sala, abaixando as persianas, ligou o som, acendeu um incenso e pôs-se a lucubrar acerca do caso... O que poderia estar inquietando Deise daquela forma? Suas meditações, durante as reuniões coalas também lhe diziam que algo não estava certo... Passo a passo ele foi remontando, em sua cabeça o quebra-cabeças... Instintivamente, assumiu sua posição de meditação, afrouxando a gravata, desabotoando o colarinho, desligando o celular...

Com as informações que tinha, não podia conjeturar outra hipótese que uma gigantesca e infeliz fatalidade... Além do que todos já sabiam, havia descoberto que, embora já estivesse quase chegando à Leopoldina, portanto a um passo da ponte Rio-Niterói, Emanuel fez meia-volta com o carro, dirigindo-se para São Conrado, onde, também havia levantado, ficava localizada a sua "casa de massagens" predileta, com efeito, entrevistada, a prostituta com quem o executivo se relacionava, mais freqüentemente, naquela casa, informou que havia recebido um telefonema dele, falando para que ela se aprontasse de modo especial, pois ele estava se encaminhando para lá muito aborrecido e precisava de uma atenção especial...

Isso explicava perfeitamente o desvio de rota e, fatalmente, conduzia à conclusão de que, durante o trajeto para seu encontro, a lembrança da discussão, o dilema moral de ajudar o amigo, numa ação que repreendia com veemência, pior, de utilizar sua empresa para isso... Nesse ponto, Cosbare, ainda que como coala

principiante, conseguia se colocar perfeitamente no lugar de Arbosce... Era evidente que Emanuel poderia evitar o uso da empresa para ajudar o amigo, quase irmão e sócio, com sua própria fortuna pessoal, mas, provavelmente ambos não queriam que fosse feito dessa maneira... Com sua forte intuição, era possível, mesmo, imaginar o teor da discussão...

O telefone tocou, tirando Cosbare do seu transe... Era seu assistente, Renato Sebraco, informando que precisava entrar na sala, para falar sobre um outro caso...

Ele diminuiu o volume do som, ajeitou a gravata e abriu a porta. Renato era um jovem, no esplendor de seus vinte e três anos, em vias de concluir a faculdade de direito, que trabalhava como escrivão e, nas horas vagas, "curtia uma onda de detetive", como ele mesmo gostava de dizer...

Sentindo o cheiro de incenso e ouvindo o som, Renato se desculpou pela interrupção, mas tinha notícias graves... Aproveitou para passar às mãos de Cosbare o informativo coala da quinzena, que chegava, como sempre, em seu envelope lacrado e sem nenhum tipo de identificação da ordem, inclusive o endereço do remetente era uma caixa postal...

_ "Chefe",_ como gostava de chamar Antônio_ nós falamos com o "negão" que mora do lado da boca e tem PM na jogada mesmo... Só que, dessa vez, os cara tão limpos... eles 'tavam lá a serviço, fazendo uma sindicância, parece, quando os bandidos "sentaram o dedo" neles_ Renato tinha um vocabulário bastante rico, mas sentia-se "o máximo" falando com gírias e expressões do dia-a-dia da polícia...

_ Positivo,_disse Cosbare, com ironia_ e esse "negão" mora há quanto tempo ao lado da boca?...

_ Qual é, chefe? Acha que eu ia dar "um mole" desses, antes de fazer a entrevista eu chequei o "negão"... É um cara trabalhador, ficha limpa, mora ali muito antes da

boca aparecer, só não se mudou porque não consegue vender a casa... É uma informação segura, eu conversei com ele, no emprego dele...
_ Muito bom... mas como ele tem certeza de que foram os bandidos que atiraram primeiro?
_ Aí ele não pode dizer, o que ele sabe é que os PM's chegaram de mansinho, com as armas na cintura... Parece que o Tucão 'tava lá por acaso e pensou que tinham ido buscá-lo...

Cosbare parou um pouco, alisou os cabelos, já um pouco grisalhos...
_ É complicado, não acha, Sebraco? Morre um marginal, um chefe do crime e o ministério público ainda fica gastando o dinheiro do contribuinte para descobrir as causas... Eu aqui, podia estar investigando crimes mais sérios, ajudando em diligências para encontrar crianças desaparecidas...
_É a vida, chefe, e o caso daquele seu amigo, pai daquela gata maravilhosa?... Ela já se conformou que foi acidente?... Eu estive lá com as putas, aliás, que putinha maravilhosa que ele estava comendo, hein? Você tem que experimentar, a mulher é o cão...
_ Em primeiro lugar espero que você respeite o limite da liberdade que eu te dou. Depois, eu quero que você pare com esse trejeitos e esse linguajar caricato de policial "machão", porque me irrita profundamente, um jovem com boa formação, de boa família, falando desse jeito...
_ Pô, desculpe, chefe!...Eu não sei nem o que dizer...
_É, em terceiro lugar, se eu lhe mandei fazer uma sindicância, num bordel, não foi para se envolver, tampouco fazer uso do serviço das "meninas"...
_ Pôxa, Cosbare, quebra um galho! A mulher é "de parar o trânsito"!
_ Tranqüilo. Aproveite enquanto você é solteiro... E "o noivado" como vai?

_ Ih! Corta essa. Que noivado... Nós estamos juntos só a dois anos...Ainda nem nos conhecemos..._ Renato riu da própria ironia.
_ Falando sério... O que você acha desse caso do Emanuel, Renato?
_ Como assim? Foi uma fatalidade... O sócio estava "aprontando", queria usar a firma para cobrir suas safadezas e ele não agüentou a pressão, enfartou...
_...
_... Olha, eu sei que você e a menina têm as suas "vibrações", os seus *insights*, aliás, essas... intuições... já ajudaram bastante a resolvermos alguns casos, mas dessa vez, acho que vocês, por terem alguma ligação com a vítima, aliás a sua ligação com ele é estranha para mim, pois nós trabalhamos juntos e você nunca tinha falado sobre ele para mim... Enfim, a ligação de vocês está fazendo com que vocês não aceitem com naturalidade a morte dele...
_ Renato, que pena que você é solteiro e muito novo...
_ O quê?
_ Não, quer dizer... Eu formulei errado a frase... É que você falou em como eu conhecia o Emanuel... Nós casamos na mesma igreja e estivemos lá para um "curso de reciclagem matrimonial", foi quando nos conhecemos... Daí nos contatávamos esporadicamente, mas, realmente, nunca comentei com você, porque nunca tive oportunidade...
_ Cosbare? Alô! Você 'tá falando comigo! Renato Sebraco, "detetive", lembra? Qual é, você é casado há seis anos, a mulher do cara morreu há nove... Se tem alguma coisa que você não quer me contar tudo bem, eu tenho estrutura e maturidade suficientes para entender que nós não somos casados, mas amigos e que, portanto, podemos ter segredos um para com o outro...
_ Desculpe, você acertou quando disse que há um segredo que não devo lhe revelar... Confesso que não estou nem um pouco preocupado com sua "estrutura",

isto é, se você vai ficar "com ciúmes"... Mas, realmente, há uns três anos, o Emanuel esteve nesse curso de reciclagem, com uma namorada que ele levava mais a sério... uma tal... Edilene Meira, ou Moreira... Maciel... sei lá! Nós conversamos no dia e ele me falou que ainda sentia falta da esposa, mas que já estava junto havia dois anos daquela mulher... Meirelles, é isso!... Uma "loirona", rapaz, de fechar o comércio... Eheh, nem traficante teria aquele "poder de fogo"_ Renato riu, era raro Cosbare fazer piadas jocosas, principalmente daquele nível..._ Anyway, foi mesmo lá que nós nos conhecemos...
_ Bom, mas esse segredo, tem a ver com o que você faz às quartas-feiras à noite, naquela casa ali na Goitacazes?
_ Menino, você tirou o dia hoje para me aborrecer, não foi? O que você anda fazendo, me espionando?
_ Não, Cosbare, é que eu moro na Rondon, já o vi por lá várias vezes... Aquela casa chama bastante a atenção... É da Maçonaria, não é?
_ Não, não é da Maçonaria e você não precisa saber do que é.
_ Olha... eu não sei se devo... Mas eu vou me abrir com você... Eu tenho certeza de que é algum tipo de religião, o que vocês fazem lá... Aqueles carrões, às vezes, quando tem festa, aquele pessoal alinhadíssimo, aquele terreno ao lado que serve de estacionamento, onde parece que não pára de caber carros... Eu conheço alguns dos caras que vão lá... Você, o seu Alfredo, o bisneto do Osvaldo... como é mesmo nome... eu não lembro...
_ Lucas...
_ Isso!... Então: Eu já estive a ponto de "escorar" um de vocês, só eu não, muita gente que eu conheço... Se você quer saber, há quase um "bolão" de apostas para saber o que rola lá dentro... Já falaram em cassino clandestino, terreiro de macumba, igreja evangélica, encontro de casais, termas... tudo o que você imagina..._ Cosbare

riu_ Você ri? Hoje em dia, é muito difícil manter segredo sobre alguma coisa... A informação é algo que você encontra em qualquer esquina... E se não encontrar, você sabe, inventa!...
Você não vê a Maçonaria? É só entrar na internet e digitar lá nos sites de busca e você encontra tudo... Já não dá quase para guardar segredo... Eu já vi dois filmes, um do Paulo Betti[1] e outro do Jonny Deep[2], em que se mostrava a mesma coisa do cara lá, sendo iniciado... Então pensa só... Uma casa, onde entram pessoas de "alto nível" e ninguém sabe o que acontece lá dentro, a imprensa não toca no assunto, nenhum jornal de fofoca comenta... Soa como coisa de ficção hollywoodiana, como se vocês colocassem um "feitiço" em todo mundo e ninguém pudesse "se tocar" de que aquilo está acontecendo, quer dizer, todo mundo olha, mas ninguém vê, sabe o que eu quero dizer?
_ Sei.

Cosbare riu, com o canto da boca. Na verdade, nunca tinha observado a fraternidade sob aquela perspectiva... Quer dizer, não podia dizer para Renato que ele estava muito perto de ser convidado, pois, na verdade, havia uma espécie de encanto-de-ficção-hollywoodiana em volta da casa, gerado pelas invocações que faziam lá dentro e, um dos sinais de que o homem tinha condições de ser coala era, justamente, o poder de romper esse encanto.
_ Bem... e por que você está me dizendo isso tudo?_ perguntou Cosbare...
_ Sabe, nem eu sei direito, mas... Sei lá... hoje em dia está tudo assim, tão confuso... As pessoas andam procurando Deus por aí, como se fosse um amuleto, ou um produto para consumir, ou uma solução miraculosa

---

[1] "Mauá - O Imperador e o Rei" (Brasil - 1999) - direção de Sérgio Resende, com Paulo Betti.
[2] "Do inferno" (“From Hell” - EUA - 2001) - direção de Albert e Allen Hughes, com Johnny Deep.

para os problemas delas, sem que elas tenham que fazer nada... Há tanta baboseira espiritual por aí...
_...
_ Eu achava que tinha me encontrado na umbanda, depois passei para o Kardecismo, aí, quando eu achei que sabia tudo, surgiu aos meus olhos uma namoradinha Wiccana, que começou a me falar em Rosacruz, Maçonaria, Fraternidade Grande ou Branca, sei lá... Sabe... Eu estava tão certinho, aí ela veio... Alexandra _ Renato parou um pouco, meio que saudoso..._
_...
_ Bem, eu nunca quis entrar para as "Religiões Instituídas" como eu chamo o Catolicismo e o Protestantismo; o Islamismo não me parece uma escolha legal, vivendo aqui no Ocidente, embora eu conheça alguns muçulmanos que são exemplares e eu me recuse a falar sobre os radicais lá do Oriente, é uma questão muito complexa para minha cabeça. Eu tenho certeza de que alguns evangélicos aqui do Brasil têm idéias e vontade de assumir uma postura igual à deles... isso depende de formação, de doutrina, de opressão, de ódio, de desespero... Enfim, eu não sei como falar, mas... Se fosse religião,o que vocês fazem lá, eu gostaria de ver se é o meu caminho...
_ Bom... Terminou?_ Cosbare já pensava numa forma de dizer que "Sim, é o seu caminho", sem, efetivamente, dizê-lo.
_... Termi... não... Só para concluir, desde que eu terminei com a Alexandra, eu venho freqüentando um coven... Só que, hoje em dia, tudo está ficando comercial demais... Os "moleques" entram para os covens achando que vão sacrificar animais, comer todo mundo, ficar peladões e fumar baseados encantados...É tudo muito superficial... Eu já discuti com alguns membros, já estou um pouco afastado, eu e a Nanda... Não sei, a velha religião, a Bruxaria, como falam, me parece ser a mais coerente, sabe, uma visão de Deus

como um princípio feminino, se é que ele *tem* que ter sexo, uma visão de respeito pelos outros "an it harm none, do as you will", quer dizer...
_ Eu sei o que quer dizer...
_ Não fazendo mal a ninguém, faça o que quiser! O Raul disse isso numa música... Pôxa, quando eu penso que, desde àquela época, já se falava nisso e eu descobri tem alguns anos, eu me sinto perdido...Ele disse, "do ano de 66 chama-se Alester Crowley"... "Faça o que tu queres! Há de ser tudo da lei!"...
_...
_...
_ Acabou agora?
_ Acho que não vai acabar nunca, né...
_ Bom, teoricamente, não.
_ É... são as palavras, né? Elas não conseguem explicar tudo...
_ Um pouco mais do que isso, ao invés de palavras, o termo conceitos é mais coerente e não são só os conceitos, mas a forma de trabalhá-los e de observar o que se quer explicar também influi bastante...
_ Você vai me dizer se é religião ou não? Dá para eu ir?... Entendi! Solteiro e muito novo... Ah, cara, isso não vai atrapalhar, vai? Pôxa, fiquei feliz e triste de uma vez só agora!
_ Olha só, há muito mais coisas entre os céus e a terra, do que sonha nossa vã filosofia. Hamlet[3] disse isso com muita propriedade. Partindo desse pressuposto, tudo isso que você falou faz enorme sentido e essa busca que vem acontecendo comercialmente como você fala, é incentivada por um vazio que a comercialização excessiva de tudo causa nas pessoas... Percebeu? É um ciclo vicioso, as pessoas comercializam demais, ficam vazias, buscam Deus superficialmente, o vazio aumenta... Num momento isso vai frear... Bom,

---

[3] Fala de Hamlet, personagem principal de “Hamlet” de William Shakespeare.

respondendo às suas últimas perguntas: Não, não vou dizer a você se é religião ou não. Não, não dá para você ir... certo, você é bastante perspicaz, eu pensei alto e você não tinha captado o sentido, mas agora alcançou...

Cosbare conversou calmamente com Renato, sobre a sensação do jovem e sobre suas buscas... O telefone tocou, chamando para mais um caso que se iniciava e a conversa teve que ser interrompida, mas, certamente, haveria de ser retomada, na primeira oportunidade. De qualquer forma, Cosbare ficou impressionado com a desenvoltura e com a maturidade demonstradas por Renato. Não seria a primeira, certamente, nem a última vez que um jovem solteiro era admitido entre os coalas, mas o processo era lento e comprido.

***

Pedro saiu do banho e encontrou Deise, Ramon e Isaura, sentados à sala de estar, meio impacientes com a demora. Ele se desculpou e Deise imaginou que o tio haveria de estar se concentrando bastante, uma vez que não sabia o que eles iriam falar...

Deise começou perguntando se a mala havia chegado corretamente, ao que Pedro respondeu que sim, narrou resumidamente, sua procura no carro, por algum indício de que algo incomum pudesse ter ocorrido. Isaura e Pedro acompanhavam atentos à narrativa da sobrinha, enquanto comiam a salada que servia de entrada para o jantar.

Pedro mostrava-se mais calmo do que Deise podia supor e Isaura também... Então, foi ela quem surpreendeu a todos.

Isaura já sabia da discussão, segundo a versão de Pedro, e não acreditava que esse pudesse ser o motivo do enfarte de Emanuel. Também não apoiava o marido quanto a incentivar a corrupção, procurando instalar a fábrica da Tecsolving em troca de favores, nem tanto legais, de algum prefeito ganancioso.

_ Sabe, minha filha, muita coisa está errada nesse país,_ disse Isaura _ há uma visível inversão de valores que nos prende num redemoinho, dentro do qual não sabemos o que é certo ou errado.
_ Concordo_ disse Ramon, até então um tanto "longe da conversa"_ se quisermos "filosofar" um pouco, vamos chegar à conclusão de que o pensamento maquiavélico de que os fins justificam os meios nos induziu até aqui.
_ Certo meu filho, o problema é quando meios lícitos são utilizados para finalidades ilícitas... Um exemplo são seitas e igrejas nas quais seus líderes se locupletam e abarrotam seus patrimônios, enquanto os fiéis, em troca de um conforto espiritual, é verdade, às vezes, até de uma cura mesmo, vão se desfazendo de seus pertences e de suas vidas... Quer dizer, aquelas pessoas, em seu íntimo, estão felizes e isso é bom, mas estão colaborando para uma grande trapaça..._ disse Isaura.
_ Tem razão, tia, parece que estamos numa encruzilhada, muitos têm até alguma boa intenção, mas, para tanto lançam mão de recursos inadequados, enquanto que outros fazem uso da boa fé e das boas intenções de outros, para fins escusos...É mesmo complexa esta questão.
_ Pensando com carinho,_ continuou Ramon _ o maior corruptor do homem é o poder. E pouca coisa dá mais poder do que a hierarquia religiosa. Quando um sujeito se coloca acima de você na hierarquia espiritual e você aceita isso, na verdade o que ele está obtendo é, praticamente, o controle de sua vida... É por isso que a Igreja combate ferozmente as fraternidades onde as pessoas são tratadas como iguais, onde há o verdadeiro livre arbítrio, onde os membros são estimulados a pensar por si próprios e os líderes não são chefes, mas meros coordenadores que fazem valer a vontade da maioria...
_ A não ser quando há empate, aí há o voto de Minerva. _ disse Deise.

_ Justo, por isso, e só por isso, o líder tem que ter um preparo especial, uma vez que, sua palavra pode "criar" a maioria. Na verdade, ele deverá ter sensibilidade para perceber dentre os dois lados, qual será mais proveitoso para todos._ Conclui Ramon.
_ Vejam como são as coisas _ interrompeu Pedro _ estávamos conversando sobre política, um assunto do qual eu ainda podia participar... Agora vocês estão aí, perdidos em lucubrações psíquico-existencialistas e eu, de lado...
_ Ahhh, coitadinho..._brincou Isaura_ O meu executivo prático não compreende as questões fundamentais da existência...

Todos riram e a conversa continuou amena. Falaram de esportes, de povo, de feminismo até que, uma observação de Deise, causou alguns segundos de silêncio e desconforto:
_ Pior do que o chauvinismo masculino de achar normal ter uma ou até duas famílias paralelas à sua "principal", é o chauvinismo feminino de concordar com isso...
_...
_...
_ Deise, Ramon, meus filhos, às vezes, nem tudo precisa ser verbalizado... A dúvida muitas vezes serve melhor do que a certeza... Porque, quando se tem dúvida, é porque, em seu íntimo, acredita-se que há possibilidade de tudo estar bem... Vocês entendem? Uma pessoa é capaz de amar quantas vezes forem necessárias, simultaneamente ou não..._ Isaura pareceu engolir firme, abaixou os olhos que vagaram pela mesa decorada com doces e um bandeja de café... Levantou a cabeça, olhou para Pedro, para os jovens e continuou_ O amor que eu e seu tio temos um pelo outro, por exemplo... Eu sei que ele não conseguiria viver sem mim... como... eu... não conseguiria viver sem ele...... Me dêem licença, eu preciso ir ao banheiro.

Sozinho com os jovens Pedro desabafou:

_ Minha filha, você sabe que eu a quero como uma filha, não sabe? Pelo visto, vocês já sabem do que parece não ser mais segredo para ninguém...... Parece que eu vou abrir o jornal amanhã e encontrar uma manchete "Pedro Porto tem amante em Londres..."_ foi a vez de Pedro baixar os olhos e vagar pela mesa..._ Eu estou tendo uma enorme dificuldade de me perdoar... A dúvida em saber se foi por minha causa ou não que Emanuel morreu está me corroendo... Eu não sei desde quando, mas a Isaura sabe... Ela sabe... Há alguns anos, o Gustavo me deu um flagrante... Eu estava à beira do Tâmisa, de mãos dadas... feliz da vida... Ele tinha ido para um congresso, eu havia me esquecido disso... Afinal, todas as vezes em que estávamos, eu e Gustavo, em Londres, eu tomava o maior cuidado para não encontrar com Sophie...... Eu só achei que podia ser a solução dos meus problemas... Mas o seu pai...... Ele nunca permitiria um "caixa dois" na empresa... Não seria nada demais... É normal nessa droga de país! Era só molhar a mão de um vereador aqui, de um prefeito ali, coisa banal, aí pegar o "repasse"...

_...

_...

_... Eu não matei o Emanuel... ele era meu irmão... eu o amava, o idolatrava... Eu sei que a polícia desconfia de mim e sei que vocês vieram aqui para me sondar... Mas, acreditem, eu estou certo de que ele sabia que eu iria recuar... Nós já havíamos discutido a respeito de Sophie antes, meu Deus, vocês não acham que Emanuel aceitava meu "segundo" casamento com naturalidade, acham?

Deise viu-se forçada a concordar... Afinal, se havia tanto tempo que Pedro tinha esse relacionamento, não haveria de ser a primeira vez em que divergiriam sobre o assunto, a questão agora é que envolvia a empresa...

Ramon pôs a mão sobre o ombro de Pedro fechou os olhos, como que buscando identificar as vibrações emanadas por ele. Olhando para Deise, fez uma expressão de quem reconhece sinceridade.
_ Minha filha, me diga que não foi por minha causa que seu pai morreu!

Nesse momento, Isaura volta do banheiro:
_ Meu amor! Eu já lhe disse mil vezes: Emanuel era um touro, não foi a primeira vez que vocês discutiram, pelo amor de Deus, não foi sua culpa! Minha filha, diga para ele!
_ Não foi sua culpa, tio... nós sabemos que foi uma fatalidade...

Ramon sentiu-se aliviado, pois parecia que, finalmente, Deise começava a se convencer do que estava óbvio para todos...

Foi a vez de Pedro ir ao banheiro. Isaura tentou quebrar o gelo, mudando o assunto:
_ Semana que vem, nós iremos a uma tarde de autógrafos. É um escritor novato, chamado Fernando Brascoe. O nome do livro é Despertar da Lua. É uma visão muito interessante a respeito de nosso futuro, dos mundos que nos cercam... O que vocês acham de irem conosco?
_ Boa idéia!_ disse Ramon_ Ver pessoas diferentes, movimento, vai ser bom para todos. Além do que, um livro existencialista é sempre, no mínimo, interessante de se ler... _ Ele olhou para Deise, com uma expressão irônica e Isaura deu um leve sorriso.

O clima se descontraiu, Pedro retornou à sala e tomaram um licor, observando a vista que tanto mexia com Deise.

Na volta para casa, enquanto subiam a serra, Ramon e Deise ficaram em silêncio ouvindo a música fluir pelo interior refrigerado do carro de Emanuel. Em seus íntimos, perguntavam-se aonde iria terminar toda aquela história. Deise já havia ido inclusive a centros

Kardecistas, que não eram, como ela mesma costumava dizer, "o tipo de centro que ela gostava de freqüentar", na tentativa de estabelecer contato com seu pai. Ramon, em suas invocações, também pedia sinais e esclarecimento sobre o caso. A forte intuição dele também o fazia relaxar, quando pensava que Antônio Cosbare também era uma pessoa bastante sensível, melhor dizendo, sensitiva.

_ Eu tenho certeza de que, se realmente houver algo anormal nesse caso, meu amor, o Cosbare vai conseguir descobrir...

_ Eu não sei... vocês têm razão... cada vez mais eu me convenço de que tudo não passou de uma grande fatalidade... É um vazio muito grande... Eu sempre achei que estaria preparada para esse momento... Quando mamãe morreu, eu até que segurei bem a onda... A gente acompanhou aquela situação por dias... Na verdade, foi gradativo, a gente meio que se preparou... Mas, assim, como foi com o papai, de repente, sem aviso, de uma forma que nem o mais pessimista dos hipocondríacos poderia imaginar que o papai morreria...

_...

_...

_...

_ A gente fica sem saber o que pensar... Eu estava mesmo achando que o titio pudesse ter feito alguma coisa... mandado alguém... sei lá...

_ Mas, minha linda, não foi encontrada nenhuma substância que induzisse o ataque... Foi procurado na necropsia...

_ Eu sei, mas você estuda ocultismo, como eu, e sabe que pode ser um tipo de encanto, sei lá...

_ Tudo bem, eu concordo... Só que nós não estamos falando de uma pessoa qualquer aqui... Você sabe, tão bem quanto eu que, especulações à parte, seu pai tinha também muito mais poder do nós imaginávamos...

_ Eu sei, eu sei! Os coalas... Pôxa vida, nessa hora eu me pergunto... Esses caras são tão iluminados, tão fortes, tão unidos... deviam ter um sinal, uma espécie de telepatia... sei lá! Não dá para aceitar, quanto mais eu penso, mais a minha cabeça vai e volta... Não existe acaso... É difícil engolir uma fatalidade...... Aonde você vai?

Ramon fez meia volta no carro, parou no acostamento, pegou o celular, ligou para Cleonice e informou que dormiriam fora aquela noite. Chegando ao motel, na Niterói-Manilha, um banho, incenso, massagens, sexo reconfortante e um sono acolhedor, completaram aquele dia tão intenso para os dois.

Ao chegarem à casa de Deise, pela manhã, Ramon a deixou e foi para sua casa.

Cleonice deu a Deise o recado de que Cosbare havia ligado e o retorno foi imediato.

_ O Delegado Cosbare, por favor.

_ Um momento estamos transferindo...

_ Alô.

_ Tio Cosbare?

_ Não, Renato falando, o delegado não está no momento... Posso ajudá-la?

_ Ahnn...não, quer dizer... tudo bem... eu ligo mais tarde...

_ Você deve ser a Deise não? Filha do Sr. Emanuel...

_ Sim, sou eu, como soube? Eu o conheço?... Renato...

_ Sebraco... Não, nós não nos conhecemos pessoalmente, mas eu estou ajudando o delegado Cosbare no caso do seu pai... Se você precisar de alguma coisa, é só falar comigo...

_ Ahnn, muito obrigada, eu não hesitarei...

_ Não tem de quê... Você está retornando a ligação que ele lhe fez ontem?

_ Bem... sim..._Deise não sabia direito se podia falar ou quem era aquela pessoa que parecia tão solícita...

Esforçou-se por lembrar se já o havia visto, no velório ou na delegacia, sem sucesso...
_ Fique tranqüila... O que ele quer lhe dizer é que o pedaço de metal que vocês encontraram no carro pertence a um broche de coala, aquele bichinho australiano... O Cosbare ficou diferente quando soube do resultado e ligou para você imediatamente...
_ Ok.. eu ligo para ele daqui a pouco, certo?...
_ Certo, um abraço.
_ Outro.

Deise correu para o seu guarda-roupas, à procura do seu broche coala. Ela tinha dois, um que fora de sua mãe. Pegando os dois, examinou-os rapidamente e não notou nenhum pedaço faltando..."Pedaço de broche coala... Eu vou ver se o papai andou dando carona para alguma tia, por esses dias..."

Animada com a informação, Deise dirigiu-se para a delegacia, onde pretendia discutir com Cosbare o assunto. Ligou pelo celular, mas o tio ainda não havia chegado, ligou para Ramon, que não pode atender naquele momento, pois estava lecionando...

Na delegacia, Deise conheceu Renato:
_ Muito prazer... Você é mais bonita pessoalmente..._ Renato ficou vermelho, pois não tinha a intenção de flertar..._ Quer dizer...
_ Tudo bem _ Deise riu discretamente_ eu entendo, obrigada... Você é muito simpático, também!
_ Olha, o Cosbare ligou ainda "agorinha" e disse que já está chegando, mas ele me mandou deixá-la na sala dele, tem um frigobar, tem música, tem uns incensos...
_ Obrigada, mais uma vez... Eu vou esperá-lo lá, então...

Deise sentiu-se completamente à vontade, na sala do tio, ainda que estivesse numa delegacia... Colocou um CD relaxante, sentou-se na cadeira e teve sua atenção atraída, por um pequeno envelope cinza, branco e verde por baixo de alguns outros envelopes, no canto da mesa... Deise reconheceu o informativo

coala e pensou se poderia olhá-lo... Lembrou-se que o de Emanuel havia chegado, pois, certamente, alguém esquecera de cancelar sua "assinatura"... Pensou que esta seria mais uma coisa para falar com Cosbare, mas sentiu-se fortemente impelida a abrir os jornais do pai...

Após uns trinta minutos, Cosbare chegou:

_ Bom dia, minha filha. O Renato já lhe falou sobre o broche, certo?

_ Bom dia, tio. Sim, ele falou... Mudando de assunto, rapidamente, haveria problema se eu lesse o informativo Coala do meu pai?

_ Tecnicamente, você não deveria nem estar fazendo essa pergunta..._ Cosbare olhou perdidamente para a mesa e continuou _ Mas eu vou fazer o seguinte: amanhã, eu lhe mando as páginas que, digamos assim, você pode ver... Talvez a ajude a sentir a presença de seu pai mais fortemente...

_ Ok! Obrigada... Anyway... Eu andei ligando para algumas tias e gostaria de lhe perguntar, se papai deu carona para alguém usando o broche por esses dias...

_ Bem, eu tinha esperança de que fosse seu o broche..._ Cosbare mostrou-se visivelmente decepcionado _... Sabe, eu tenho que lhe confessar... estamos trabalhando cada vez mais, com a hipótese mais provável de...

_ Uma grande fatalidade!_interrompeu Deise..._ Eu imagino. Também começo a me convencer disso... Imaginando que era um pedaço do meu broche, você achou que não haveria mais nada para procurar, certo? Agora, contudo, precisa encontrar a dona ou o dono do broche...

_ Veja, minha filha... Emanuel é meu irmão, ele nunca vai deixar de ser... Eu estou bastante interessado em desvendar qualquer mistério que possa rondar o caso, mas... você há de me dar razão...

_ Eu sei, tio. Não se preocupe, eu vejo o que você está fazendo por mim... Eu sei que é a mim que você não

está querendo decepcionar... Mas... fique tranqüilo... O broche pode estar lá há semanas, meses...
_ Não... não pode...
_ Como assim?
_ Eu fui com ele a um lava à jato, na quinta-feira, antes do acidente...
_...
_ O broche estava lá, havia menos de uma semana...
_ Bem, tio... ainda assim...
_ Ainda assim, continuamos com a "pulga atrás da orelha"...
_...
_ Eu vou dizer o que farei... Você concorda comigo que o caso de seu pai ou está resolvido ou é bastante mais complicado do que se podia prever, concorda também, que a primeira hipótese é largamente mais provável do que a segunda, certo?
_ É... tio... eu tenho que concordar...
_ Eu estou com um problema, há um caso envolvendo interesses políticos no qual estou sendo forçado a me concentrar prioritariamente. Dê-me uma semana, ou quinze dias, para resolver este crime e volto ao caso do seu pai... Até lá, prometa-me que não vai tentar investigar nada sozinha, está bem?
_ Olha, tio, você sabe como funcionam as intuições... Essa é uma garantia que eu não posso lhe dar... Mas eu prometo que vou tentar não pensar no caso...
_ Vou ter que me contentar com essa promessa..._ passou a mão na cabeça de Deise..._ Faça assim, daqui a uma semana, você vai jantar na minha casa, com seu noivo e, então, retomamos o caso de onde estamos parando agora, que tal?
_ Está bem... eu tenho consciência de que não sou o centro do universo..._Deise esboçou um sorriso, correspondido por Cosbare...
_ Renato!

O jovem escrivão atendeu rapidamente ao chamado do delegado:
_ Pois não, chefe!_ ele fazia "tipo" novamente...
_ Por favor, acompanhe a minha sobrinha até o carro dela...
_ Não se preocupe, tio, eu vim de táxi... é mais prático...
_ Então eu levo você!_ disse Renato.
_ Tudo bem, concordou Cosbare. Pegue as chaves do carro _ disse, jogando-as para Renato.
_ Não precisa, de verdade...
_ Precisa, sim! Renato, leve-a e volte logo, pois precisamos traçar uma estratégia para resolver logo esse caso do Tucão. Eu ouvi uns rumores de que a PM não estava tão à toa, lá em cima...
_ Tudo bem, eu volto antes de você dizer Itaquaquecetuba!...

Uma vez, no carro, Renato e Deise encontraram a Alameda São Boaventura completamente engarrafada... Renato pensou em ligar a sirene, mas, ao invés disso, resolveu aproveitar para conversar com Deise...
_ Então, que tipo de música você gosta?
_ Hein??
_ Que tipo de música você gosta?
_ Ahh... Eu tenho um gosto bastante eclético... O que importa mais são as vibrações... Mas afinação é fundamental!...
_ Concordo! Essa música que fazem hoje em dia é barulho, você não acha?
_ É... é...
_ Desculpe, você não quer conversar?
_ Não é isso... Olha, você é um garoto muito bacana, mas eu acho que você deve tirar da cabeça a possibilidade de que alguma coisa aconteça entre nós...

Renato foi tão apanhado de surpresa, que nem teve tempo de responder à observação de Deise. Normalmente, teria dito, de imediato que "não queria nada, que ela estava se precipitando...", negaria o óbvio

e tentaria "sair por cima"... O tom de voz de Deise foi o que mais o surpreendeu... Além do quê, sentia que não devia ser desonesto com ela... Então, ela continuou...
_ Tudo bem, você vai dizer que eu me precipitei, que não há nenhuma expectativa, talvez até que eu não faço o seu tipo, que é sobrinha do chefe, sei lá... A questão é que você me parece ter um potencial muito grande... Ramon e eu ficaríamos interessados em tê-lo como amigo... Você tem alguma namorada?
_... _ Renato abriu a boca, mas as palavras não saíam...
_ Deve ter, né? Pela "resposta"...
_...
_... Vamos fazer assim: _ Deise estendeu a mão para o rapaz _ Olá, muito prazer, sou Deise Arbosce, socióloga, trinta e quatro anos, disponível para uma amizade sincera. E você?
_... _ Renato gostou da forma como Deise resolveu a questão e "entrou no jogo"_ Prazer, sou Renato Sebraco, futuro advogado, quer dizer, juiz, vinte e três anos, disponível para uma amizade sincera, mas, infelizmente, você não é homem... Então, vamos ter que nos contentar com uma amizade "meio" sincera..._Renato gostou de sua auto-confiança e concluiu, de forma ousada _ Vamos fazer assim: Você não me dá mole e eu não te paquero, amo minha namorada, você deve amar o seu namorado, não vou esconder que me senti atraído por você, o que você está conseguindo desfazer, mas acredito ser mais apropriado que fiquemos alerta!

Deise sorriu, os dois apertaram as mãos e começaram a conversar animadamente sobre música...

Ramon saiu da aula e foi para o pátio da universidade, tirando da inseparável bolsa o livro de Isaura que se via forçado a ler, pois, certamente deveria fazer algum comentário, no próximo encontro que tivessem... E estavam a poucos dias da tarde de autógrafos... Para sua surpresa, o título "Minhas Vidas" tinha pouco a ver com o conteúdo e com o título em

inglês[4]. "Infeliz cultura mercantilizada!" pensou, "Perdem-se boas obras por causa desses títulos que só têm a intenção de vender!"... "Pensando bem, infelizes leitores que cedem aos apelos dos títulos chamativos...". Perdeu-se, alguns minutos, em lucubrações sobre as traduções de título, principalmente no cinema... Lembrou-se de uma francesa que conheceu num congresso, no Rio, que ficou verdadeiramente zangada, quando viu alguns títulos de filmes no Brasil... "Mas eles contam o filme, assim!" ela disse, na época ele se limitou a rir... O mesmo sorriso brotou-lhe no rosto novamente...

Lendo como as coisas aconteciam em seqüência com Shirley, lembrou-se então, da Profecia Celestina[5]... De como Redfeld havia sido brilhantemente esclarecedor sobre as coincidências e a consciência coletiva... Lembrou-se que, da primeira vez que o leu, chegou a se zangar, pois já fazia tudo o que o autor falava, mas nunca tinha tido a clareza necessária para descrever daquele jeito... Começou a pensar em como demorou para encontrar seu "drama de controle"[6]... E de como vinha ajudando Deise a encontrar o dela... Sentiu necessidade de um banho e de música...

Uma aluna passou:

_ Professor Ramon, que bom encontrá-lo... Precisava mesmo lhe falar...

_ Pois não Tatiana, em que posso ajudá-la,

_ É sobre aquela coisa de Mudança de Paradigma... Você acha que a resistência das pessoas será quebrada com facilidade?

---

[4] O título original é "Out on a limb", que, literalmente, significaria "Lá fora no limbo".A editora no Brasil é a Record.

[5] The Celestine Prophecy, de James Redfield, 1993, lançado no Brasil pela Objetiva.

[6] No livro, Redfield, descreve "drama de controle" como a encenação que fazemos para ganhar atenção e, conseqüentemente, energia, dos outros. (N.do A.:É um livro que vale a pena ler!)

_... Olhe bem, minha filha, antes de mais nada, talvez pudéssemos passar alguns minutos tentando definir o que é "facilidade"... Mas, como eu não quero lhe enrolar, devo dizer que, verdadeiramente, a conscientização de um número suficiente de pessoas, o que Redfeld chamou de "Massa Crítica", das limitações do modelo Cartesiano, não vai ser fácil... Está sendo difícil! Contudo constante!
_... Hummm, entendi! Então, quando mais e mais pessoas tiverem experimentado o poder, por assim dizer, do novo paradigma, aí, chegaremos ao "*point of no return*", é isso?
_ Em síntese, podemos dizer que sim, embora o assunto não seja tão simples...
_ Tudo bem! Obrigada, professor! Nos vemos na aula, semana que vem!
_ Ok, até semana que vem! Abençoada seja!

Tatiana era uma aluna muito aplicada. Ramon chegava a pensar que provocava na menina algum tipo de atração. Ela própria mexia de forma diferente com ele, embora ele prezasse ao extremo a relação alunoXprofessor. Ainda assim, ele se permitiu perder alguns segundos pensando nos cabelos ruivos, cacheados, caídos sobre o rosto sardento e o perfume forte de ervas que a menina exalava... Já havia conversado com ela, uma Wiccana, que ele ainda não tinha firmeza em afirmar se por convicção ou modismo. De toda sorte, era mais uma num bom caminho.

O início de sua própria caminhada na Velha Religião veio à cabeça de Ramon, ele lembrou o trauma de ver seus pais "cegos" por uma seita cristã radical e de como perdeu tempo e regrediu espiritualmente, durante os anos em que “foi ateu”, como maneira de encerrar qualquer assunto sobre religião ou misticismo. Após a morte de seu pai, paulatinamente ele começou a buscar novamente um caminho de esclarecimento, até chegar à Bruxaria, como é chamada a Velha Religião.

Antes de chegar lá, passou pelo espiritismo, tanto de terreiro, quanto de mesa, freqüentou igrejas, conheceu cristãos místicos que lhe mostraram que o fanatismo e o radicalismo, encontrado em todas as religiões não espelhava, de qualquer modo, a filosofia básica da religião, que, por sinal, era a mesma para todas... Quando começou a ver livros de Bruxaria, tendo experimentado religiões orientais, inclusive, encantou-se imediatamente. "An it harm none, do as you will!" dizia repetidamente aos seus alunos de Educação Física. Foi quando resolveu cursar Filosofia e mergulhar na religião pagã...

O uso da expressão empregada pelos Wiccanos causava-lhe aborrecimentos entre os praticantes mais tradicionais da Velha Religião. De fato, Ramon sabia que essa "lei" nunca fora escrita, uma vez que a Velha Religião não tinha dogmas ou leis gravadas.

De primeira, buscou o chamado caminho da Lua, agindo através unicamente de poções e encantamentos e buscando "dobrar" os elementos à sua vontade... Em seguida, descobriu o caminho do Sol, lendo James Redfeld, leu Fritjof[7] e seu pertencer e percebeu que podia misturá-los, com efeito, notou que havia se tornado, verdadeiramente, eclético, misturando tudo o que notava de positivo, no que lia e praticava... Resolveu guardar para si seus assuntos, quando se viu diante de um paradoxo: Sempre evitara a palavra Deus, por achar que as pessoas não compreenderiam o que ele queria dizer... Certamente, fariam, em suas mentes o conceito delas de Deus e Ramon, então, ou "faria vista grossa", o que desvalorizava seu discurso ou perderia energia, tentando explicar o conceito que tinha de Deus... O paradoxo era, se fizesse "vista grossa", poderia ser tachado de hipócrita, uma vez que estaria falando algo com que não concorda, se considerado o

[7] "Pertencendo ao Universo", de Fritjof Capra autor, entre outros, de "O Tao da Física" e "O Ponto de Mutação". Editora Cultrix.

que a pessoa entenderia, se perdesse tempo explicando, corria o risco de cair num emaranhado semântico que poria a perder o conteúdo da conversa... Assim, resolveu praticar solitário sua religião, como muitos o fazem, conversando, quando necessário com as pessoas mais próximas!

Decidiu, então, ir para o Parque Lage, um lugar de extrema energia. Pegou o carro e, em poucos minutos estava passando pelo aterro do Flamengo, rumo à Praia de Botafogo. O trânsito estava ótimo, entrou pela Mena Barreto, Humaitá e, lá estava, entrando no Parque.

O sol forte fazia com que o chão reluzisse, uma brisa leve transmitia uma sensação enorme de paz... Ramon adorava estar ali. O cheiro do lugar, as cores, a vibração... Não precisava de muito esforço para ver a energia que circundava as plantas. Ele estacionou o carro à esquerda do castelinho e ficou alguns instantes com os olhos fechados, como que respirando o ambiente. Automaticamente, tirou o telefone celular do bolso, tirou o relógio, que só usava durante a semana, por causa das aulas e colocou tudo na sua companheira fiel. Trancou o carro e resolveu dar a volta no castelo. Lentamente, caminhou observando os detalhes das paredes, observou a fachada, olhando "sem ver" , passou pelo outro lado e, uma vez na parte de trás, contornou o platô abandonado e cheio de mato onde não estavam mais as gangorras e balanços que, inexplicavelmente haviam sido tiradas dali. Subiu os degraus irregulares de pedra e chegou ao lago, onde patos e marrecos tomavam banho... Um casal de namorados passou descendo a escadaria maior à sua esquerda, indo pela alameda que seguia para a direita. Ramon observou os dois, abraçados, se afastarem e percebeu a energia que emanava dos dois e de como iluminavam o caminho, à medida em que andavam... Ele os acompanhou até perder de vista, admirado com aquela explosão de amor que envolvia os dois...

Então começou a pensar na imaturidade das pessoas... O amor, quando começa é paixão e é vibrante, só que, como todas as coisas, evolui e vira algo próximo da fraternidade, companheirismo, lealdade, a verdadeira amizade... "O amor evolui para a amizade!" pensou... Infelizmente, esses conceitos não promovem embriaguez de adrenalina, como a paixão, tampouco são valores reconhecidos... Assim, quando o amor se transforma e deixa de arder como paixão, as pessoas acham que ele já acabou e se separam... Tudo por causa do sexo, da fidelidade, dos valores impostos por hipócritas dominadores que queriam pouco mais do que se locupletar com a energia dos outros.

Quando deu por si, estava sentado dentro da pequena gruta, no alto da escadaria, dentro de um círculo riscado no chão, provavelmente com o galho que se encontrava à sua direita no chão, um incenso queimava à sua esquerda e alguns meninos o olhavam do patamar um pouco acima, meio curiosos...

Religou o celular, apanhou o livro e recomeçou a lê-lo. Imaginou-se escrevendo um livro de sua vida, de seus encontros, das mensagens que, muitas vezes recebeu de completos estranhos... Das coincidências que não aproveitou... De como foi obrigado a deixar de ser sincero... Do quanto sofreu, na juventude, por causa da sua espontaneidade e honestidade... De como foi usado e manipulado, não por ter um intelecto fraco, antes, pouco malicioso, crédulo... Se alguém lhe dizia algo, reputava imediatamente como verdade, sem questionar... Foi duro aprender a desconfiar

Seu telefone celular vibrou, era Deise.

_ Oi, linda. Tudo bem?

_ Tudo. Eu estive na delegacia, o tio Cosbare me ligou ontem à noite... As notícias não são animadoras...

_ O que houve?

_ Era um pedaço de broche coala, aquele pedacinho de metal, lembra?

_ O do carro?... Sim... E daí?
_ Bem, eu prefiro conversar pessoalmente. Onde você está?
_ No Parque Lage...
_ Ótimo lugar, para conversar... Você pode me esperar? Eu estou em casa, vou de ônibus... o 996 me deixa aí na porta...
_ Tudo bem, eu fico aqui!
_ Eu conheci um rapaz interessante hoje... Seu nome é Renato... Renatooo... Sebrada, alguma coisa assim... É o assistente do tio Cosbare. Acho que você vai gostar de conhecê-lo...
_ Com certeza, meu amor. Se agradou a você, vai me agradar também...
_ Ok! Já já eu estou chegando aí! Beijo!
_ Beijo!

Deise entrou no ônibus vazio, pensou por um instante em qual seria o lado que receberia mais sol durante a viagem e sentou-se, justamente, neste lado. Abriu ligeiramente a janela, de modo que o vento não fosse muito forte. Abriu seu jornal e começou a lê-lo calmamente, política, a cidade, ciência. De repente, por intuição, abriu no obituário. Estava lá: "Missa de 30º dia da morte de David Rosberg". O nome ecoou repetidamente na cabeça de Deise, que afastou os olhos do jornal e deixou-os vagar ao longe, como se estivesse vendo os navios e o esplendor da Baía de Guanabara. "Rosberg, Rosberg... Já sei!". O pensamento lhe escapou pela boca e ela olhou rapidamente em volta, como que verificando se chamara a atenção de alguém. "Já sei, é o tio que eu conheci em Penedo!... Pôxa, que pena! Um sujeito bastante legal!". Subitamente, uma idéia lhe passou pela cabeça. Pegou o celular e discou, de imediato para Cosbare.
_ Tio?... É Deise!
_ Fale minha querida, algum problema?

_ Tio, a sessão de óbitos! Tem uma sessão de óbitos, não tem?
_ Com calma, filha! O quê tem uma sessão de óbitos?
_ Ah, desculpe, o informativo coala.
_ Tem sim! Por quê?
_ Isso eu posso ver, ou não posso também?
_ Bem... Vamos fazer o seguinte, o que você quer ver nessa sessão!
_ Não sei, tem a causa da morte?
_ Tem.
_ Então, eu quero ver os nomes, as causas das mortes dos coalas... digamos, desde os últimos três anos...
_ Bom, três anos não vão ser tão fácil de se levantar assim, mas, posso arranjar isso para você...
_ Que ótimo! Você tem o do mês passado aí?
_ Tenho.
_ Veja, para mim, por favor, do que morreu David Rosberg.
_ Um momento... Quer dizer... Posso lhe telefonar em uma hora ou duas. Eu estou um tanto ocupado agora.
_ Legal, tio. Eu espero o telefonema então.

Deise se auto-intitulava "teórica da conspiração". Acreditava, sinceramente, num "eles" responsáveis pelo controle de tudo o que acontece no planeta. Com efeito, em seus estudos do kardecismo, convenceu-se de que os mesmos espíritos, dos Romanos, estavam ainda hoje no controle do mundo. Muitas vezes, em discussões com amigos falava a frase "Se os gregos tivessem um exército mais forte!", insinuando que seriam estes e não os romanos a controlar o mundo até os dias atuais. Simplificava seu raciocínio da seguinte forma: A forma de dominação dos romanos sempre foi manter as tradições dos povos dominados, incutindo aos poucos, através de troca do nome de entidades e motivos de datas comemorativas, por similares latinos. Assim, os povos continuariam suas adorações, mas gradativamente aceitando os termos romanos. Espantava-se quando seus

alunos não entendiam o que chamava de "rebaixamento dos deuses", que os romanos fizeram ao descobrir que o monoteísmo era um segmento do mercado religioso mais promissor. Isto é, oportunistas como sempre, resolveram que se devia haver um Deus apenas, então que houvesse, aliás sempre houvera, Zeus, o supremo. Os outros eram meras pessoas especiais, "santos", o da chuva, o do vento, o da colheita, o do amor... Era uma especialidade dos romanos "mudar o passado", como o Miniver de Orwell[8]. Uma prática que se estende até hoje. Deise lembrou-se da discussão que teve com a mãe, por causa de uma novela de época, mais ou menos de 1939, onde as mulheres eram todas promíscuas e trepavam à vontade pelas matas das fazendas. A mãe dizia que era assim mesmo. Deise argumentou, ferozmente, dizendo que "passou a ser assim, porque interessa para eles que as mulheres, agora, sejam promíscuas.", ela lembrava a discussão como se houvesse ocorrido havia poucos minutos... "Mãe, a senhora acha que as mulheres tinham realmente essa segurança toda, naquele tempo? Isso é o que querem que você pense! Estão mudando o passado, mãe, acorda! Lembra, até a última novela, tudo era rígido, as moças eram subservientes e tinham medo, agora são destemidas prostitutas..." e provocava a mãe "não que eu tenha alguma coisa contra ser prostituta, aliás a senhora também leu o Jabour[9]!". Mudar o passado... Passado, presente e futuro, havia mesmo aquilo?. Por um instante, um sorriso brotou-lhe nos lábios, "Anyway, essa mudança é interessante, porque indica que deve haver "elas", entre "eles", agora!". Ramon não concordava nem discordava das teorias conspiratórias

---

[8] ver "1984" de George Orwell, onde existe um Ministério que recolhe revistas e fitas antigas, substituindo-as por outras re-escritas, a fim de que o Big Brother não erre nunca seus prognósticos.

[9] "Eu sei que vou te amar!", de Arnaldo Jabour, onde ele diz que "Toda mulher, devia ser prostituta!"

de Deise, aliás, viram o filme[10] juntos e concordaram em muitos pontos com ele. Assinavam um grupo de notícias na internet chamado *Conspirewire*[11] e conversavam muito sobre o assunto com os amigos.

Uma entrevista no jornal chamou a atenção de Deise. Fernando Brascoe, autor do livro a cuja tarde de autógrafos iriam comparecer, também se declarava um "teórico da conspiração". "Essa é uma das coincidências de que Ramon tanto fala!" Vai ser ótimo conversar com esse Fernando.

O ônibus entrou na avenida Jardim Botânico e Deise ficou atenta, pois sempre perdia o ponto para descer no Parque Lage. De longe, avistou o Clube Militar e, rapidamente, levantou e tocou a campainha. O ônibus parou imediatamente e Deise percebeu que havia se adiantado dessa vez. Meio sem graça, pediu ao motorista, como todos no Rio de Janeiro sempre "muito educado e cordial", que parasse no ponto seguinte. O "arrancão" do ônibus quase a jogou no chão, tal como a freada brusca, algumas centenas de metros depois... Ela sorriu discretamente do estresse do motorista, agradeceu e saltou, caminhando para o parque.

Subiu a ladeira até a grande praça em frente ao castelo, perdeu alguns instantes observando crianças brincando alegremente, o chafariz que, raramente estava ligado, o sol, batendo nas folhas e nas árvores. Ali, ela não tinha problemas para enxergar o que chamava de "aura" das plantas, precisava de muito pouca concentração. À esquerda do castelinho, Deise viu o carro de Ramon e não resistiu ficar um pouco perto dele... Deslizou a mão pela carroceria, sentindo a vibração do noivo. Olhou para cima, sentindo sua presença e, mesmo com todas as árvores, podia perceber o local onde ele se encontrava. Caminhou então pelas

---

[10] "Teoria da Conspiração" (Conspiracy Theory - EUA - 1997) - direção Richard Donner, com Mel Gibson e Julia Roberts
[11] www.Conspirewire.com

escadas irregulares e chegou ao platô, parando em frente ao lago e olhando para o patamar superior, onde fica a gruta. Num instante, Ramon surgiu e lhe acenou para que subisse. Ela mal percebeu as escadas.

Abraçaram-se e se beijaram demoradamente, como se houvesse dias que não se vissem. Desceram um lance grande da escadaria e se sentaram num banquinho de madeira, pouco acima do lago.

_ Meu amor, as notícias são confusas..._ disse Deise.

_ Não compreendo, qual o problema de se achar um pedaço de broche coala no carro do seu pai?

_ Bem, segundo o Tio Cosbare, o papai lavou o carro, na quinta-feira, antes da reunião...

_ Minha querida, acho que você está contagiando seu tio e alterando-lhe o senso policial. A probabilidade de seu pai ter levado alguma esposa de coala ou filha ou mesmo de que algum outro coala tenha entrado no carro com o pedaço de broche preso à roupa é muito grande... Eu tenho uma forte sensação de que o que aconteceu..._ Ramon hesitou, como se estivesse mudando de opinião... bem... foi realmente uma fatalidade.

Deise mostrou-se um tanto desanimada, pela frieza de Ramon, mas explicou, assim mesmo, a idéia do jantar com Cosbare e a esposa na semana seguinte. Ela começou a falar de Renato:

_ ... o rapaz é inteligente, bem articulado, tem algum conhecimento e eu sinto uma vibração forte vinda dele.

_ Deise, Deise..._ Ramon estava sendo irônico, como raramente fazia, na intimidade.

_ Meu amor, além de novinho, ele não faz o meu tipo, viu? Aliás, ele até me disse que ama a namorada...

_ Ahaha! A primeira coisa em que um homem fala, para disfarçar uma cantada, é a mulher... Minha querida, quais são suas intenções para com esse rapaz, hein?

_ Ramon! Eu acho que ele podia fazer parte daquele grupo de estudos que nós estamos querendo montar...

_ É..._ Ramon mudou de tom, ficando sério.

_O que foi? Você não quer pessoas muito novas?
_ Minha linda, primeiro, não é "eu não quero", tem que ser "nós"... Depois, eu só estou pensando em quê esse grupo vai dar, no futuro...
_ Acho muito cedo para pensar no futuro de algo que não existe ainda...
_ Correção! Já existe, no momento em que começamos a falar no assunto há uns meses, o grupo passou a existir... Acredito mesmo que esse Renato e seu tio Cosbare não tenham sido postos em nosso caminho à toa... Talvez, até mesmo esse escritor esteja cruzando nossa estrada por uma razão específica...
_ Escritor?... Ah, sim! Você sabe que eu li que ele é também um teórico da conspiração?... Que coin..._Deise parou a palavra no meio e sorriu.
_ É, eu começo a me interessar profundamente por essa tarde de autógrafos...

Os dois resolveram então caminhar até a cachoeira, por dentro do mato, esquecendo momentaneamente do resto do mundo...

***

Cosbare e Renato faziam perguntas, na favela onde acontecera o assassinato de Tucão, caso que, agora, investigavam, por pressão da governadora do Estado e da imprensa, que acusava policiais militares de terem matado o bandido, por corrupção. De repente, ouviu-se um tiro e a parede a uns treze centímetros da cabeça de Renato ficou com um buraco, sujando-o de barro do tijolo mal emboçado. Cosbare e Renato se abaixaram, enquanto outras balas voavam em sua direção. Rapidamente, jogaram-se para trás do muro da casa vizinha, e sacaram seus revólveres, procurando a origem dos disparos.

Renato pegou o celular e ligou para os outros policiais que se encontravam na entrada da favela, mas estes não responderam... Um menininho passou

correndo, "é os homi, é os homi!"... Cosbare estranhou, mas podia jurar que o menino estava sorrindo...

Mais balas atingiram o muro e a parede da casa em cujo quintal os dois se protegiam... os moradores, como que num passe de mágica, sumiram completamente... Tudo o que ouviam eram portas e janelas batendo e mais balas, agora de uma metralhadora, sendo disparadas em sua direção... "Larguem o caso!"; "Quem morreu foi um bandido!"... Cosbare e Renato ficaram abaixados esperando o momento em que o quintal seria invadido e eles, certamente, seriam fuzilados...

_ Chefe, sem boiolice, foi muito legal trabalhar com o senhor..._ disse Renato...

_ Corta esse papo, garoto, você anda vendo muito "enlatado" americano! A gente não vai morrer, porra!

_ É, agora eu vou fazer questão de sair daqui para contar para todo o mundo que eu te ouvi falando um palavrão _ Renato riu.

_ Não é hora de piadas, rola para atrás daquela cisterna! Alô, alô, cadê vocês, porra? _ Cosbare falava ao celular com um comboio que se aproximava...

A resposta dava conta de uma barricada na entrada da favela, que com muito custo tinham conseguido vencer!

_ Eu não estou a fim de morrer aqui, caralho! Venham logo!_ gritava Cosbare ao telefone.

De repente, um som forte e uma bala de fuzil estraçalhou o muro, onde estaria Renato, se não tivesse pulado para trás da cisterna. Cosbare pulou para dentro da casa, atravessando a janela, no melhor estilo "hollywoodiano"... Os dois não haviam disparado um tiro sequer... Além de não adiantar, pois não sabiam de onde vinha o ataque, poderiam acertar algum inocente... De repente, Cosbare sentiu uma pancada na cabeça e tudo ficou escuro...

Um balde de água fria fez com que o delegado acordasse. Viu-se amarrado a uma cadeira, com homens encapuzados, ostentando uniformes policiais, à sua volta, um deles, de menor estatura, falou:
_ Delegado, delegado... Por que o doutor continua investigando esse caso? É um bandido a menos nas ruas... Deixa isso para lá, diz que não conseguiu provas conclusivas, que foi um tiro de outro bandido que matou o cara...
_ Eu não entendo... Por que vocês se arriscam tanto me deixando vivo? Metam logo uma bala na minha cabeça e encerrem o caso vocês mesmos!

Cosbare procurava detalhes que pudessem identificar aqueles homens, um cordão, uma pulseira, um anel, brincos... qualquer coisa... Habilmente, estavam todos com camisas de mangas compridas e de luvas, além das máscaras de esqui.
_ Olha aqui, doutor Cosbare... Antônio Cosbare, casado com Brigite Cosbare, morador do apartamento 304, do edifício 432, da praia de Icaraí... Pai de...
_ Legal, você sabe a minha ficha, conhece minha família, e daí? Sabe meus hábitos, onde minha filha estuda...
_ A cidade da Holanda onde seus pais estão morando...
_...
_ Surpreso, delegado?
_ Deixa logo de bobagem e me mata logo! Onde está o garoto que estava comigo?
_ Bom, o menino vai ficar sem andar por uns dias... Mas acho que não é definitivo, ele irritou um dos nossos... o cabo se zangou e deu um tiro no pé dele... bem... e outro um pouco acima do joelho... eu acho que não vai deixar seqüelas...
_ É... já que você quer falar, fale mais um pouco, então. Para um PM você tem um linguajar bem rebuscado... Por que não deixou as insígnias no seu uniforme? Talvez a plaquinha com seu nome, oficial...

_ Olha só! _ o homem pareceu um pouco contrariado _ Vamos deixar uma coisa clara. Se a gente quisesse matar você, a gente já tinha feito, sacou? Nós não vamos matar você, nem nenhum dos seus... agora... Feche o caso, acabe com o inquérito, não forneça mais argumentos para o ministério público...
_ O que faz você acreditar que eu vou fazer isso?
_ No fundo, você concorda com a gente... Bandido bom é bandido morto! Você aprova o que nós fizemos e nós respeitamos isso. A gente sabe que você só está cumprindo o seu dever... Eu sei até que você tá mais interessado no caso do granfino que morreu, uma gatinha a filha dele... Além do quê, a gente não quer matar um bom policial, um cidadão honrado que ainda pode fazer muito pelo nosso país e pela nossa sociedade...
_...
_ Corrupção existe em qualquer lugar. Vai dizer que nunca fez vista grossa, para um desvio numa apreensão? Nunca fechou um inquérito, sabendo que se mexesse um pouco mais os pauzinhos, chegaria a uma conclusão?
_....
_ A gente não foi lá para matar o Tucão... Eu vou falar friamente a verdade... A gente foi lá para dar uma prensa nele, tirar uma grana, um dos nossos estava com problemas com um agiota... Você sabe, essa corja que vem se desenvolvendo como um câncer na nossa sociedade... Se aproveitando do desespero das pessoas que vão sendo espremidas por esse sistema concentrador de renda... Agiotas e banqueiros... Quer ouvir uma piada? Qual a diferença do agiota para o banqueiro? O banqueiro tem apoio oficial do governo.
_ Tudo bem... Eu te entendo... Mas se você tem toda essa consciência cívica, deve saber que eu não vou poder deixar de executar as minhas tarefas... Se você fez o seu dever de casa direitinho, deve saber que eu nunca

encerrei um inquérito, sabendo que podia levá-lo a uma conclusão, doesse em quem doesse...

_ Há controvérsias, doutor, há controvérsias... Eu sei que nós vamos correr o risco de perder tudo o que construímos, em bases lícitas ou não, deixando que o doutor vá embora, mas... Eu sei, também, que as pessoas que eu represento tem conexões até na Holanda...

_ Olha, vamos fazer o seguinte, não bota a mãe no meio!

_ Por quê? Senão o doutor bota no meio da minha? Ahahahah... Lamento informá-lo de que isso é muito fácil, quer dizer, agora que ela tá velhinha vai ser até um favor... Ahahahah...

_ Muito bem, negão, vamos fazer o seguinte:

_...

_ Surpreso, oficial? Vocês são oito, aquela mocinha e o loirinho ali devem estar aqui só para figuração, o que os reduz...

_ Saia do caso! Não queremos matar um policial! Matamos um bandido, um tumor maligno na sociedade! Preze sua família, sua vida! Apaga ele!...

Cosbare mal teve tempo de sentir os braços em volta de seu pescoço e já estava desacordado...

O sol forte da manhã queimando seu rosto foi o que despertou Cosbare. Estava mal trajado, com uma bermuda rasgada e sem camisa, sua perna estava molhada e o cheiro parecia de urina. Sujo por ter passado a noite no chão, Cosbare se levantou e começou a tentar identificar o lugar onde estava... Havia muito mato à sua volta, indicando que estava num lugar de "desova" de cadáveres... Ao longe um som que parecia de um ônibus chamou sua atenção... "Bom, há condução!", pensou.

Esforçou-se por reconhecer o lugar, em vão. Caminhou na direção do som do ônibus, mais ou menos por uns vinte minutos entre árvores esparsas, sem

avistar viva alma... Chegou a uma pequena estrada de barro batido, cujas marcas de pneus indicavam a passagem recente do coletivo, ou caminhão... Pássaros cantavam... Cosbare sentiu a fadiga intensa da falta de alimentação, da pancada na cabeça e da tensão do dia anterior... Tentou lembrar da conversa com o policial, dos momentos do tiroteio, mas sua cabeça doeu ainda mais.

Então, sem alternativa iminente, Cosbare voltou para o meio das árvores, procurando "perceber" a existência de água por perto... Imediatamente, seus dons coalas, apesar de incipientes, se manifestaram e ele foi na direção de um riacho, outros trinta minutos, do outro lado da estradinha.

Chegando ao ribeirão, Cosbare tirou a bermuda rota que o vestia, descalçou os chinelos e deu um mergulho, sem sequer climatizar seu corpo, sentindo o agradável contraste do frio da água. Imaginou, então, que devia estar em alguma serra ou região alta, pois a temperatura do rio era realmente baixa. Isso não o incomodou de forma alguma.

Já mais aliviado apenas pelo mergulho, ele bebeu um pouco da água, deixando que seu interior também começasse a se harmonizar com o lugar. Saiu da água e, qual não foi sua surpresa ao ver alguns pés de eucalipto um pouco à sua direita, eram plantas pequenas, que em alguns anos seriam árvores frondosas.

Seus olhos brilharam, ele apanhou um grande número de folhas levou até a margem do rio e formou uma almofada com algumas delas e, com o resto formou um círculo de mais ou menos um metro e meio de diâmetro. Apanhou uma folha, que a seus olhos brilhou mais do que as outras e inalou profunda e repetidamente o odor suave do eucalipto, banhou-se mais uma vez, agora entoando internamente o ritual de energização que aprendera na Ordem Coala.

Saiu da água e sentou-se na almofada de folhas de eucalipto, virado na direção dos eucaliptos, com as pernas dobradas a frente do corpo, apoiando os cotovelos nos joelhos, separados à distância do tronco, formou com as mãos os sinais de "contém", com a esquerda, e "está contido", com a direita, envolvendo a segunda com a primeira, à altura de sua testa. Pelo orifício formado entre as mãos, focalizou a maior das futuras árvores, rapidamente enxergando a energia que fluía em volta dela e, também, muito rapidamente, viu essa energia se expandir por todo o seu campo de visão, inclusive por sobre seu corpo. Inspirou e expirou paciente e ininterruptamente, sentindo-se parte de todo ambiente à sua volta.

Pássaros e pequenos animais aproximaram-se e ficaram por perto. Uma pequena cobra saiu da água e rastejou em volta do círculo de eucaliptos, parando, como que comandada por alguma coisa, à frente de Cosbare. Ele, então, abriu a boca e falou, entoando a prece coala da energização, invocando forças e espíritos próximos em seu auxílio, o colorido de um deva chamou-lhe a atenção no horizonte. Uma brisa e o sol forte refletiu-se no rio, balançado pela brisa, parecendo incendiar as águas, próximo à areia da margem.

Por um curto momento de consciência, Cosbare percebeu que o ritual se estendia por um tempo acima do normal, o que indicava que seu nível energético estava bem abaixo do que pensara.

O deva se comunicou e Cosbare agradeceu-lhe a ajuda, que ainda seria fornecida, como se já houvesse acontecido. Estava na hora de encerrar o ritual. Lenta e mentalmente, ele fechou os olhos e fez mais uma prece agradecendo à natureza que, naquele momento, lhe havia cedido a energia dos elementos, sobretudo da água. Com calma desfez o círculo formado pelas duas mãos e foi esticando os braços, sem mover o resto do corpo. Uma vez com os braços bem estendidos,

começou a desdobrar os joelhos até que as pernas ficassem, por sua vez, estiradas ao máximo. Com os membros já fora do círculo, ele se deitou, pé e mão esquerdos na água e o resto do corpo na areia. Olhou a luz forte do sol por uns instantes, fechou os olhos por outros tantos e observou os animais, à sua volta, notando inclusive a cobrinha ao seu pé. Pegou então a folha de eucalipto, que havia inalado, e comeu-a, mastigando lentamente, como se absorve-se cada quantum de sua energia. Poderia passar semanas, se fosse preciso, alimentando-se com uma folha daquelas por dia.

Julgando pela posição do sol, calculou ter gastado uma hora e meia em seu ritual. Completamente refeito, Cosbare vestiu novamente a bermuda e calçou os chinelos, deixando que sua intuição o guiasse. Voltou à pequena estrada, justamente no momento em que passava uma carroça.

_ Bom dia!
_ Dia...
_ O senhor pode me dizer onde eu estou?
_ Claro, moço, o senhor está em Pirapetinga...
_ Pirapetinga? Minas Gerais?
_ Uai, onde mais haveria de ser Pirapetinga?
_ Tem razão... O senhor pode me levar até à cidade?
_ Deu sorte, que eu to indo para lá...
_ É... que sorte, né?_ Cosbare deu um sorriso de canto de boca.

Ali mesmo em Pirapetinga, Cosbare conhecia alguns maçons, que poderiam ajudá-lo a voltar para o Rio, com efeito, estivera fazendo algumas investigações por lá, com ajuda da polícia mineira (sem duplo sentido), havia alguns anos.

Prontamente, os policiais civis locais arranjaram-lhe roupas e contato com a polícia do Rio, pois Cosbare estava preocupadíssimo com Renato. O susto, ficou por conta da notícia de que passou um dia e meio na mata,

provavelmente, sob efeito de alguma droga. Os policiais acharam que foi sorte dele não ter sido comido por nenhum animal, ou morrido de frio à noite, no meio do mato e sem camisa.

Como a cidade é uma espécie de "corredor", principalmente na ligação entre o Rio de Janeiro e Itaperuna e cidades vizinhas, vários carros com placa do Rio passam por ali, o que fez com que ninguém notasse o carro de seus raptores. Evidentemente, nenhuma viatura carioca esteve também naquela cidadezinha.

_ Delegado Cosbare, eu vim logo que soube._ disse Márcio Bracose, delegado de Pirapetinga._ Como você está?

_ Eu estou bem, obrigado. Seus homens foram muito prestativos.

_ Você deu muita sorte, lá no mato.

_ Acredite, sorte não tem nada a ver com isso. Márcio, certo?

_ Sim.

_ Eu preciso que você me faça um favor. Investigue próximo ao local onde fui achado, o homem da carroça já deu as coordenadas. Um carro lá por aquelas bandas não parece ser algo comum...

_ Fique tranqüilo, você tem amigos influentes. Ao primeiro sinal de que você estava em Minas, meu celular começou a tocar, nossos trabalhos já começaram. Eu lhe telefonarei, tão logo tenha informações confiáveis.

_ Perfeito._ policiais da delegacia de Cosbare entraram._ Bom, eu preciso ir. Delegado, esses são Amadeu e Barbosa, detetives da minha delegacia. Este é Márcio Bracose, delegado aqui de Pirapetinga.

_ Muito prazer!_ disse Márcio, ao que foi respondido pelos dois recém chegados.

Uma vez no carro, Cosbare mudou completamente o tom de voz:

_ Seus babacas! Por que, diabos, vocês não subiram para me dar ajuda?
_ Chefe, _ respondeu Amadeu_ Os bandidos cercaram a gente lá embaixo também, era uma gangue diferente, gente que a gente nunca viu por ali!
_ Puta que pariu! Vocês não podiam ter chamado mais gente. Como é que eu posso confiar em bundas moles como vocês? Como está o Renato, agora? E a minha responsabilidade? O moleque nem detetive é, estava lá comigo, cheio de gás!
_ Pô, chefe, dá um desconto! A gente também távamos sobre fogo cerrado!
_ Tava! A gente tava! Fala direito, o analfabeto!_ disse o Barbosa.
_ Fica quieto, Barbosa. Deixa o Amadeu falar! E o menino, como está?
_ O médico disse que ele vai ficar bom, vai levar uns quinze dias para andar de novo.
_ O chefe tá falando palavrão_ cochichou Barbosa.
_ Eu ouvi isso!_ disse Cosbare, reprimindo um sorriso._ Mas não se acostumem, é um estresse momentâneo.

O resto da viagem transcorreu em silêncio, quebrado apenas por uma ligação de Cosbare para casa, a fim de tranqüilizar sua família.

De volta ao Rio, a primeira coisa que Cosbare fez foi visitar Renato no hospital. Os tiros não haviam causado lesões permanentes, mas a demora no atendimento causou uma pequena inflamação na coxa, no local onde o policial havia indicado.

_ Bom, chefe, eu fico feliz de vê-lo aqui. Todos achamos que aqueles corruptos o tinham matado.
_ Corruptos? Você os viu bem Renato?
_ Para falar a verdade, não, chefe estavam com uniformes de PM e com máscaras de esqui. Foi tudo muito rápido, eles surgiram por trás de mim, me encapuzaram e rodaram umas duas horas comigo no porta-malas.

_ E onde te deixaram?
_ Em Paracambi, num matagal. Eu ainda ouvi os filhos da puta conversando, tinha um cabo babaca, que disse um monte de merda, eu respondi e ele não gostou, me dando esses dois tiros. Parece que, aí, eles se "tocaram" de que eu era policial também e me largaram lá, encapuzado e com os pés e mãos amarrados. Uns moleques me acharam e começaram a brincar comigo, como se eu fosse um cadáver. Quando eu falei, eles saíram correndo e levou ainda um monte de minutos até aparecer um dono de uma padaria e me levar para o hospital de lá.
_ Os caras são bons mesmo. Deixaram você num canto e eu no outro! Nem o mesmo caminho os safados fizeram.
_ Tudo bem, o que importa é que nós estamos vivos. Agora a gente pega os filhos da puta.
_ Não é tão simples, eles sabem muito a nosso respeito. Temos que ter cuidado com nossas famílias. Até sobre os meus pais na Holanda, eles estão sabendo.
_ Caraca! O que a gente faz, então? Encerra o caso?
_ Não. Mas aqui não é hora nem lugar para a gente discutir isso. Quando é que vão te dar alta?
_ Amanhã.
_ Tudo bem, amanhã eu vou à sua casa.
_ Você quer saber do mais engraçado?
_ O quê?
_ Devolveram os nossos revólveres, distintivos e documentos. Os talões de cheque, cartões de crédito, celulares e dinheiro sumiram é claro... Ah! As algemas também, devem ser "sadô-masô", os caras, eheheh...
_ Só você mesmo para me fazer rir, nessa hora... Eu vou começar a procurar esse tal "cabo", estou achando que isso não é patente, mas alcunha! Anyway, nos vemos amanhã, certo! Fique bom depressa...

Fernanda, noiva de Renato, fazia o curativo na perna dele, quando Cosbare chegou. A mãe de Renato

saíra para compras e os dois estavam sozinhos no quarto do rapaz. Ele havia acabado de chegar do hospital e tomara um banho para se recuperar do trajeto feito no calor do Rio de Janeiro.
_ Olá, Fernanda, tudo bem! Oi, Renato, e essa perna? _ cumprimentou Cosbare.
_ Só de estar em casa, eu já me sinto melhor, chefe!
_ Que bom que o senhor chegou, doutor Cosbare, eu precisava mesmo ir para casa, arrumar algumas roupas. Eu vou passar esses quinze dias aqui, ajudando a mãe desse "moço" a tomar conta dele._ disse Fernanda._ Querido, eu vou até minha casa, pegar algumas roupas, dar alguns telefonemas e volto, ok? Você está bem acompanhado e sua mãe já volta, então, você não vai ficar sozinho.
_ Não se preocupe, Fernanda! Eu fico com ele até a dona Maria Eugênia chegar. Ah! E pare com esse negócio de Doutor! Você sabe que não precisa .

Ela riu e se despediu dos dois, dando um beijo "de novela" em Renato, que deixou Cosbare um tanto sem graça. Uma vez sozinhos, Cosbare disse:
_ Preste atenção! O que vai acontecer agora, tem que ser um segredo entre nós dois.
_?? Do que você está falando, chefe?
_ Eu sinto que posso confiar em você e estou prestes a lhe dar um enorme voto! Isso porque eu gosto de você.
_ Ihh, o senhor está me assustando.
_ Deixe de bobeiras! Relaxe e concentre-se. Você quer ficar bom?
_ Claro que quero. E vou ficar!
_ Mais rápido do que você pensa._ Cosbare parecia medir as palavras, mas mostrava-se bastante apressado, como se o tempo fosse curto_ Sua mãe deve estar chegando e eu não sei se terei outra oportunidade a sós com você.
_ O que o senhor vai fazer? Um milagre? _ Renato esboçou um sorriso...

_ Não existem milagres, meu filho. O nosso desejo é mais poderoso do que imaginamos! Feche os seus olhos e repita o que vou dizer, de acordo?
_... de... acordo...

Os dois fecharam os olhos, Cosbare começou a respirar profundamente, no que foi imitado por Renato. Cosbare, então recitou uma pequena prece, que Renato repetiu obediente e prontamente. Então, Cosbare começou a esfregar suas mãos. Renato abriu seus olhos, não conseguia se concentrar o bastante, estava assustado.
_ Chefe, eu estou assustado, estou lhe vendo como uma imagem de televisão com fantasma!
_ O supremo se manifesta de muitas formas _ disse Cosbare, sem perder a concentração._ Você vê, aquilo que melhor atingirá seu consciente. Como eclético que sou, já o vi de diversas maneiras, como anjos, devas, gnomos de todos os jeitos e tamanhos...
_ O pessoal, na polícia, sabe que o senhor usa drogas?_ tentou descontrair, Renato.
_ Eu não estou brincando aqui! Concentre-se! Ou será que eu avaliei precipitadamente sua maturidade?
_ Desculpe, eu estou realmente ficando assustado.
_ Não devia, para quem já assistiu rituais wiccanos, um passe não era para ser surpresa.
_ Tudo bem, eu já recebi vários passes, mas nunca com tamanha seriedade, nem com ritual.
_ Anyway, cale-se, agora! Você quer ficar bom? Então pense nisso: "Eu vou ficar completamente curado!", de agora até eu mandar parar, pense apenas na sua perna ficando boa, veja-a boa e o seu pé também. Imagine-se correndo, jogando bola, qualquer coisa, mas concentre-se na perna, certo?
_ Certo! Posso ficar de olhos fechados?
_ Deve!

Cosbare levou as mãos à sua cabeça, colocando a palma da mão direita sobre a testa e a da mão esquerda

sobre o dorso da direita. De olhos fechados, entoou mentalmente um canto coala, juntamente com uma prece, Renato ouviu apenas o OM, como fazem os budistas.

Ambos começaram a suar, a temperatura no quarto começou a subir. O som emitido por Cosbare tomava conta de tudo. Ele, então, uniu as palmas e os dorsos das mãos alternada e lentamente, esfregando-os no peito a cada troca de posição.

Renato arriscou abrir um pouquinho os olhos e, de repente, foi como se Cosbare não estivesse ali. Podia senti-lo, mas não podia vê-lo, mais tarde, Cosbare explicaria que estava vibrando numa freqüência cujos sentidos de um homem não podiam perceber. Na hora, entretanto, Renato preferiu achar que estava em alguma espécie de transe. Ele piscou e o que viu, então, foi uma grande luz colorida, em ameixa e amarelo, que parecia cobrir todo o quarto.

Cosbare levou as mãos à coxa e ao pé de Renato, primeiro a uma distância de três centímetros, mentalizou uma prece, depois dois centímetros, outra prece, um centímetro, outra prece e, finalmente, tocou os pontos feridos da perna e do pé do rapaz, que respirou rapidamente, como um susto, contraindo-se por completo, num longo espasmo e distendendo-se novamente, como que "derretendo" sobre a cama. Lentamente, Cosbare, afastou as mãos até os três centímetros, com uma prece a cada trecho e manteve-as próximas dos locais dos ferimentos, por aproximadamente um minuto. Ainda antes de acabar, Cosbare, virou-se para Renato e perguntou:

_ Falo com seu inconsciente: Posso confiar em você?

_ Claro! _ a resposta veio como se o rapaz estivesse em transe.

_ Então, nesse momento, eu encerro o ritual de cura, em nome da Deusa e dos mentores que estiveram aqui presentes. Você não deve nada a ninguém, o que foi

feito foi espontâneo, você não tem obrigação nenhuma para com ninguém, sua vida continua como foi até agora, haja de acordo com sua consciência! Desça da cama!

Renato abriu os olhos:

_ Você tá falando sério?

_...

_ Cara, eu vou descer, hein?

_...

_ Novinha! Tá novinha! Minha perna tá até melhor do que a outra... Minha Deusa, eu tenho um chefe milagreiro...

_ Já disse, que não existe milagre!

_ E como eu vou "disfarçar" isso agora? Quer dizer, se tem que ficar em segredo entre nós... Como é que eu explicar para todo mundo?

_ Diga que foi um milagre!

_ Tá maluco, ou melhor, tá querendo me deixar maluco?

_ Não, você e eu sabemos que não foi um milagre, mas ninguém vai entender isso. As pessoas gostam de milagres. Aproveite, para reforçar sua fé, para fazer "propaganda" de seja lá em que, ou em quem, você acredita... Ou, ajude a fé de sua mãe, diga que foi o santo dela!

_ O que você está dizendo? Se foi a Deusa quem me curou, eu escutei você falar. Como eu posso dizer que foi o santo da minha mãe? Eu estaria sendo ingrato com a Deusa!

_ Renato, preste atenção. O Supremo é um só. O nome que você dá a ele não interessa. O Deus do Ocidente é um deus humano, ciumento, possessivo, vingativo. Talvez a Deusa que os bruxos e wiccanos cultuam também seja. Mas a melhor definição da "posição" de Deus que eu já vi até hoje, está no *Baghavad Gitá*[12]. Em linhas gerais, diz que não importa como ou a quem você

---

[12] Baghavad Gitá - A sublime canção, um dos livros sagrados do Bramanismo.

cultue, qualquer que seja o nome do seu deus, você está cultuando *o Brahma*, por isso ele não se "zanga" com você.
_ É, eu consigo vislumbrar o que você está dizendo, mas é difícil se desfazer dessa imagem de um Deus que não vai ficar zangado se você disser que outro fez o que Ele fez. Nesse caso, Deusa.
_ Eu só usei a imagem da Deusa, porque você me disse que está envolvido com Wiccanos. Se você fosse evangélico, eu teria dito "em nome de Jesus".
_ Tá brincando!
_ Mais ou menos... se você fosse evangélico, não me teria deixado concluir o ritual... Eu acho.
_ Eheheh...
_ Anyway. Explique como você quiser, só não diga que "fui eu". Porque, de todas as explicações que você criar, essa será a menos verdadeira.
_ Tá... tô sacando..._ disse Renato ironicamente.
_ Eu posso te garantir que, se você não tivesse desejado com vontade, não teria acontecido... Agora vá tomar um banho. Sua mãe vai gostar da surpresa.
_ Ihh! A Fernandinha vai gostar ainda mais, quando me encontrar inteiro aqui!...

***

Apesar do sol, Isaura resolveu colocar uma roupa mais formal para a tarde de autógrafos. Pedro já vinha com o carro para buscá-la, segundo avisara pelo telefone havia poucos minutos. Após colocar o perfume, resolveu ligar para a sobrinha, a fim de confirmar o encontro e acertar detalhes como, quem iria levar quem, se iriam em carros separados, entre outras coisas.
_ Alô! Oi tia, estamos quase prontos, o Ramon está vindo para cá...
_ Muito bem, o Pedro já está quase chegando. Como iremos, no nosso carro ou em dois carros?
_ Acho melhor irmos em carros separados, tia, pois eu e Ramon vamos a um jantar, após os autógrafos.

_ Jantar, hein? Que bonito o amor!...
_ Eheh, não é o caso, tia. Vamos jantar com o meu tio Cosbare, na casa dele.
_ Cosbare? O policial que estava investigando o caso do seu pai?
_ Sim, as investigações ainda não terminaram.
_ Mas vocês não vão mais incomodar o meu Pedro, vão?
_ Tia Isaura, eu tenho quase certeza de que não, só que não é possível garantir alguma coisa. Se "as coisas" apontarem para ele novamente _ Deise foi irônica.
_ Nem brinque com uma coisa dessas... nem brinque com uma coisa dessas, minha filha. Anyway, então nos encontramos na livraria, às três, três e meia, ok?
_ Ok. Beijinho.
_ Beijo.

Deise já havia acabado de ler o livro de Fernando Brascoe e tinha muitas coisas para conversar com ele, se conseguisse conversar com ele, sua intuição apontava que iria conseguir o diálogo.

Enquanto esperava Ramon, Deise resolveu olhar o informativo coala de seu pai. Certificou-se de que não havia ninguém próximo e pegou, na bolsa, o pequeno jornal. Estava disposta a ler tudo. Não interessava mais qualquer segredo coala que viesse a descobrir. Com efeito, começou a imaginar quantas mulheres, filhas, irmãs de coalas não teriam lido aqueles informativos. Mesmo achando que um erro não justifica outro erro, aquela idéia lhe servia de conforto, pois sentia que precisava a todo o custo, daquelas informações.

Demorou-se alguns segundos, para rasgar o envelope. Não saberia explicar o que sentia naquele momento. Um misto de excitação e medo, como uma criança fazendo uma travessura. Passara a vida toda respeitando aquele envelope cinza, branco e verde, ela e as outras sobrinhas chegavam mesmo a temer que algo lhes pudesse acontecer, se um dia abrissem aquela

correspondência. Achava-se estranha, uma mulher, ciente de que nada de anormal ocorreria ao violar aquele jornal, mas ainda titubeava para fazê-lo. O respeito pelo pai também era muito forte. Ainda antes de abrir, pensou no que diria Emanuel, se soubesse que ela abriu o informativo coala.

Então, o óbvio veio à sua cabeça. De que adiantaria procurar no informativo do mês? O que precisava era procurar nos números atrasados, pois ali, sim, poderia encontrar alguma coisa. Achou engraçado o funcionamento da mente: no momento em que decidiu não abrir o envelope, passou a sentir menos culpa por ler os informativos de seu pai, como se abrir o envelope fosse "o crime" e não a leitura dos jornaizinhos.

Agora, Deise imaginava onde poderiam estar guardados os jornais. De repente, percebeu-se praticando uma impropriedade maior. Já havia buscado a chave e estava entrando no quarto de seu pai, para mexer nas "coisas de coala" dele.

Ela olhou detidamente para o quarto e o choro foi inevitável. Mais uma vez pensou em ir embora e parar com aquilo tudo, conformando-se com o fato de que a morte de Emanuel não passara de uma absurda fatalidade. Contudo, estava decidida a concluir, definitivamente, a história toda.

Deise sentia, que apesar do baú, extremamente pesado, que entregara na árvore de seu pai, ainda haveria de encontrar pertences coalas pelo quarto. Afinal, Emanuel passara uma vida pertencendo à irmandade.

Ela correu os olhos pelo quarto e, então, deu-se conta de que era a hora de esvaziá-lo. Não havia mais sentido de manter aquela quantidade enorme de roupas, sapatos e cachimbos, entre outros pertences do pai, que ainda permaneciam ali, como se ele fosse chegar para usá-los novamente. Engraçado, ela pensou, como ninguém havia falado nisso com ela ainda, após todo

esse tempo. Imaginou, e chegou a esboçar um sorriso, que todos poderiam estar pensando que ela queria manter as coisas daquele jeito.

Experimentava novamente o misto de medo e excitação de "criança fazendo arte", mas a vontade de se livrar do "peso" era maior. Deise abriu um armário e não se conteve diante da visão das roupas de seu pai. Com todo o esclarecimento que possuía, pensou, ainda era humana e não dava para deixar de sentir o pouco de energia de Emanuel impregnada naquelas peças de roupas. Ainda uma última vez, Deise pensou em esperar por Ramon e pedir ajuda, mas descartou rapidamente essa hipótese, com efeito, queria terminar antes que ele chegasse.

O contato físico com algo que ficou tão perto de seu pai, por tanto tempo, fez com que as lágrimas caíssem-lhe, agora, copiosamente. Virou, mexeu no primeiro armário, sem sucesso, no segundo, uma mala lhe chamou a atenção, ela lembrou do que o tio lhe disse, na entrega dos pertences, na cerimônia, na árvore. Bem, o que quer que estivesse naquela mala, ela esperava que fossem os informativos, ela devolveria, após ver o que procurava.

Lentamente, ela puxou a mala, que se mostrou mais pesada do que aparentava. Uma vez no chão, Deise esperou que a poeira abaixasse e testou as fechaduras. Estava aberta! Um cheiro forte de papel inundou o quarto e Deise sentiu-se muito gratificada por ter encontrado o que procurava.

Por mais um minuto, Deise se permitiu hesitar. "Pai, o que estou fazendo?" ela pensou. Do nada, uma pequena brisa bateu-lhe no rosto... "Pai?"... Ela não escutou nada, mas uma sensação forte de "siga em frente" invadiu-lhe e, num movimento brusco, ela abriu a mala.

Não havia lá dentro, apenas os informativos coalas... Recortes de jornais, com observações de

próprio punho de Emanuel grampeadas neles, também estavam lá.

Imediatamente, atendendo à sua curiosidade, Deise pegou o primeiro dos recortes. Era uma entrevista do presidente da República, sobre um programa para erradicação da fome no Nordeste. "Bem intencionado, contudo não vai adiante, muitas coisas interferem na existência de fome no Nordeste... Os interesses são muito grandes... O programa vai começar a ser esquecido em seis meses, Romualdo Abreu, Secretário de Combate à Fome, ainda vai tentar mantê-lo, mas não vai conseguir... Não consigo ver uma solução muito prática para o caso... Devo ligar para ele e sugerir que mantenha, pelo menos o núcleo de Muribeca, ali estará a possibilidade de retomada do projeto, no futuro (obs. ver onde fica Muribeca)." essa era a mensagem no papel, grampeada à reportagem.

"Minha Iemanjá, papai era vidente. Será que ele ligou para o sr. Romualdo, secretário?", o nome ecoou na cabeça de Deise e ela se deu conta de que Romualdo Abreu fora Secretário de Combate à Fome havia seis anos... Então, olhou a data do artigo e confirmou seu pensamento... "Hummm... deve haver algo mais recente... será que esse tal Romualdo também é ou era coala? Pensando bem, que fim levou o sr. Romualdo, eu me lembro bem dele, foi um bom ministro, mas, infelizmente, papai estava certo, o projeto não conseguiu erradicar a fome... Bem, pelo menos, há uma situação melhor no Nordeste agora...Anyway, deixe-me voltar ao que estava procurando..."

Resistindo à tentação de ler todos os recortes, ela remexeu a pilha de papéis e encontrou o primeiro dos informativos coalas. Datava de quatro anos atrás e a manchete era "Geraldo Luís da Paz, escolhido Grande Coala para o Brasil", virou as folhas rapidamente, procurando por um índice, a fim de ler o mínimo possível, o medo e a excitação voltaram e sua respiração

ficou ofegante... Uma pequena manchete, no canto inferior de uma página, chamou-lhe a atenção:"Coala morre do coração em Rondônia e família não aceita!". Era coincidência demais, cada vez menos, Deise acreditava em coincidências... A campainha tocou. Certamente seria Ramon, ela não queria que ele visse os alfarrábios de seu pai, não queria que ele a visse ali. Rapidamente, separou o informativo e pôs a mala no armário novamente. A voz de Cleonice soou pela casa, anunciando a chegada do noivo, Deise pode ouvi-la batendo na porta do seu quarto, trancou o armário, saiu, trancou o quarto e foi ao encontro da "secretária" como chamavam a velha Cleonice.
_ Estou aqui, Cleonice. Onde o Ramon está?
_ Está na biblioteca, ué? Deise, Deise... Há muitos anos que eu não te vejo com essa cara de menina sapeca que aprontou alguma coisa... Onde você estava?
_ Ihhh, em nenhum lugar! Deixa isso para lá, Cleonice...
_ Tudo bem, eu deixo, mas não vá fazer nenhuma coisa da qual se arrependa depois, hein!
_ Tranqüila!

Deise foi até o cômodo onde Ramon aguardava, ele se levantou, à entrada dela e ela pulou em seu pescoço, dando-lhe um beijo vigoroso.
_ Eu te amo! Você é um grande homem, eu já te disse isso?
_ Uau, meu amor... Você é uma grande mulher, também... Ah! E eu te amo também...
_ Eu fiz uma coisa que não sei se foi certa.
_ Hummm... O que você quer que eu pense?
_ Não, bobo. Eu não saí com ninguém, não. Até porque, eu teria avisado, né?
_ Bom, o que você fez, então? Eu não consigo imaginar Deise Arbosce fazendo algo errado...
_ Eu mexi nas coisas do meu pai...
_ Bem... E...
_ Você acredita em coincidências?

_ Que pergunta!
_ Tem razão... Vou reformular... Por que será que quando a gente vê uma coincidência num filme ou novela ou livro, enfim, a gente acha que as coincidências são coisa de ficção?
_ Meu amor, quer ouvir uma coincidência? Eu pensava nisso, ao ler o livro da sua tia.
_ Você está lendo o livro, é? Humm, o grande Ramon Caberos, lendo Shirley McLaine... Quem diria.
_ Boba! A questão é que, se juntarmos o que diz Redfeld[13], com suas teorias da conspiração, chegaremos e, pelo menos, eu cheguei a essa conclusão de que, como a mídia é uma forma que o "sistema" possui de desvalorizar qualquer coisa que possa fazer com que as pessoas evoluam, as coincidências excessivas nos filmes, novelas e servem para que nós as ridicularizemos e não lhes demos a importância que merecem...
_...
_ Mais ainda, acredito que a máxima de que "Devemos nos concentrar exclusivamente no que fazemos" é uma forma de nos afastar das coincidências que ocorrem à nossa volta. Quer dizer: Se nós deixamos de perceber o que acontece em volta, quando estamos executando alguma tarefa, podemos perder alguma coincidência que, talvez tenha sido gerada por aquela ação que praticávamos...
_ Legal, aí não concluiremos nada, ficaremos desviando a atenção para cada coisa que surgir...
_ Humm, radical! Você sabe que a vida não é assim "2+2=4". Eu não disse para largar o que se faz, a qualquer ocorrência repentina, apenas para que não se deixe de perceber a ocorrência... Se você vai ter que largar o que está fazendo ou não, depende de uma série de fatores, encabeçados por sua intuição!

[13] James Redfeld, em "A Profecia Celestina"

_ Ehehe, eu sei. Estava brincando.
_ Mas, anyway, você quer continuar o que estava falando?
_ Curioso, hein? Depois nós mulheres é que somos curiosas...
_...
_ Legal. Eu não agüentei esperar pelo Tio Cosbare, mesmo sabendo que vamos jantar com ele hoje. Não conseguiremos conversar muita coisa, porque a mulher dele vai estar junto e não será delicado excluí-la do assunto... Eu sei que você pode conversar com ela, mas, certamente, não será a mesma coisa. Então, eu resolvi mexer nos informativos do meu pai... Achei um, esse aqui, falando sobre... Meus orixás!

Deise, ao olhar para o papel, em sua mão, parou e ficou lendo a matéria com extremo interesse, quase ignorando a presença de Ramon...
... Só um minuto... Deise acabava de ler a matéria._ É coincidência demais! Eu não sei se posso te explicar tudo, quer dizer, são as coisas do papai, né? Mas eu achei um recorte de jornal, aí, eu achei esse informativo que falava de um coala morto por ataque cardíaco e a família não aceitou passivamente, parece comigo, né? Só que o coala morto aqui no informativo, é o mesmo cara do recorte de jornal... Mas não estavam próximos... O informativo eu peguei, "no bolo"...
_ Fique tranqüila. "Aumente sua calma"[14]._ disse Ramon, rindo._ Qual o nome do sujeito? Quem sabe eu não entro nas coincidências também?
_ Romualdo Abreu.
_ De Rondônia? Que foi Ministro, quer dizer, Secretário de Combate à Fome, no governo passado?
_ Sim, não vai me dizer que você o conhece?
_ Claro que conheço! Ele era casado com uma amicíssima minha, ultimamente muito distante,

[14] Alusão ao filme "O demolidor" (Demolition Man - EUA - 1993) - direção Marco Brambilla , com Silvester Stalone e Wesley Snipes.

Alexandra Bracose Abreu, de Minas. Eles estavam tocando uma reminiscência do projeto de erradicação da fome, numa cidadezinha de nome engraçado, em Alagoas ou Sergipe...
_ Muribeca!
_ Isso, Muribeca! O Romualdo morreu... Pôxa, como eu me afastei da Alexandra...
_ Isso é que são coincidências...
_ Eu vejo que você tem feito os exercícios que eu te recomendei. Você disse que mexeu num bolo de informativos... Não me diga que você achou uma mala cheia de recortes de jornal, com comentários presos a eles.
_ Tá bom, eu não digo!
_ Meu amor, se você acha que está me revelando alguma coisa dos coalas, fique sabendo que guardar malas com recortes de jornal, presos a prognósticos... O que dizia o recorte? E o comentário preso a ele?
_ Mais tarde eu te falo. Mas falava em Muribeca. Precisamos nos concentrar, estamos nos perdendo aqui!
_ Viu? Isso nos afasta das coincidências, vínhamos num ritmo bom, mas o corre-corre do dia-a-dia nos "trouxe" de volta... Eu sei que temos também a tarde de autógrafos. Vá se arrumar, eu espero.
_ Ih, minha Deusa, a tarde de autógrafos! Tem razão.
_ Você combinou o quê, com sua tia?
_ Vamos no nosso carro. Até para podermos ir para o jantar depois!
_ Você não vai passar em casa para trocar de roupa?
_ Acho que não será preciso... Vamos direto.

No caminho, não falaram mais sobre o assunto, Deise fez um resumo do livro Despertar da Lua, de cuja tarde de autógrafos iriam participar. O livro falava de um futuro distante da humanidade e da multiplicidade de dimensões do tempo, num ambiente místico, com mentores espirituais, anjos, devas, bruxos e sensitivos de uma forma geral. Ramon ouviu interessado e disse

que, tão logo acabasse de ler Minhas Vidas, leria o livro de Brascoe.

Tia Isaura estava numa elegância desproporcional ao evento, enquanto Tio Pedro vestia-se despojadamente, como num domingo de golfe no clube, mostrava-se mais animado, surpreendendo a todos com sua presença num evento desse tipo, no meio da tarde.

_ Tio Pedro? Que surpresa, pensei que fosse "arranjar uma reunião" na Tecsolving...

_ Olá, minha filha, sua tia merece que eu esteja ao lado dela, além do que, eu estava mesmo precisando de um *day off*...

_ É, _disse Ramon_ todos nós precisamos, de vez em quando.

_ Concordo._ completou Isaura _ Olá, meus filhos, como vão? Ramon, já terminou o livro?

_ Ainda não, mas essa semana eu acabo. Estou achando verdadeiramente interessante...

A mega-livraria, na Rua do Ouvidor, fervilhava de pessoas, às três da tarde, momento em que Brascoe, pontualmente chegou, cumprimentando muita gente, no caminho da porta até o painel montado, na área onde ficava a seção de CD's, na sobreloja.

Nas paredes, poemas e crônicas do outro livro do autor chamado de "Textículos e Textos", trechos de Despertar da Lua e, no vídeo, um curta metragem, feito e produzido por alunos de publicidade da escola onde Fernando lecionava.

Havia aproximadamente umas duzentas e cinqüenta pessoas, com alguns escritores famosos, como Antônio Torres e Luís Fernando Veríssimo, artistas e outras personalidades populares, influentes ou nem tanto. Alunos de Brascoe contribuíam para a atmosfera de descontração que reinava naquele salão.

Deise já tinha seu livro e Ramon resolveu comprar um na hora, enfrentando uma fila considerável para pagá-lo. Como a livraria não estivesse fechada,

muitos curiosos também se aproximavam, o que fazia com que o evento tomasse proporções maiores do que realmente era.

No momento em que Ramon chegou para pegar o seu autógrafo, Deise virou-se para o escritor e disse:
_ Boa tarde! Eu me chamo Deise Arbosce, como vai?
_ Boa tarde! Eu vou bem obrigado e você?
_ Bem, também, obrigada! Acho que talvez tenhamos uma mensagem, um para outro, não? Como teóricos da conspiração que somos, eheeh...
_ Cuidado, então! "Eles" podem estar nos escutando agora!_ os três sorriram_ Deise Arbosce, certo? Eu não conheço seu sobrenome?... Oh, sim! É verdade, eu me lembrei, da empresa de software... Bom, façamos assim, após os autógrafos, eu vou para casa, vocês não querem ir comigo?
_ Para sua casa? Claro, não é meu lindo?
_ Não gostaria de ser eu a lembrá-la, querida, _disse Ramon_ mas nós temos o jantar, na casa do delegado Cosbare...
_ Antônio Cosbare?_ perguntou Fernando.
_ Sim, você o conhece?_ perguntaram os dois em uníssono.
_ Claro! Podem considerar o jantar de vocês transferido para a minha casa... quer dizer... se vocês não forem conversar algo íntimo... Desculpe-me a ingerência indevida...

Deise e Ramon se entreolharam e deixaram para decidir mais tarde, após os autógrafos, o que fariam com o jantar. Precisavam conversar com Cosbare sobre o caso Emanuel, mas tinham coisas para conversar com Fernando, também, e esta seria um excelente e rara oportunidade.
_ Anyway, decidam e avisem-me. E, acreditem, sinto que tenho algo a conversar com vocês também, portanto, não se preocupem de esta ser uma oportunidade muito rara. Podemos marcar para outra

ocasião. Minha agenda, apesar de cheia, ainda é controlada por mim.

Novamente os olhos dos dois se procuraram. "Seria o escritor, leitor de mentes?". Colocada desta forma, a questão estava resolvida, conversariam naquela noite com Cosbare e marcariam uma nova data para o encontro com Fernando. Ramon tomou a iniciativa, como se fosse íntimo:

_ Nesse caso, se pudéssemos marcar logo para amanhã, estaria ótimo. Um jantar, onde você quiser.

_ Bom, façam o seguinte: eu estou um pouquinho ocupado nesse exato momento. Aquela moça ali é a Arlinda, minha assistente, dêem, por favor, o seu telefone para ela e eu mesmo os procurarei, com uma ou duas datas disponíveis para marcarmos nosso encontro. Garanto-lhes, no entanto, que não passará da semana que vem. Está bom assim?_ concluiu Fernando.

_ Perfeito! Abençoado seja!_ disse Ramon.

_ Abençoado seja._ respondeu Fernando.

_ A propósito!_ interferiu Deise, um tanto apressada, pois as pessoas na fila já começavam a encará-los de forma nem tanto hospitaleira_ O seu livro é fantástico. Eu fiquei encantada. O conceito de Deus que ele mostra é bastante acurado.

_ Muito obrigado.

Ramon e Deise foram até Arlinda e passaram o cartão dele para a assistente, reproduzindo o recado de Fernando, ao que a menina respondeu com um sorriso, guardando, em seguida o cartão em uma enorme agenda de capa roxa. A cor da capa da agenda chamou a atenção de Ramon. Um pequeno pentagrama, na parte inferior, mais ainda.

Empolgados com a futura reunião, Deise e Ramon foram ao encontro de Pedro e Isaura, que passeavam distraídos pelos textos de Fernando. Como a livraria tivesse sua pequena cafeteria, apinhada de pessoas que participavam da sessão de autógrafos, mais

os freqüentadores habituais, resolveram tomar um café num restaurante da Rua do Rosário.
_ Encantador esse menino, não? Eu pretendo ler o livro assim que chegar em casa._ disse Isaura
_ Você vai gostar muito, tia. Já você, tio, eu não sei se o livro fará o seu "estilo"._ completou Deise.
_ Você tem razão, minha filha, sua tia tenta, tenta, mas eu não consigo me envolver com essas coisas místicas. Seu pai, mesmo, vez ou outra, vinha com esses assuntos, misturados aos negócios e eu ficava meio que "de lado" da conversa, embora estivéssemos, muitas vezes, apenas os dois.
_ É, tem razão, papai era um homem muito místico. Tinha um poder muito grande, a aura dele era algo impressionantemente visível.
_ Concordo, linda, muitas vezes, vi a aura de Emanuel e me tranqüilizei com ela.

A menção do nome de Emanuel, causou alguns silêncios de olhares perdidos pelo restaurante, naquela mesinha perto da entrada.
_ Nossa, vocês já repararam os pães e doces que há nesse restaurante?_ disse Isaura, tentando retomar as conversas, mas sem muito efeito.

Após mais alguns segundos, em que os outros três pareceram ignorar completamente a observação de Isaura, Deise rompeu o silêncio.
_ Nós vamos jantar na casa do delegado Cosbare, hoje.
_ Eu sei._ disse Pedro_ Vocês ainda acham que não foi uma fatalidade?
_ Nós não sabemos o que achar!_ interferiu Ramon_ Já sabemos o que não foi._ disse secamente, encerrando o assunto e, provocando um sorriso tímido de agradecimento, no rosto de Pedro.

Após despedirem-se, os casais dirigiram-se a seus carros e, deles, para seus destinos.
_ Amor, nós vamos chegar cedo à casa do tio Cosbare. Que tal uma paradinha no shopping, ali, ao lado das

Barcas, para comprar um vinho, alguma coisa para a casa dele?
_ Boa idéia _ concordou Deise._ Há uns artigos esotéricos lá, que poderão ser um presente bem original.
_ Eu fiquei feliz em ver que você não se abalou muito, ao falarmos de seu pai.
_ Lindo, eu já estou bem grandinha! Todos os dias eu converso com meu caboclo, ele me dá uma ajuda boa.
_ Eu preciso ir ao seu centro qualquer dia, gostaria de conversar com esse caboclo.
_ É o Caboclo Roxo. Você vai gostar dele. É uma menina chamada Márcia, quem recebe, ela é uma médium poderosa.
_ Sei... E os sonhos, seu pai tem aparecido?
_ Não muito, acho que eu estou muito ansiosa para sonhar com ele, então estou bloqueando, para não interpretar mal ou tendenciosamente, qualquer coisa que ele venha a me dizer.
_ É uma boa teoria.
_ Anyway, mudando de assunto, que coisa interessante esse nosso encontro com o Brascoe, não?
_ Linda, você leu "A Profecia"[15], quando nós desejamos alguma coisa e ela é possível, ainda que difícil, ela acontece. Você vem querendo e, confesso, eu também, esse encontro com esse cara, há vários dias, principalmente, depois de ler sobre as teorias conspiratórias dele.
_ É verdade. Sabe, eu posso sentir, que não estamos nos envolvendo à toa com todas essas pessoas. Desde o tio Cosbare, o menino Renato, esse Brascoe..._ Deise parou, como que avaliando o que dizia...
_...
_...
_ Eu andei pesquisando os coalas.

[15] "A Profecia Celestina" - já citado anteriormente.

_ Eu também!_ Deise se empolgou, começando a falar, sem perceber que interrompera Ramon_ Como eu dizia, o informativo coala que falava sobre a morte do tio Romualdo, não estava sequer perto do recorte de jornal, no qual papai fazia a "profecia" dele... Será que o papai era vidente? Anyway, veja só: A família do tio Romualdo, ele tinha mulher e um filho de quatorze anos, do primeiro casamento, não aceitou passivamente o fato dele morrer do coração. Aliás, isso é difícil para um coala, né? Eles levam uma vida tão regrada, comem organizadamente, poucos, talvez nenhum, têm vícios. Sabe, eu já fui a muitas solenidades coalas e acho que nunca vi um deles fumando... Será que eles se reuniam secretamente, naquelas salas, só para fumar escondido da família? Ehehe... Tá bom, foi sem graça. Agora, o tio Romualdo morreu do coração, também quando estava dirigindo. Aí, já é coincidência demais, não? Quando eu chegar em casa, vou continuar olhando os informativos, isto é, se o tio Cosbare não me aplicar uma severa reprimenda, certo?...

_...

_...

_... Você disse que estudou os coalas?

_ Disse!

_... Como assim? Estudou? Você começou a falar qualquer coisa sobre a mala com os recortes...

_ O que deu em você?

_......... Não sei! De repente, desandei a falar, como uma metralhadora... Eu mesma já estava ficando de saco cheio de mim...

_ Bom, sigamos Descartes. Analisemos a questão fracionadamente, ok? Eu disse que estudei os coalas. _ Ramon falava pausadamente, desviando a atenção do trânsito, às vezes para encarar Deise e ver se ela o acompanhava_ De fato, não foi fácil arranjar material sobre a ordem deles e, na verdade, nesse momento, eu me sinto fortemente impelido a não passar adiante o que

descobri. A influência da energia que emana dessa ordem é de tal magnitude, que eu julgo parecer impossível que alguém venha a "sacaneá-la".
_... Anyway...
_ Anyway, como você está disposta a, se necessário, invadir os mistérios coalas para obter uma resposta satisfatória para o caso do seu pai, acho que posso lhe contar o que andei "apreendendo"[16] sobre a ordem coala.
_ Conta, confesso que estou curiosa, como nunca estive antes, a respeito da ordem de papai, mesmo porque, acho que a resposta passa por algo que só eles possuem... Se é que há resposta...

Saindo da ponte, após passarem pela "onda livre" do pedágio, pegaram a direção do Centro. O trânsito começava a ficar movimentado pela hora do r*ush* e a tranqüilidade habitual de Niterói começava a ser quebrada. Ramon continuou:
_ Muito bem. Ontem, eu saí a caça de algum livro coala perdido em algum sebo. Andei pela Praça Tiradentes, pela Uruguaiana, Rua do Carmo, fui até à Lapa e, como quem persiste acaba sendo recompensado, na grande maioria das vezes, achei um sebo meio escondido, numa ruazinha, em Santa Teresa. Não era um "estabelecimento" oficial. Um senhor montou uma pequena loja, na garagem, em frente à sua casa e, lá, colocou vários livros de sua própria coleção para alugar. Uma grande "sacação", que eu já tinha visto em Sergipe, numa vez em que estive lá, a passeio. Enfim, aos poucos, ele foi ganhando e comprando livros usados ou novos e aumentando sua biblioteca. Hoje, ele tem mais de quinhentos livros, quase mil, para ser exato, na garagem, para alugar. Os estudantes da vizinhança, apanham os livros com desconto ou até de graça e ele é

[16] Referência a "Moonrise", outro livro de Fernando Escobar, onde é muito usado o verbo apreender, no lugar de aprender.

bem quisto no lugar. Ele me contou, orgulhoso, que uma equipe do JB[17] foi entrevistá-lo.
_ Legal, agora é você quem está sendo prolixo... Vamos pôr no estacionamento, mesmo! _ disse Deise, apontando a entrada do estacionamento do shopping.
_ Ok! Encurtando a história, eu procurei bastante nos livros dele e, quando ele viu que eu não estava achando o que procurava, ele puxou uma mala que havia acabado de receber de uma senhora, se não me falha a memória, de São Paulo, que veio passar uns dias no Rio, para se acalmar, devido à morte de seu marido e de seu cunhado, gêmeos, num acidente de automóvel em Ribeirão Preto. Quando eu olhei a mala, o que eu achei? No meio de uma dezena de Jorges Amados, Machados, Raquéis, Clarices e outros grandes nomes de nossa literatura, um manual coala de história e exercícios práticos...
_ Meu amor...
_ Isso mesmo! Eu confesso que fiquei sem ação, na hora. Por sorte, eu havia passado no vinte e quatro horas e sacado o dinheiro para hoje e para, eventualmente comprar alguma coisa, que eu não sabia quanto iria custar. Não titubeei. Aparentando interesse naquela grande quantidade de Jorges Amados, ofereci, trezentos reais pela mala toda. Ele pediu quinhentos, por causa da mala... Engraçado, até. Eu fui ao carro, abri a mala dos livros, despejei-a, na mala do carro, e a devolvi vazia, já com os trezentos reais na mão.
_ E você não leu?
_ Para falar a verdade, minha consciência entrou em conflito com minha curiosidade e eu achei melhor não lê-lo imediatamente. Eu também respeito muito um segredo e fica difícil, penetrar tão intimamente, em alguma coisa tão séria, sem um motivo justo ou de forma leviana.

---

[17] Jornal do Brasil - jornal diário que circula apenas no Rio de Janeiro.

_ Quer dizer, que nós estamos carregando, na mala do carro, nesse minuto, um manual coala?
_ Estamos.
_ Uau! Bom, isso, certamente, nós não vamos falar com o tio Cosbare! Ou vamos?
_ Não. Vamos unir nossas intuições e ver o que faremos, amanhã de manhã....
_ No Lage!_ Deise não deixou Ramon completar a frase.

Eles desceram do carro e caminharam pela garagem, até a escada, onde subiram para o shopping, que ficava no nível da rua. Uma série de barraquinhas com artigos esotéricos, desde incensos, bonecos de gnomos e velas até carrilhões, almofadas e quadros, espalhava-se pelo primeiro piso, fazendo com que o casal caminhasse a esmo por alguns minutos, sem trocar uma palavra. Apenas observavam, como que esperando que a "coisa certa" lhes saltasse aos olhos. Não demorou muito!
_ Ali, aquele carrilhão! Não é lindo?_ perguntou Deise.
_ Um carrilhão? Não é exagero?
_ Você quer algo mais original?
_ Nesse ponto você tem razão, linda, mas você acredita que eles usarão nosso presente?
_ Claro que acredito, se não, não iria querer comprá-lo, lindo!_ eles se beijaram rapidamente.

Cosbare e sua esposa, Brigite, moravam num belo apartamento, também em Icaraí, num prédio, dentro de um supercondomínio, próximo ao teatro da UFF. Ramon deixou o centro e desceu pela Rua Miguel de Frias, parando na calçada em frente. O ambiente do prédio, gigantesco como o de Deise, era de uma simplicidade milimetricamente calculada, o porteiro foi de uma gentileza surpreendente, solicitando que aguardassem, enquanto estabelecia contato pelo interfone com o delegado.

Autorizados para subir, foram ao vigésimo-sétimo andar, ao apartamento 2712. Ramon reclamava muito, de ter que andar "quarteirões", como dizia, por andares enormes, apinhados de apartamentos gigantescos, como esse e o de Deise e outros, mais comuns no Rio de Janeiro e em São Paulo, ou grandes metrópoles, mundo afora, do que em cidades como Niterói. Deise lembrou-se do comentário de Roberval, de que sentia-se como um prefeito de um pequeno município, Ramon riu-se, comentando que, felizmente, esse condomínio só possuía um bloco.

Brigite abriu a porta com uma amabilidade brilhante, de tão sincera, estampada no rosto. Para uma mulher de policial, tinha um semblante muito calmo e um sorriso franco e contagiante. Seus olhos castanhos e o cabelo meio "chocolate" completavam a atmosfera de beleza marcante do rosto jovem, apesar da idade.

_ Sejam bem-vindos! Nossa casa é a casa de vocês._ ela disse estendendo o braço para que o casal entrasse._ O Antônio está no quarto, atendendo a um telefonema "do chefe", mas, já já, estará conosco. Eu sou Brigite Cosbare, esposa do Antônio.

_ Muito prazer._disse Deise_ Vai ser difícil chamá-la de tia, você parece mais nova do que eu. Eu sou Deise e esse é Ramon, meu noivo.

_ Olá, Ramon, fico feliz em encontrá-lo.

Ramon impressionou-se da citação ao "Feliz encontro"[18], saudação wiccana. Como ela poderia saber? De qualquer forma, os dois se sentaram na sala de estar, enquanto Brigite foi para trás de um bar, repleto de bebidas e, abrindo um frigobar, de onde tirou um suco de uva, em lata, perguntou se queriam alguma coisa. Ramon aceitou um copo do mesmo suco, enquanto Deise pediu uma dose de Martini.

---

[18] "Merry meet" - saudação usada por Wiccanos e novos adeptos da Velha Religião.

Alguns minutos depois, Cosbare estava na sala e a conversa começou com Deise perguntando sobre o seqüestro que ele havia sofrido.
_ É, não convém que entre em detalhes, eles aparentavam ser policiais, mas algo no comportamento deles me soou diferente, eu não sei explicar.
_ E quanto ao jovem que o estava ajudando?_ perguntou Ramon.
_ Ele já está recuperado._ respondeu Cosbare.
_ Completamente? Tão rápido? Tio, eu soube que ele levou dois tiros na perna e que um havia infeccionado, que a recuperação seria em quinze dias...
_ Minha filha, segundo ele me contou, foi um milagre do santo da mãe dele. Ela chamou até um padre para ir à casa deles e tentar "homologar" o ato. Infelizmente, para ela, eu estive conversando com o Renato, o santo dela é o "padim padi Ciço" e acho que, dificilmente o milagre será reconhecido. Anyway, não sou muito adepto da crença em milagres, mas, seja lá o que aconteceu, foi bom para o Renato.
_ Concordo,_disse Ramon, olhando firme para Cosbare_ seja lá o que aconteceu, ele fez por merecer e teve a presença certa, na hora certa.

Deise percebeu a "indireta" e pensou se Ramon realmente ainda não tinha lido o ritual coala.
_ Eu também acho que ele mereceu._ disse Brigite_ É uma rapaz que tem um potencial enorme.
_ Engraçado, acho que somos unânimes nesse ponto de vista. _ disse Deise.
_ Sim, esse rapaz tem um grande futuro._ afirmou Cosbare._ Mudando de assunto, se me permitem, apenas ontem eu me dei conta de que a tarde de autógrafos a que vocês se referiram era do Brascoe. Vocês disseram a ele que viriam aqui em casa hoje?
_ Sim, dissemos._ respondeu Deise_ Ele disse que vocês são muito amigos, chegou a insinuar que poderia mudar o nosso encontro para a casa dele.

_ Viu que cara-de-pau, amor? _ Cosbare perguntou a Brigite, em tom de brincadeira_ O filho da mãe some por um ano e acha que pode mudar nossos planos, de uma hora para outra.
_ Meu amor, _Brigite ria_ você acha que ele realmente acreditava que podia me fazer pegar um carro daqui até Petrópolis, Teresópolis? Onde ele está morando?...
_ Pôxa, ele mora tão longe?_interrompeu Deise_ E nós chegamos a pensar que iria acontecer mesmo. Ficamos de marcar na casa dele, em breve, acho que para semana que vem.
_ Semana que vem? Ih, é mesmo, _ lembrou-se Cosbare_ como passa rápido! É aniversário de casamento deles!
_ Eu não imaginei que ele nos fosse chamar para uma festa..._ disse Deise um tanto desapontada_ esperava uma conversa mais informal e íntima...
_ Não._ disse Brigite, Cosbare riu_ O Fernando e a Maria Alice não fazem “festa” no aniversário de casamento, mas eles têm uma “filha”, a Bastet, só o Fernando para pôr um nome desses, numa siamesa, que, invariavelmente vem aqui para casa, para que dêem uma “volta por aí”.
_ Desculpa a curiosidade, tio, mas ele também...
_ Não, minha filha, ele não é coala. Não por falta de convite... Ele teve uma decepção muito grande e diz não fazer mais parte de ordens místicas ou esotéricas, ele vem seguindo um caminho próprio, há anos. Tem respostas próprias para muitas perguntas, o que incomoda a vaidade de muitas pessoas. Mas, olha, nós somos muito íntimos, estudamos juntos na faculdade de letras... Fique tranqüila, se ele disse que vocês vão se encontrar, isso vai acontecer!
_ Anyway,_ interrompeu, secamente, Ramon_ Brigite, será que você poderia me mostrar a vista daqui?_ perguntou Ramon, indicando claramente que queria

deixar Deise e Cosbare à sós_ Olhando lá de baixo, ela me pareceu maravilhosa.
_ Perfeitamente. Você vai até tirar a minha curiosidade sobre o quê você leva naquela sua bolsinha..._ disse Brigite, com bom humor.

Mal os dois deixaram a sala e Deise foi direto ao assunto com Cosbare.
_ Tio, eu li um informativo antigo!
_ Menos mal! Eu imaginei que você fosse fazer algum tipo de investigação de rua.
_ Não, eu não acho que a resposta esteja no pu.., quer dizer, nas termas.
_ Tudo bem, o que você achou. Confesso que não tive "cabeça" para fazer a pesquisa que você me encomendou...
_ Eu achei outro coala que morreu do coração e a família não aceitou... Tio, fala sério, vocês não morrem do coração, né? Eu conheço alguns coalas que já eram velhinhos quando eu comecei a me dar por gente, lembro-me que achava que vocês eram imortais.
_ Não é bem assim, filha, mas a probabilidade é realmente, bem pequena, só que acontece! Enfim, qual é o nome do irmão que morreu?
_ Era aquele Secretário do Combate à Fome, do governo passado, Romualdo Abreu. Ele também morreu de enfarto, dirigindo, e a família não se conformou! Eu não acredito que isso seja uma coincidência!
_ Tem razão, não deve ser! Os dois estavam dirigindo e sofreram ataques cardíacos...
_ Então, que enfoque nós damos a isso?
_ Um que não seja precipitado._ Cosbare esboçou um sorriso de "pai" que chama a atenção discretamente...
_ Tudo bem, eu estou calma, mas sinto que estamos perto de alguma coisa aqui! O Ramon me disse que o manual que ele comprou no sebo, veio de dois irmãos de São Paulo, que sofreram um acidente em Ribeirão Preto! Você sabe alguma coisa disso?

_ Sim, os irmãos Alencar... Manual? Sebo? Que história é essa?
_ Deixa isso para lá, tio! Tem aquele tio de Penedo que eu conheci com o papai, morreu também! Olha, eu sei que devem morrer muitos coalas todos os meses, em algum lugar do país, mas acho que não do jeito que vem acontecendo recentemente...
_ Espere um pouco, filha! Essa coisa de manual em sebo é muito séria! Não pense que você vai desviar o assunto! Do que você está falando?
_ Eu falei demais, tio! O Ramon vai ficar zangado comigo!_ Deise explicou a pesquisa de Ramon e seu resultado.
_ Minha filha, eu não preciso dizer que vocês devem queimar ou entregar esse manual. Isso é um precedente muito perigoso! Você nem faz idéia. Não interessa o quanto ele andou para conseguir, isso não podia acontecer, os coalas de São Paulo cometeram uma falha gravíssima! Espere um pouco.

A despeito da preocupação de Deise, que pensava em como contar a Ramon que havia "batido com a língua nos dentes", Cosbare pegou o telefone, teclou treze algarismos, indicando que fazia uma ligação interurbana. "João? Cosbare! Olha só, eu estou com uma sobrinha aqui, o noivo dela encontrou um manual em um sebo aqui no Rio! Por quê eu liguei para São Paulo? Porque pertencia a um dos irmãos Alencar!... Isso mesmo, a viúva veio passar uns dias no Rio, doou uma mala com livros para o sebo e o manual estava lá dentro, inadvertidamente!... Eu sei que somos humanos, João, se você vai usar argumentos ordinários, eu vou desligar!... Eu não estou ligando para punir culpados, cacete! É um erro que em milhares de anos de ordem nunca aconteceu! Primeiro, o irmão pôs o manual fora do baú... depois não conferiram, quando a cunha...", parou a frase no meio, percebendo que falava demais na frente de Deise. Cosbare pediu desculpas, encaminhou-a

para a varanda onde estavam Brigite e Ramon e foi para o quarto com o telefone, avisando que não iria demorar muito.

Ramon e Brigite já conversavam animadamente, tendo revelado um ao outro seu segredo de praticantes solitários da Velha Religião. Deise chegou e contou direto, sem rodeios, para Ramon, o que estava acontecendo. A expressão no rosto de Brigite mudou, como se ela soubesse exatamente a medida da gravidade da situação que ainda não justificava, para Deise aquela reação de Cosbare.

_ Vocês não entendem, não é mesmo?_ disse Brigite._ Muito bem, sentem-se aí, o que eu vou lhes contar é algo que as mulheres dos coalas sabem, meio "fragmentado", pois, mais cedo ou mais tarde, acabariam por descobrir.

Deise e Ramon se entreolharam, no rosto dela, um pouco de preocupação, até mesmo com o que poderia acontecer a Brigite, e também de volta aquela sensação de "criança aprontando".

_ Fique tranqüila, Antônio diz que isso pode ser transmitido a parentes de coalas, quando há falecimento, como um recurso, talvez extremo, para consolar quem ficou. Não creio que seja o caso aqui, pois sinto que você vibra bastante calma, apesar de ter uma sensação de "incompletude".

_...

_...

_ Anyway, desde já eu digo que você, minha filha, deve convencer seu noivo a devolver o manual e você... bem... você deve saber respeitar um segredo!

Aquele jeito de falar, de Brigite, ficou registrado no inconsciente de Deise, pois, no momento, ela só tinha atenção para a narrativa de Brigite. Mais tarde, ela voltaria ao assunto com Ramon.

_ Os coalas, não são simplesmente uma ordem mística como as outras. Isso não é de causar espanto. Que eles

possuem dons, ou melhor, desenvolvem dons, que as outras pessoas não têm, também é algo que, de uma forma ou de outra, a gente que é parente, sente e ou finge não sentir ou evita se aprofundar.
_ Dons? _ Deise, divagou por alguns instantes_ Eu já vi papai dizer que o tempo ia mudar e ele mudou... Tem razão...
_...
_ Isso é "café pequeno", _ continuou Brigite_ eles têm uma percepção espiritual fora do comum! Eu sei, vocês vão pensar: então, por que Emanuel não se comunica e esclarece tudo, de uma vez? Porque não é desse jeito! Nesse momento, Emanuel está mais presente do que vocês imaginam, só que ele não vai interferir, é um compromisso que assumem, em vida, assim que aprendem a ter contato com seu próprio espírito!
_ "Peraí"! Contato com o próprio espírito? O que isso quer dizer? Que eles, conscientemente, falam com eles mesmos, num plano superior?
_ Interessante...
_ Em palavras simples é isso! Assim, o próprio espírito, quando eles trocam de consciência, não se permite comunicar diretamente o que as pessoas precisam saber. Não se furtam, todavia de ajudar com algumas "coincidências", para que a mensagem seja completamente transmitida. Compreenderam?
_ De certa forma, sim, tia. Mas, onde você quer chegar?
_ Concordo? O que você está querendo dizer? Qual a ligação com o manual no sebo?
_ Uma coisa que os coalas dizem, entre si, é que "a vida não é difícil, nós a complicamos, por não darmos valor intelectual às nossas intuições, devido a uma espécie de código, implantado em nosso subconsciente, desde que nascemos.", ou seja, a chave para um entendimento completo da existência, não um entendimento cartesiano, racional, mas um "misto" de racional e emocional, completo, é bastante simples. Os coalas só

possuem um manual, para toda a vida de estudos. Nele há poder bastante para um ser humano comum fazer muitos "estragos" até mesmo na história da humanidade, principalmente se considerarmos o "efeito borboleta"[19]. Diz-se, e eu acredito, que, alguém que lê o livro sem ter sido iniciado coala, e que tente praticar algum dos exercícios ali contidos, pode sofrer danos físicos, no extremo, chegando a morrer.
_ Minha Iemanjá, tia! Como você sabe isso tudo?
_...
_ Isso é conversado por esposas de coalas, já há muito, na ordem. O Antônio, eles dizem, tem dons especiais e eu também, por isso, apesar de novos na ordem, já estamos num estágio avançado.
_ Isso não causa ciúmes?
_...
_ Minha filha, os coalas não são pessoas normais! Se você for melhor do que um deles e eles puderem ajudá-la a ficar ainda melhor, não duvide que o farão. A vaidade, eles dizem, será a ruína da civilização como conhecemos, se eles não conseguirem alterar o rumo que a humanidade vem tomando ultimamente. O "sistema" é muito forte, muito forte! Vocês entenderam por quê aquele manual é tão importante? E por quê, deixá-lo ficar fora da ordem é grave? Nesse momento, uma série de reuniões deve estar sendo disparada, a partir do telefonema do Antônio, para se imaginar uma maneira disso nunca mais acontecer. Entendam, tem que ser erro zero, não é arrogância, eles são preparados para não cometer erros como as outras pessoas, pelo menos nos assuntos primordiais da ordem!

---

[19] Teoria da física quântica que diz, metaforicamente, que: uma borboleta batendo asas no Japão, pode causar, no ano seguinte, um vendaval no Brasil! Ou seja, os fenômenos existenciais propagam-se como "ondas num lago", aumentando indefinidamente (Explicação do autor!)

Cosbare entrou na varanda, visivelmente despreocupado com a polidez:
_ Eu preciso ter esse manual! Minha filha, fale com ele, Ramon, seja razoável...
_ Calma, amor_ disse Brigite_ eu expliquei a importância do manual. Tenho certeza de que eles farão a coisa certa!
_ Muito bem, _ disse Ramon_ compreendem que eu não sou um "ser supra-humano" e que o vislumbre de encontrar um material tão rico, ainda mais agora, após as informações da Brigite, resulta numa tentação sem tamanho... Mas, se há uma coisa que eu não sou, definitivamente, é vaidoso. logo...
_...
_...
_...
Todos ficaram na expectativa da conclusão da frase de Ramon, Deise não sabia o que dizer, havia muito tempo, que não se sentia uma "menininha", diante de uma discussão de tão alto nível!
_ Bem..._ continuou Ramon_ Cosbare, você é novo na ordem coala, certo? Eu gostaria que você aceitasse minha palavra de que eu não vou ler o manual, mas eu gostaria de sentir a energia que emana dele, por uns instantes, em casa, depois eu gostaria de ir ao seu local de reunião, árvore, certo? E conversar com alguém que tenha mais tempo do que você "de casa"...
Aquela não era a resposta esperada. Mesmo Deise, não imaginou que Ramon fosse reter o manual. Com efeito, ela chegou a pensar em interferir, mas sentiu que não devia causar um atrito com o noivo, naquele momento...
Cosbare não se mostrou muito resignado e disse:
_ Olha, eu não vou fazer segredo, agora, na frente da minha mulher e de uma sobrinha tão especial, mas, rapaz, se esse é o jeito que você está imaginando para

pleitear um ingresso na ordem, saiba que você está começando com “o pé errado”!
_ Reconheço que talvez essa não seja a atitude mais apropriada, contudo, quero que acredite que não abrirei, como não abri ainda, seu manual! Repito que a tentação é forte, mas minha determinação é infinitamente maior. Já nos “medimos” o suficiente, para você saber que cumprirei minha palavra, apenas preciso seguir minha intuição, o que não quer dizer que estou tomando uma “atitude correta”, o que você sabe que não existe!
_...
_...
_... Tudo bem... eu vou ligar e informar que o livro está seguro, em boas mãos. Você não tem idéia do que eu estou fazendo!... Vocês vão me perdoar, mas acho que não serei a melhor das companhias pelo resto dessa noite! Jantem com Brigite, eu faço questão. Se saírem de minha casa sem jantar a comida que foi preparada para vocês, considerarei uma ofensa, mesmo assim, peço que perdoem minha ausência, à mesa. Filha, amanhã mesmo, após resolvermos essa situação, farei uma pesquisa nos casos que você citou e darei prosseguimento a algumas investigações possíveis, não na esfera policial, se você me entende...

Dito isto, Cosbare retirou-se para o quarto e os três ficaram na varanda, por alguns minutos em silêncio. Brigite foi até a sala e aumentou a música, acendeu um incenso, serviu-se de um líquido cinza, que estava no bar, em uma garrafa de formato estranho. Deise e Ramon preferiram não experimentar a beberagem.

Vinte minutos depois, a empregada os chamou para a sala de jantar, onde desfrutaram de um saboroso estrogonofe de carne de soja, com purê de rosas, regado a vinho pouco alcoólico de abacaxi, comendo um pavê integral de nozes, como sobremesa. Um café descafeinado expresso e um licor de amareto fecharam a refeição.

Passaram a uma outra sala de estar, onde Brigite acendeu um novo incenso e, já mais descontraídos, ficaram conversando amenidades, por uma hora, talvez mais uns trinta minutos. Durante a conversa, no entanto, por alguns segundos, Ramon fechou os olhos e se distanciou, pronunciando em voz alta, sem perceber "está bem guardado, Cosbare, tranqüilize-se". As duas preferiram não comentar.

Deise e Ramon saíram da casa dos Cosbare quase à meia-noite. Uma vez no carro, Ramon a chamou para dormir na casa dele e ela aceitou. Ligou para Cleonice e informou que só estaria em casa, no dia seguinte, pedindo para que ela anotasse os recados. Eram poucas as vezes em que Deise dormia na casa de Ramon, com efeito, não era grande o número de vezes em que ela tinha estado lá.

Ele pegou a ponte Rio-Niterói, de volta para o Rio, seguindo pela Perimetral até descer na saída da Praça Mauá, em instantes estava cruzando, pelo viaduto, a Avenida Chile e passando pelos Arcos da Lapa, em direção a Santa Teresa. A casa era de arquitetura antiga, com uma cor ameixa, viva. Em seus dois andares, seis quartos, quintal e jardim, moravam, além de Ramon, sua mãe Andréa e sua irmã Maria Cristina, mãe de Ricardinho.

Todos na casa gostavam de Deise e ela de todos, especialmente Ricardinho, que não podia ver a tia, sem abrir um sorriso franco e correr de braços abertos, esperando pelos muitos beijinhos que receberia na testa e no rosto. Como chegavam de madrugada, apenas Maria Cristina ainda estava acordada, assistindo "Cidadão Kane"[20], segundo ela, o clássico dos clássicos.

Deise e Ramon entraram pé-ante-pé, saudando a notívaga, com um soprado e curto "tudo bem?". Uma

---

[20] Cidadão Kane ("Citizen Kane" - EUA/1941) - Orson Welles - considerado a obra-prima do diretor.

vez no quarto de Ramon, ele acendeu um incenso, ligou o som, muito baixo e convidou Deise para um banho.
_ Sabe, _ ele disse, quebrando o silêncio_ num primeiro momento, eu achei que o ritual tinha caído nas minhas mãos, porque eu deveria lê-lo, quer dizer, siga o raciocínio da coincidência: eu estou pesquisando os coalas, procurando um livro qualquer, note bem, qualquer, que possa me ajudar a esclarecer um pouco mais as idéias quanto à ordem deles. De repente, cai nas minhas mãos, justamente o livro mais precioso e poderoso que eles têm...
_...
_... Eu entendo seu silêncio... Então, seu tio me disse uma coisa que realmente refreou o meu ímpeto em cometer esse ato desrespeitoso que seria ler o livro...
_ O quê o tio Cosbare disse?
_ Aliás, foi sua tia quem disse, enquanto conversávamos na varanda. Eu disse a ela, sem contar que tinha achado o manual, que estava tentando conseguir informações sobre os coalas. Ela riu e me disse que eu já tenho todas as informações que eu preciso, ora! Nada mais falso, eu retruquei. Ela disse então, “Eu posso sentir que você está perto das respostas”... De fato, eu estava com o ritual junto ao corpo, num bolso interno do casaco. Então, eu concluí: Isso me basta! Saber o poder que o ritual tem, já me diz muito mais do que eu poderia supor, sobre a ordem dos coalas. Imagine: Se apenas um livro, um mísero livro! Tem todo esse poder. O quê não possuirão seus donos. Além do quê, eu cheguei a um ponto que eu questiono muito, em nossa sociedade...
_...
_ Linda, não há por quê, você ficar assim em silêncio. Alguma vez, eu lhe dei motivo para não confiar em mim?
_...
_ Entendo...

_... Meu amor! Não é questão de desconfiança, mas eu realmente ainda não entendi o porquê de você não querer devolver o livro hoje mesmo para o tio Cosbare....
_ Preste atenção, então! Eu sempre vivo dizendo que o Brasil, o mundo de um modo geral, chegou a um ponto em que os valores estão completamente invertidos, certo? E costumo citar uma situação hipotética: Suponhamos que eu deixe minha carteira no banco da praça. O que vai acontecer? A carteira vai sumir. Quem vai ser o culpado? Eu, certo? Por ter deixado a carteira no banco da praça. As pessoas ainda iriam brigar comigo: "Que imbecil!"; "Como é que pode, deixar a carteira...", blá, blá, blá. Certamente alguém iria evocar aquele velho adágio brasileiro: "A ocasião faz o ladrão!".
_ Você está profundo demais...
_ Já está claro para você. O que eu costumo dizer, como "resposta" a esse adágio?
_ Que a ocasião faz a oportunidade da pessoa mostrar que tem um bom caráter!
_ Justamente: Na verdade, o erro da minha carteira ter sumido, não foi meu! E, sim, da pessoa que pegou algo que não lhe pertencia! Isso mostra uma inversão de valores, certo? O que é certo, passa a ser errado e vice-versa. Então: Numa primeira leitura, por assim dizer, concluí que as coincidências apontavam para que eu lesse o manual. Todavia, após conversar com seus tios, percebi que havia invertido os fatores e que estava prestes a agir da forma como critico...
_ Perfeito! Mas por que não devolveu?
_ Aí, eu julguei que não haveria mal em tentar "sentir" um pouco mais a vibração deste livro tão poderoso, que se fez perceber a Brigite, de dentro do meu bolso...
_ Olha, lindo, explica, mas não justifica.
_ Não acho que seja motivo para que você fique aborrecida comigo!

_ Não estou brava, só que nunca havia visto você sendo tão egoísta assim, antes. Meu tio precisava ter o manual de volta!
_ Acredite em mim, ele entendeu meus motivos.
_ É... Ainda assim, há algo “no ar” que não me agrada. Por que a tia Brigite falou com você “daquele jeito”?
_ De que jeito?
_ “Você deve saber respeitar um segredo!” _ Deise falou tentando imitar a voz e o tom de Brigite, balançando a cabeça .
_ O que há de mais nisso?
_ Amor, não se faça de bobo. Você com certeza não o é, tampouco eu o sou! Há algum segredo entre você e Brigite que eu não deva saber? Ela sabe algo sobre você ou vice-versa ou os dois sabem algo em comum, que estão guardando.
_ Meu amor, Brigite é uma pessoa que tem um sensibilidade extremamente acima da média! Há, sim, um “segredo”, se posso chamar assim, que você nunca desvendou, ou nunca quis desvendar, em mim!
_ Você é bruxo!
_ Viu? Você já sabia! Só que eu não sou Wiccano.
_ Qual a diferença? Como a Brigite sabe? Ela é também?
_ Vamos por partes. A diferença básica entre os praticantes da *Old Religion* e da Wicca, são algumas modificações implementadas por estes últimos. Evidentemente, o assunto é controverso e há os bruxos que não toleram os wiccanos, por vários motivos: a velha religião não registrava nada, elementais do universo não são brinquedos, dizem. Eu encaro os wiccanos como os Católicos Carismáticos, que são Católicos, mas causam muitas divergências na Igreja. Percebeu?
_ Sim, então, os bruxos também se reúnem em covens?
_ Sim e não. Os bruxos se reúnem. O nome que você dá a essa reunião, é questão de semântica! Mas a maioria

dos bruxos segue o caminho solitário, estudando e praticando por conta própria...
_ Como você!
_ Justamente, como eu.
_ E, se você busca a comunhão com Deus, sozinho, por que você quer ser Coala?
_ Calma! Em primeiro lugar, eu não disse, em momento algum que quero ser coala, você está se precipitando na leitura do que estou sentindo... Em segundo lugar, a descoberta de outras formas de comungar, não me impede de continuar minha busca paralela!
_ Então, você quer que os Coalas dividam seus ensinamentos com você, mas não quer dividir os seus, certo? Ramon, você está me surpreendendo, cada vez mais! E eu não estou gostando do que descubro...
_ Linda! Mais uma vez, rogo-lhe que não se precipite em suas conclusões! Tente analisar minha posição como um ser humano, antes de mais nada! Eu não sou um super-homem.
_...
_ Imagine que, se por algum motivo, os Coalas quiserem que eu lhes ensine o que descobri em meus caminhos, fique certa de que eu o faria, sem a menor reserva!
_ Isso me leva a outra questão! Se EU quiser que você me ensine os segredos que descobriu, você ensina?
_ Evidentemente!
_...
_...
_...
_ Viu? O que você esperava? O fato de eu seguir em minha busca, sozinho, não implica que eu seja egoísta! O meu conhecimento está acessível a qualquer um que peça! O que eu nunca conseguirei transmitir, até porque não é esse o propósito, é a minha vivência! Você terá que experimentar o conhecimento, tirar suas conclusões e, então, poderemos tentar chegar a um terceiro ponto-

de-vista, comum a nós dois, ou, mais romanticamente, à nossa verdade!
_...
_ Você leu também o livro do Hartman[21] e outros livros de teosofia. O conhecimento é inócuo ou pernicioso, sem a concorrência da intuição como centro de controle.
_...
_ E você só adquire o "poder de intuir", imergindo em você mesma! Aprendendo a **sentir** tudo o que lhe é transmitido e não apenas apreendendo o conhecimento, como um autômato!
_...
_ Vamos... Você é a filósofa aqui! Eu só fiz a pós-graduação! Sou "marombeiro"...

O momento raro de ver Ramon tentando ser engraçado, fez com que Deise se descontraísse. Embora não totalmente de acordo com os motivos para Ramon reter o livro, ela aceitou a idéia do banho, onde fizeram amor intensamente! Alguém que entrasse no banheiro, pouco iluminado por uma lâmpada de 40 Watts, impedida de irradiar-se diretamente sobre o cômodo, por um anteparo, veria o brilho da relação dos dois!

Após o banho, os dois se deitaram na cama de Ramon, menor do que uma cama de casal, maior do que uma de solteiro e Deise foi quem puxou conversa:
_ Sabe, você não fez algo muito diferente do que eu, quando li os manuais.
_ Minha linda. Um erro não justificaria o outro! Ainda que eu não acredite que você tenha errado. Você precisa dessa resposta!... Quer sentir a vibração do Manual, junto comigo?
_ É... Acho que seria bom! Mas, e se algum orixá resolver se manifestar? Você sabe que, com essa história do papai, eu estou meio afastada do centro. Ainda bem que não tenho turmas nesse semestre! Mas,

---

[21] "Uma aventura entre os Rosacruzes"- Franz Hartman - Biblioteca da Ordem Rosacruz - AMORC

meus santos têm me dado recados nos sonhos. Querem se manifestar!
_ Não se preocupe! Saberei como lidar com eles!
_ Então, tudo bem!

Ramon saiu do quarto, foi até a garagem, observando, no enorme relógio de pêndulo, da sala, que eram três e meia da manhã, pegou o ritual e trouxe de volta para o quarto.

Despidos, ele a instruiu para que fechasse os olhos e limpasse sua mente. Colocou o ritual em cima da cama e, sentados de frente um para o outro, ele colocou as mãos sobre o livro, incitando-a a fazer o mesmo. Após uma rápida prece, repetida por Deise, Ramon começou a guiá-la, para o interior dela própria, fazendo-a compreender que, apenas sentindo-se por dentro, poderia perceber o quanto o livro tinha para transmitir.

Mais acostumado que Deise, Ramon começou rapidamente a sentir a energia que saía do manual. Num primeiro estágio, era claramente perceptível que se estava sentindo a energia do dono do ritual, um homem se não de idade avançada, com uma grande experiência de vida. Como que telepaticamente, Deise percebeu essa mensagem, o que ajudou em seu relaxamento, ainda maior.

Então, a vibração oriunda daquele pequeno, porém grosso, livreto em cima da cama, começou a mudar. Não parecia mais ser de uma pessoa apenas, parecia vir de muitas pessoas, com várias idades, vários sentimentos passavam pelas mãos do casal. Deise envolvia-se gradativamente mais, embebendo-se na energia que transbordava daquele, aparentemente, simples objeto de papel.

Ramon mantinha um aparente controle da situação, embora também completamente absorvido pelas vibrações que experimentava.

Súbito, quando parecia que haviam experimentado tudo o que o manual “tinha para dar”, uma força diferente e muito forte tomou conta dos dois. Não eram mais vários homens, mas pareciam vários seres vivos, uma verdadeira “bomba atômica” agitava o interior dos dois, que, magicamente, sentiam-se unidos naquele momento sublime. Era como se recebessem um “passe gigantesco” ou como se estivessem ligados a uma “bateria de fluido cósmico”.

A experiência parecia que não iria acabar, mesmo Ramon já estava além de sua consciência, quando o que Deise temia aconteceu: Um caboclo se manifestou, tirando Ramon, parcialmente, de seu transe. “Meu filho”, disse a entidade, com seu sotaque de caboclo, “Vocês estão brincando com fogo! Não devem bulir no que não conhecem!”. Ramon respondeu, sem saber se estava falando ou pensando, se estava acordado ou em transe, dizendo que iria parar naquele momento. O caboclo, então, disse que deviam mesmo parar e foi embora, acordando Deise, que ainda viu Ramon em alguns segundos de transe. Nesse curtíssimo instante, que pareceu durar uns dois minutos, ela viu a aura de Ramon como nunca tinha visto antes, brilhando intensamente em cores variadas, predominando o branco. Ela soltou um suspiro de exclamação, o que fez com ele despertasse!

Eles se olharam, sem dizer uma palavra. Estavam extasiados. Tomaram outro banho, fazendo sexo novamente, dessa vez, brilhando ainda mais intensamente e dormiram tranqüilamente, pelas duas horas que restavam a Ramon, antes de ter que se preparar para a Faculdade.

***

Cosbare acordou preocupado com a possibilidade de Ramon quebrar sua palavra e não devolver o manual. Embora tranqüilo, achando que o jovem teria sabedoria suficiente para lidar com o instrumento, confiando no

contato mental que estabelecera na noite anterior, uma ponta de desconfiança incomodava o despertar do delegado.

Ainda fazia sua assepsia, quando o telefone tocou.

_ Bom dia!_atendeu Brigite._... Ah, sim, ele está no banho. Quer deixar recado, Renato?... Sei... sei... mas então... quer que eu o tire do banho?... sim...

Apressando-se um pouco, em instantes, Cosbare pegou o telefone das mãos de Brigite:

_ Renato, sou eu! O que houve?

_ Chefe, está aqui o doutor Márcio Bracose, de Pirapetinga. Diz que tem novidades sobre o seu seqüestro.

_ Muito bom. Vá fazendo "sala" para ele aí, que em meia hora eu chego! Ok?

_ Legal.

O trajeto de casa até a delegacia foi percorrido automaticamente, como todos os dias. Cosbare não contava com aquela visita inesperada e pensava, então, em como fazer para "despachar" o delegado mineiro ou, se fosse o caso, levá-lo para a árvore, onde encontraria Ramon. Seu celular tocou, ele encostou o carro no acostamento e atendeu, verificando o número que chamava, pelo identificador.

_ Bom dia, minha sobrinha! Como vão as coisas.

_ Não é Deise, delegado. Sou eu, Ramon.

_ Oh, bom dia, Ramon, como vai?

_ Muito bem, obrigado. Quero lhe agradecer, por ter-me deixado experimentar um pouco da energia que emana desse simples "livrinho". Quero assegurar-lhe também, que seus segredos, exceto pela energia fenomenal que experimentei, estão guardados. Como posso entregar-lhe o manual?

_ Você sabe onde fica a minha árvore?

_ Não.

_ Faça o seguinte: Você se lembra onde é a árvore de Emanuel, onde você esteve com Deise, para que ela entregasse os pertences coalas do pai, certo?
_ Sim, me lembro.
_ Podemos nos encontrar lá, ao meio-dia?
_ Eu estarei lecionando, é possível às quatorze horas?
_ Perfeito! Nos vemos lá, então. Agora, preciso desligar, pois estou no trânsito, a caminho da delegacia, saudações!
_ Abençoado seja, delegado!

Cosbare notou a saudação que, eventualmente, Brigite dirigia a ele ou a outras pessoas. Então, passou o resto da viagem, lembrando-se de como sua esposa e o noivo de Deise se deram muito bem e, rapidamente, deduziu que praticavam o mesmo culto.

Na delegacia, Márcio o esperava, ouvindo um de seus CD’s, colocado por Renato.
_ Bom dia, delegado! Como vai?
_ Bom dia, vou bem, obrigado! Tenho boas novas, quer dizer, tenho novidades sobre seu caso!
_ Muito bem...
_ Certo, o homem que você identificou como “cabo”, realmente não tem essa patente. Ele é um ex-sargento do exército, expulso da corporação, por integrar uma polícia mineira.
_ E como vocês descobriram isso?
_ Ele foi visto em Leopoldina, Minas, dois dias depois do seu seqüestro, num carro, semelhante ao que foi visto deixando seu parceiro em Paracambi. Isso chamou a atenção do delegado de Leopoldina que diz conhecê-lo._Cosbare, esforçou-se um pouco e lembrou de um Coala visitante, em sua árvore que era delegado em Minas, devia ser esse_ Seguido, o “cabo” fugiu, aparentemente, sem motivo. Preso, disse não saber de nada sobre o seu seqüestro.
_ É, esse foi o imbecil que atirou no Renato, meu assistente, o rapaz que o recebeu.

_ Eu o conheço, ele foi namorado da minha irmã.
_ Como?
_ Eu tenho uma irmã, gêmea, Alexandra. A diferença entre nós é que ela é "mais clarinha" do que eu, eheh. Nós nos vemos pouco, desde que ela veio para o Rio, há uns doze anos. Mas eu, digamos, mantenho os olhos sobre ela. Não a impeço de fazer suas besteiras, mas evito que lhe façam mal, entende? Eu tenho algumas fotos do seu garoto, lá em casa. Ele nem sabe.
_ Interessante. Alexandra... Bracose... Eu ouvi esse nome recentemente!
_ Provavelmente, o marido dela ficou famoso como Secretário de Combate à Fome do governo passado. Ele morreu, recentemente, de enfarto. Nós nos recusamos a acreditar.
_ Alma Suprema! São muitas coincidências...
_ É, eu andei pesquisando, parece que ele era muito amigo desse empresário que morreu, Emanuel, Ismael..
_ Emanuel Arbosce.
_ Isso! Os dois morreram de enfarto, certo?
_ Dirigindo o carro... Você pode me pôr em contato com sua irmã?
_ Claro.
_ Anyway, quanto ao "cabo", onde ele está agora?
_ Está detido, ainda, por agressão a um de nossos policiais.
_ Perfeito. Eu tenho um compromisso às duas horas, que não vai demorar, aí, poderemos ir a Minas, para pressionar esse cara e saber quem é o negão, oficial, que me seqüestrou! Aí, desbaratamos a quadrilha!
_ Sem problemas. Eu vou me apresentar ao meu ex-cunhado, depois vou aproveitar que estou no Rio e fazer umas "comprinhas" que minha mulher pediu, eheh. Sabe como é, né?
_ Perfeito. Faça o seguinte, leve o Renato com você. Assim vocês conversam e você não tem que dirigir no trânsito caótico aqui do Rio. Eu tenho algumas coisas

para despachar, alguns outros casos para acompanhar, resolvo meu compromisso às duas horas e, então, partimos para Pirapetinga, ou Leopoldina.
_ Ele está em Pirapetinga.
_ Ok, então, nos vemos logo mais, à tarde.

Cosbare saiu da sala, chamou Renato e pediu-lhe que acompanhasse Márcio, até o momento da viagem. Quando estes saíram, após "terem se apresentado" novamente, Cosbare foi ao seu armário e pegou uma pequena valise, onde guardava seus informativos coalas. Estava vendo uma luz nova no caso, que começava a lhe incomodar. Após algumas pesquisas, como um coala novo, precisaria de algumas informações de graus superiores. Pegou o telefone e ligou para seu mentor, que estava ausente, ligando para a árvore, recebeu a informação de que deveria procurar por Roberval, o síndico do prédio de Deise.
_ Boa tarde, Roberval? É Antônio Cosbare, delegado responsável pela investigação de Emanuel Arbosce, nosso irmão, nos ramos da árvore existencial.
_ Boa tarde, meu irmão, em que posso ajudá-lo?
_ Não sei se posso lhe pedir informações sobre a ordem pelo telefone. Seria possível que nos encontrássemos na árvore de Emanuel, ainda hoje? Tenho algumas dúvidas de extrema importância para esclarecer, meu mentor está viajando e, indicaram-me, você como substituto.
_ Perfeitamente, meu irmão. Quando quer que nos encontremos lá?
_ Você está aí em Itaipu?
_ Para ser exato, estou em Botafogo, a cinco minutos da árvore de Emanuel.
_ Que ótimo! Estou saindo aqui, da Rua dos Inválidos, estarei lá, também nuns dez minutos.

Dez minutos depois...
_ Olá, meu irmão. Eu imagino que você tenha seus compromissos, o meu é aqui mesmo, daqui a pouco. Então, vou direto ao assunto.

_ Tudo bem, como você quiser.
_ Eu estou ainda no segundo grau coala, já consigo realizar algumas alterações vibracionais, curar algumas feridas, inflamações, fraturas, mas ainda não cheguei na parte de domínio dos músculos involuntários. Isso vai acontecer, não vai?
_ Bom, em primeiro lugar. Sou obrigado a lhe perguntar se você andou lendo alguma lição futura de seu manual. Também, você sabe, posso até lhe falar sobre um conhecimento que você ainda vai adquirir, mas também preciso saber qual o objetivo, tudo bem?
_ Claro. Eu não li nada, nenhuma instrução futura, mas eu “sinto” que é um próximo passo. Não dá para imaginar que eu vou ficar controlando minhas vibrações, isto é, meus batimentos cardíacos apenas através da respiração. Verdade, que eu já andei pesquisando alguns escritos essênios, onde falava-se num estado de consciência próximo da morte... Isso não se faz, se é que nós fazemos isso e eu vou aprender, apenas respirando fundo!
_ Muito bem, você tem um raciocínio rápido. Vejo que o Adamastor o tem treinado muito bem! Então, vamos lá, mas ainda preciso saber para quê você quer uma antecipação de lição.
_ Eu suspeito que um irmão, e me dói dizer isso, esteja por trás de algumas mortes de irmãos nossos.
_ Como assim?
_ Nossa sobrinha, Deise, filha de Emanuel, vem insistindo para que eu investigue a morte do pai dela, que ela não aceita como fatalidade! Diz que ele tinha uma saúde impecável, nós sabemos que ele tinha, e que não pode ter tido ataque do coração apenas por uma discussão com o sócio, por mais grave que tenha sido!
_ Certo...
_ Ela mesma olhou alguns informativos coalas que ainda ficaram na casa dele, dentro da pasta de prognósticos dele.

_ Ela teve acesso à pasta de prognósticos?
_ Sim, mas ela está “cega” com o problema da morte do pai e nem percebeu o que tinha nas mãos. Eu saberia, se ela desconfiasse de alguma coisa. Anyway, ela viu alguns informativos e descobriu mais três irmãos, Romualdo Abreu, de Rondônia e os irmãos Alencar, em São Paulo. No caso dos irmãos, um dos dois teve o ataque do coração, enquanto dirigia e o outro foi vítima do acidente. O que também não se explica! Assim, eu preciso entender, exatamente, o que se pode e o que não se pode fazer, com relação ao controle de músculos involuntários, em si e nos outros...
_ Hummm, entendo sua linha de raciocínio meu irmão e digo que, infelizmente, na história da Ordem Coala, principalmente no começo, houve alguns casos de traição ou erro de seleção que trouxeram para nossa família, irmãos “podres”, mas devo dizer também que, além de raros, eles foram rápida e severamente punidos!
_...
_ Bom, o controle de músculos involuntários é algo que poderia ser ensinado logo no primeiro grau, se considerado o próprio corpo. O motivo para ensinar essa prática apenas no décimo-sexto grau é, justamente, o controle dos músculos involuntários dos outros e, evidentemente, dos outros sobre seus músculos involuntários. Compreende?
_ Mais ou menos.
_ Eu vou direto ao que lhe interessa. Se eu quisesse, por exemplo, faria seu coração parar, nesse instante. É isso o que você suspeita, uma vez que, presumo, não deve ter sido encontrada nenhuma substância, nos cadáveres.
_ De fato, eu não sei sobre o Alencar ou sobre o Romualdo, mas Emanuel não tinha nada em seu sangue, nenhum traço de qualquer coisa que pudesse tê-lo feito enfartar.
_ Então. O controle de seus próprios músculos involuntários não é muito difícil, principalmente, com o

que se aprende nos graus anteriores ao dezesseis. Basta dizer que a bexiga, que é um músculo involuntário é facilmente controlada até por crianças! Aliás, o controle de esfíncteres é algo que as crianças aprendem, hoje em dia, cada vez mais precocemente. Como tudo que é precoce, ajuda por um lado e atrapalha por outro. Uma criança de um ano de idade, não deve ser forçada a uma ação que está além de sua maturidade... Anyway, não é essa nossa conversa! O que eu dizia é que, se eu quiser, por exemplo, você se urina todo, nesse momento! Eu tenho condições de "espremer" sua bexiga, como a uma laranja, mesmo sem precisar tocar em você! Com a mesma facilidade que pararia seu coração.

_ Meu irmão, isso é grave! O caso toma uma nova e inusitada coloração, então! Suponhamos que um irmão, está nos matando, parando nossos corações. Como provar isso, perante um juiz?

_ Bem, não é uma questão verdadeiramente simples. Se pegarmos, "por coincidência", um juiz irmão, haverá uma maneira de conseguir uma condenação por homicídio culposo, se conseguirmos provar que ele estava dentro do carro, minutos antes, a despeito do que disser o advogado de defesa, alegando que ele "provocou" a vítima até que essa tivesse o ataque. Todavia, além de não termos muitos juízes irmãos, quer dizer, até temos, não é tão fácil provar que o assassino esteve dentro do carro e, principalmente, que teve uma discussão com a vítima. Então, às vezes, somos forçados a fazer justiça com nossas próprias mãos.

_...

_...

_...

_ Não se precipite em pré-julgamentos! Eu sei que como policial, isso lhe soa mal, mas você vai concordar que não podemos deixar impune, alguém que comete crime tão vil de tão alta traição!

_...

_ Anyway! Acho que esclareci suas dúvidas, não?
_ Eu não estava tão absorto por causa da justiça coala! Acho que tenho uma prova contundente de que o assassino esteve no carro. Realmente, provar a discussão......... Espere! Há alguma cunhada que possa ter adquirido esse poder?
_ Olha, meu irmão, eu já soube de muitos, muitos casos de cunhadas que leram nossos manuais, de cunhadas que escutaram conversas por trás de portas e até de duas ou três mulheres iniciadas ao longo da história da ordem. Há quem diga, que existe, na Austrália, um movimento, para uma Ordem Coala Mista, comandado por um irmão que teve um sonho, onde via mulheres em nossa ordem!... Tudo isso é discutível, contudo, acho muito pouco provável e, aí, talvez eu precisasse perguntar ao meu mentor, porque ainda estou no grau vinte e sete, se é possível, que uma cunhada absorva os conhecimentos, com tal grau de poder.
_ Entendo... Mais uma coisa, meu irmão! Minha sobrinha, teve acesso à pasta de prognósticos e aos informativos coalas. Acho que terei de mostrar a ela as reportagens dos coalas que morreram recentemente, ou mesmo há algum tempo, de modo que ela, talvez, identifique alguma coisa familiar ou alguma pista que possa me ajudar!
_ Sem problemas, contanto que você se detenha nas partes do obituário apenas, fotos do funeral e nada mais!
_ Perfeito.

Com essa nova perspectiva de investigação, Cosbare pegou o celular e ligou para Deise, perguntando se ela viria com Ramon à árvore, para a entrega do ritual. Como Deise não viria, ele marcou para o dia seguinte um encontro, na casa dela, onde falariam sobre o caso. Iria direto de Minas, para a casa da sobrinha.
_ Há mais uma coisa que gostaria de lhe perguntar, irmão Roberval.

_ Pois não.
_ O encontro que tenho, em breve, é com um rapaz que teve acesso a um de nossos manuais!
_ O manual comprado num sebo... Sei...
_ Justamente. Como posso saber se ele leu o manual?
_ A primeira forma é olhando dentro de seus olhos e deixando sua intuição fluir. Há algumas perguntas a que ele hesitará para responder, caso tenha lido o manual. O manual é mais forte do que você pensa, meu irmão. Há mensagens subliminares poderosas inseridas nele, além de uma vibração ainda mais possante. Pergunte a ele, se ele já viu um bebê marsupial, saindo de uma bolsa... Por mais dotado de inteligência, ou mesmo de poder, que esse rapaz seja, ele vai hesitar e perguntar: “Um coala?”.
_ Mas isso é um tanto evidente, não acha meu irmão?
_ Acho, mas aí é que está o encanto. Se ele não tiver lido o manual, mesmo que ele pergunte sobre os coalas, ele não hesitará. É um teste com uma resposta sutil. Se você quiser, eu posso ficar perto de você, quando você perguntar.
_ Oh, eu agradeceria muitíssimo. O irmão não vai se atrasar para nada? O jovem, com efeito, é noivo da nossa sobrinha Deise, acho que vocês se conheceram, no dia da morte de Emanuel, ele havia mesmo me pedido para falar com um coala mais experiente. Será de grande valia, sua permanência.
_ Ajudar um irmão, nunca é um atraso. Deixe-me apenas, ligar para minha esposa...

Nesse momento, o celular de Cosbare tocou. Do outro lado, Ramon informava que estava próximo da árvore, mas enfrentava um grande engarrafamento no aterro do Flamengo, justamente em decorrência da Rua Mena Barreto, onde entraria, para chegar à arvore. Nesse ínterim, um telefonema de São Paulo, chamou Cosbare à secretaria. No inventário dos bens incinerados dos irmãos Alencar, estavam os rituais dos dois, logo, o

ritual que a mãe deles mandou para o sebo devia ser de uma terceira pessoa. De qualquer forma, era o que descobririam em minutos.

Cosbare e Roberval permaneceram conversando sobre assuntos da fraternidade, até à chegada de Ramon, que não demorou, tanto quanto imaginavam.

_ Bom dia, rapaz._ disse Cosbare_ Esse é Roberval Encantado, um irmão com conhecimentos mais profundos do que os meus, em nossa ordem. Como passou sua noite?

_ Muito prazer, senhor Roberval, já nos conhecemos, por ocasião da morte de Emanuel. Bom dia, Cosbare. Passei muito bem, obrigado.

_ Bom dia, meu rapaz, o prazer é meu._ disse Roberval.

_ É impressionante o que vocês são capazes de fazer._disse Ramon, para Cosbare_ Sua comunicação por telepatia, ontem, quando saiu da sala, foi algo que eu não imaginava que pudesse acontecer de forma tão clara. Tive a impressão de que você estava ao meu lado.

_ O poder de se comunicar com a mente é mais forte do que se pode imaginar._ interrompeu Roberval._ A tal ponto, que mesmo os coalas principiantes já conseguem utilizá-lo._ concluiu, lançando um olhar não muito simpático para Cosbare.

_ Bem..._disse Cosbare, pouco à vontade_ Acho que a vontade de retirar o manual de suas mãos foi mais forte do que qualquer outra ação, possivelmente, mais racional. Era o que eu achava certo fazer, na hora...

_ Compreendo,_ continuou Ramon_ talvez, você não esperasse encontrar alguém pronto para responder ao contato..._ concluiu, olhando para Roberval e percebendo que este, com os olhos, como que “desculpava” a atitude de Cosbare.

_ Há quanto tempo, você pratica e estuda a Velha Religião, meu jovem? _ perguntou Roberval.

_ Desculpe?_ a pergunta pegou Ramon de surpresa, ele tentou ganhar tempo.

_ Você entendeu, _Roberval olhou para Cosbare_ há quanto tempo você pratica e estuda a Velha Religião?
_ Desde há alguns anos, pouco depois de meu pai morrer.
_ E você acha _Roberval insistiu em mostrar o que podia fazer_ que as respostas próprias que encontrou, misturando elementos de várias filosofias e religiões, deixa-o mais próximo da “verdade universal”?
_ Muito bem!_ Ramon capitulou_ Não vim aqui para disputar. Se o senhor queria me impressionar, admito que o fez! Eu tinha a pretensão de me juntar à sua ordem, mas creio que minha resistência a dogmas já se expôs, provavelmente, inviabilizando meu ingresso. Estou correto?
_ Admiro sua franqueza, rapaz, e não poderia esperar algo diferente de alguém que teve algo precioso nas mãos e contentou-se em senti-lo, respeitando o conteúdo. Por esse motivo, vou-lhe também ser franco: O fato de você seguir a Velha Religião, ou conhecer alguns dos mistérios do controle da vibração fluídica, não o impede de ingressar na ordem, nem a sua “resistência a dogmas”._Roberval fez as aspas com as mãos_ O que, provavelmente, vai impedi-lo de se juntar a nós, ao menos em nossas atividades e estudos, pois, no mundo, buscamos pessoas como você que, mesmo fora da ordem, contribuem para o progresso da humanidade, é exatamente o fato de você não estar certo de que quer entrar para a ordem. Eu compreendo seu medo de se decepcionar, compreendo seu medo de não conseguir seguir algum mandamento mais rigoroso, compreendo seu medo... digo... receio, de não saber mais se unir a alguém misticamente, ainda que você o faça com sua noiva... Justamente, por compreender isso tudo é que eu acho que, nesse momento, não estamos na melhor hora para o seu ingresso na Ordem Coala.

Cosbare ficou impressionado com o que vira. Ramon acenou, abaixando a cabeça, sem dizer nada,

mas pareceu que haviam trocado últimas frases de um diálogo silencioso. O delegado, ainda assim, não conteve sua curiosidade e arriscou o teste ensinado por Roberval. Sem mais, nem menos, dirigiu-se a Ramon, perguntando:
_ Meu caro, mudando de assunto, você já viu um bebê marsupial saindo da bolsa?
_ Acho que já vi nascer uma gambá, logo o vi “entrar” na bolsa, não sair._ respondeu Ramon_ Mas creio que você se referia a coalas, evidentemente, não?
_ Não, _Cosbare sentiu-se um tanto frustrado por não conseguir perceber nada de anormal na resposta_ falava de qualquer marsupial. É um movimento interessante quando ele sai da bolsa pela primeira vez.

Roberval deu um sorriso discreto com o canto da boca, enquanto Cosbare tentava manter o assunto que começara, meio sem jeito e Ramon, nem se preocupava em entender o que estava acontecendo.

Ramon chegou de volta à Faculdade, onde encontraria Deise, satisfeito com a conversa que tivera com Roberval. Gostou de perceber do que eram capazes os coalas, ficou impressionado por quão fundo em seu interior, o coala penetrou. As questões levantadas haviam mexido com ele, embora ele tivesse uma leve consciência delas, procurava evitá-las ao máximo, encobrindo-as com alguma desculpa. Teve uma intuição de que talvez fosse aquilo o que o estivesse incomodando nos últimos meses e não a obsessão de Deise pela morte do pai. Sob muitos aspectos, ele mesmo considerava a busca solitária como um contra-senso, todavia não encontrava alguém com quem pudesse compartilhar sua visão do mundo e da existência como um todo, mesmo Deise, com sua filosofia e seus orixás, ainda não lhe parecia disposta a uma comunhão profunda, do ponto de vista energético ou espiritual. Era uma questão complexa, pois se amavam e tinham uma ligação bastante profunda.

Deise o esperava meio distraída, nem mesmo o viu se aproximar.
_ Tudo bem, minha linda?
_Oi! Tudo... eu estava pensando... tive um sonho... papai, aquela namorada dele... sabe, não era ela, mas era ela, eu não conseguia ver o rosto direito... Ele sorria para ela, ela retribuía, então, ela ficava séria e ele não entendia... Daí aparecia o papa... De repente o meu pai estava dormindo, ou desmaiado ou morto e o papa também e a mulher discutia com o tio Cosbare... Eu joguei uns búzios, mas não consegui uma interpretação significativa...
_ Humm... bem interessante o seu sonho. Seu pai se dava bem com a namorada, mesmo depois deles terem terminado?
_ Sim, a Edilene é uma mulher muito legal. Tudo bem que ciúmes não fazem parte das minhas características, mas nós nos dávamos muito bem. Eu até senti que eles tivessem terminado o namoro, pensei que chegariam a se casar e, acredite, já estava psicologicamente preparada para ver outra mulher saindo do quarto da minha mãe...
_ Bom, nesse caso, realmente fica difícil interpretar o que você viu. Talvez não seja nada relevante, talvez seja porque você ache que a tenha visto no funeral... Você já ligou para ela novamente?
_ Ainda não, é uma boa idéia. Anyway, como foi o encontro com tio Cosbare?
_ Foi ótimo! Imagine, cogitou-se a idéia de eu vir a ser coala!
_ Eu não disse? Você quer, também!
_ Não sei, eu ainda acho que não vão ser os coalas que vão me trazer de volta a uma busca em conjunto com alguém. Até porque não poderia dividir com você os ensinamentos, o que seria muito frustrante.
_ Não seria nada frustrante, eu compreendo perfeitamente o que pode ou não pode me ser dito,

afinal, meu pai foi coala por toda a minha vida e eu, desde que soube, nunca sofri nenhum ataque de curiosidade.
_ Anyway, seu tio me pediu que lhe avisasse que ele vai a Minas, resolver um outro caso em que está trabalhando, junto com o Márcio Bracose, irmão gêmeo da Alexandra Bracose, você acredita? Aquela de quem eu lhe falei, esposa do Romualdo, aquele seu tio de Sergipe.
_ Sim, sua amicíssima!
_ Hummm, olha só quem disse que "ciúmes não fazem parte das minhas características"!
_ Bobo! Eu apenas gravei o termo que você utilizou.
_ E a entonação da voz também, eheh. Anyway, o seu tio disse que não sabe a que horas volta, provavelmente amanhã e, por isso, talvez tenha que desmarcar seu encontro. Mas ele telefona para você, se for desmarcar.
_ Tudo bem, mas eu estou ansiosa, confesso. Quanto mais eu penso que a questão do meu pai pode não ser uma simples fatalidade, quando eu já estava aceitando essa idéia, eu fico mais angustiada. Que tal uma relaxada? Vamos até o Lage?
_ Sem problemas.

Pegaram o carro de Ramon e foram para o Parque Lage, local onde encontravam, sempre que necessária, a concentração para encarar os dilemas do dia-a-dia. O resto do dia transcorreu normalmente.

De volta à delegacia, Cosbare encontrou Márcio e Renato já prontos, em sua sala, para a viagem.
_ Sinto muito, Renato, mas dessa vez, você não vai!
_ Qual é, chefe? A gente só vai conversar com um mané na cadeia!...
_...
_ Renato, isso é o que "talvez" seja a única coisa que vamos fazer. Você sabe que, dependendo do que o tal "cabo" disser, podemos nos estender... E você já levou

um tiro por minha causa. Você não é um agente de campo, ponha isso na sua cabeça!
_ Mas chefe, se “rolar” alguma coisa mais, eu volto! Pô, quebra essa! Eu quero dar uma olhada na cara desse filho da puta que me deu um tiro!
_ Não quero me meter _disse Márcio_ mas acho que o garoto tem o direito de ir lá “falar” um pouquinho com o homem que lhe deu um tiro... Devemos deixá-lo exercitar o perdão, faz bem para os seres humanos...
_ Exercitar o perdão? Você deve estar brincando, Bracose, se esse “moleque” chegar perto do cara, é bem capaz de puxar o revólver e dar um tiro nele, dentro da delegacia, na frente de quem estiver lá...
_ Pô, chefe, não sabia que você fazia esse juízo de mim!...
_...
_...
_ Qual é? Tão me olhando por quê?... Tá bom, eu até que quero dar uns sopapos no animal, mas matar não é a minha praia... Vai lá, Cosbare, deixa eu dar uma “palavrinha” com o cara... se eu me exceder, você me segura...
_...
_... _ Cosbare e Márcio se entreolharam...
_ Eu deixo o revólver com vocês...

Os três conversaram pouco no carro, o CD colocado por Cosbare, deixou-os meio que entorpecidos. Além do CD, uma essência de acácia também ajudava a criar um clima de harmonia dentro do veículo.

Chegaram a Pirapetinga com a lua alta e um céu estrelado os recebeu com fome. Jantaram na casa de Márcio e foram para a delegacia, onde iriam conversar com o “cabo”. Ao ver Renato, o bandido, deu um sorriso provocador, que fez com que Cosbare e Márcio preferissem não deixar o rapaz chegar perto dele, temendo que, com provocações, algo ruim pudesse

acontecer. Ainda assim, quando viu que apenas os dois delegados falariam com ele, o “cabo” perguntou:
_ O nenenzinho não vai entrar? Ele já está andando direito?...
_ Cala a boca e senta aí!_ disse Márcio, empurrando o preso para uma cadeira _ Você só fala quando a gente deixar, babaca!
_...
_ Qual é delegado! Tenho meus...
_ Já disse para ficar calado! Quer seus direitos? Você tem direito a um namorado aqui na cadeia, vou te colocar na cela do Juca Negão! Está a fim?
_...
_ Pô...
_ Quieto porra!_ Márcio bateu com a mão na mesa _ Eu não tô brincando!! Não quero ouvir mais nenhum pio seu. Você acha que eu sou o quê, para me provocar desse jeito? Acha que tá falando com quem, com um policialzinho de merda? Com um principiante! Você só respira se eu deixar, falou?
_...
_... _ o “cabo” abaixou a cabeça
_ Assim está melhor! Esse é o delegado Antônio Cosbare, do Rio de Janeiro. Eu acho que você sabe quem ele é! Ele tem algumas perguntas para lhe fazer. Quando ele disser “responda”, aí você fala!
_...
_...
_ Muito bem! Cosbare, é todo seu!
_ Vamos lá! Sem papo! Qual o nome do negão oficial que lidera o seu bando? O que, cacete, vocês têm a ver com a morte do Tucão?... Responda!
_... Assim? Sem vaselina? Vai chegando e...
_ Responde!
_...
_ Legal, legal! Se eu não responder, vocês vão fazer o quê? Me torturar? Deixar o garoto brincar de tiro ao

alvo comigo? Me matar? Se eu disser o nome do “negão”, eu vou estar morto de qualquer jeito! Cara eu era militar, sei o que é guardar um segredo!
_... _ Márcio ia falar, mas Cosbare interrompeu.
_ Calma! Deixa que eu converso com ele.
_...
_...
_ Muito bem! Você saiu da corporação por babaquice sua! Ninguém mandou você deixar cocaína debaixo do travesseiro! Vai dizer o quê? Que plantaram? Mas você usava e não podia negar. O que você quer? Proteção? Depois de atirar num policial que nem de rua é, vai ficar difícil arrumar algum policial para te proteger. A gente sabe que você não tem medo de morrer, que é pica grossa, coisa e tal. Mas a gente sabe também, de uma coisa que você acha que a gente não sabe. Não me obrigue a usar uma arma que eu não quero usar.
_... _ o “cabo” franziu a testa, olhando para Cosbare como que “medindo” a veracidade do que estava escutando_ Você não tem nada! Eu não tenho nada! Não tem coisa nenhuma, você tá blefando...
_...
_ Você quer saber o nome do meu blefe? É Luzineide...
_..._ a expressão nos olhos do homem mudou radicalmente, num segundo, um ar de preocupado, de assustado, passou pelo rosto do “cabo”, mas ele tentou retomar o controle _ Eu não sei do que você está falando! Quem é Luzineide?
_..._ Márcio apenas observava.
_ Quem é Luzineide? Acho que se ela souber que você perguntou isso, vai precisar de umas boas sessões da análise, não vai? _ após essa fala, o homem desabou completamente, Cosbare, então, mudou a voz, como se falasse docemente com uma criança_ Então, cara, colabora. A gente talvez não consiga nada para você, mas quem sabe para ela. O que será que o negão pode arranjar para ela?

_ O negão sabe dela? _ o “cabo” começou a chorar como um bebê _ Doutor delegado, eu faço o que vocês quiserem, mas o Alfredo não pode saber dela _ já tinham o nome do negão_ Esse é meu único trunfo... Eu já fui um homem honrado e decente um dia. A maldita bebida, o jogo... as drogas... Doutor, ninguém sabe da Luzineide, como o senhor descobriu?
_...
_ Para falar a verdade, foi só um nome que a sua prima me falou, eu não sei muita coisa, mas acho que se eu contar para o Alfredo, ele arranca da sua prima, não arranca?
_ Filho da puta! _ o bandido não sabia se ficava com raiva ou triste, estava desestabilizado, de qualquer forma, respirou fundo e continuou _ Tudo bem, eu vou dar com a língua nos dentes... Pergunta aí, que eu canto!
_..._ Márcio quis falar novamente, mas Cosbare tocou-o com a perna por baixo da mesa
_ Bom, o nome do negão você já disse! Aliás, acho complicado ninguém saber da Luzineide, ele sabia até dos meus pais na Holanda! Anyway. O que vocês tem a ver com a morte do Tucão? Quem são vocês, que bando é esse? Eu nunca tinha ouvido falar de vocês!
_ Tá legal, posso beber uma água?_ o “cabo” enxugou as lágrimas com a camisa, respirou fundo e continuou_ Vamos do começo. A gente soube dos seus pais na Holanda, porque o senhor deixou um rascunho de uma carta no lixo. A gente usou aquilo para te impressionar e, pelo visto, conseguiu. Nosso grupo não tem tanto poder assim, nós estamos juntos há pouco tempo. Na verdade, todos nós já fomos honestos um dia, quer dizer... bem, honestos na medida do possível, para policiais, né, nesse nosso sistema corrompido! O coronel Alfredo já esteve por cima _ um clarão veio à mente dos delegados: Alfredo Cury, coronel expulso por estuprar uma menina de oito anos_ eu mesmo fiquei um pouco famoso, lembram do sargento que ajudou o

presidente, naquele dia de chuva, há três anos? Era eu!... Bem, todo o nosso grupo é formado por ex-policiais ou militares que foram expulsos das suas corporações. Engraçado é que muitos de nós eram certinhos. Eu mesmo, era muito honesto, só pecava pelo maldito vício da bebida e do jogo, que depois virou de droga! Eu tinha a minha família, minha mulher era estéril e nós não tínhamos filhos... Um dia, eu levei a filha do coronel de dezenove anos para um passeio... Ela era gordinha, eu sou louco por gordinhas. A gente transou para cacete, no banco de trás do carro do coronel. Eu me arrependi, mas a menina engravidou! Como ela era gordinha, conseguiu disfarçar a gravidez e, no dia do parto, eu a levei para umas compras, passei numa clínica e ela deu à luz, minha filha, Luzineide! Doutor, eu não sei como ninguém descobriu, foi coisa de Deus. Eu deixei a menina com a minha prima, que mora isolada ela disse que a filha era dela e, de lá para cá, uma vez por mês eu visito as duas, a Luzineide não sabe que eu sou o pai dela, mas, você tem razão, se ela me ouvisse dizer que não a conheço ficaria muito triste, a coitadinha... Doutor, se o coronel souber que eu comi a filha dele, que existe uma menina, ele me mata e mata a menina, eu tenho certeza. A filha dele, que hoje é uma drogada, pensa que a garota morreu, de complicações, mas também está pouco se lixando.
_ Calma, beba sua água! Impressionante essa história. Eu já tinha ouvido falar de uma mulher disfarçar uma gravidez, mas não achava isso possível.
_ Anyway, tudo bem, vocês são ex-policiais, que viraram bandidos, essa novela eu já vi, mas o que vocês têm com Tucão? Estavam disputando ponto com ele?
_ Disputando ponto, o caralho! Olha, eu ainda tenho alguns valores. Por que vocês acham que eu não matei, e nenhum outro do grupo matou, o seu garoto, hein? Ele me disse um monte de besteiras e eu perdi a cabeça, já não estava gostando da situação de ter seqüestrado um

policial, estava com um tremendo dilema se o matava ou não...A questão é a seguinte, nós nos reunimos por acaso. Eu já era uma espécie de ajudante do coronel, os outros estavam ligados a nós de algum jeito. Nosso objetivo era ser uma espécie de "polícia mineira da polícia". O coronel fazia muita besteira, eu também, mas ele não estuprou uma menina de oito anos, foi uma armação, a coca, debaixo do meu travesseiro também... Eu não sei quem de nós viu mais enlatados americanos, mas o fato é que a gente resolveu expor os podres da polícia, inventar podres se não existissem... Não era justo que nós, honestos até certo ponto, fôssemos expulsos de corporações totalmente podres e corrompidas, aliás, eu não sei o que gente como vocês ainda faz como policial, vivos... Quando os caras subiram o morro para "dar uma dura" no Tucão, a gente viu uma oportunidade de matar dois coelhos com uma "caixa d'água" só. A gente se livrava de um bandido e incriminava policiais corruptos... Quando vocês começaram a investigar, nós plantamos os olhos em vocês, começamos a estudar suas vidas, sua, do moleque e dos outros dois, Amado e Barbosa... Nós queríamos dar a impressão de que éramos policiais por trás do crime, para vocês incriminarem os policiais. Aquela troca de tiros com vocês não estava no plano, o coronel armou em cima da hora, sei lá, já disse, acho que ele anda vendo enlatados demais, está saindo da realidade, quer dizer, a troca de tiros deveria acontecer, mas não os seqüestros... Alguns no grupo gostaram da idéia, outros nem tanto, eu fui um destes. Mas segui o combinado, levei o garoto para Paracambi, enquanto trouxeram você aqui para Pirapetinga, o resto vocês já sabem... Se não fosse esse meu maldito apelido, não teriam me descoberto!

_ Você é um babacão, mesmo! Acha que só tem bundão na polícia?

_ Calma, Márcio. Essa história é muito bonita, mas parece mesmo um enlatado americano. Você acha que nós vamos engolir esse negócio todo? Vocês estavam é disputando ponto com o Tucão! Vamos lá, como é que nós encontramos o Alfredo?
_ Eu já disse! Não estávamos disputando ponto, porra nenhuma!... Tsc... aonde eu fui me meter... Deixa eu ver a Luzineide, me garante que vai dar cobertura para ela, que vai tirar a minha prima e ela do Rio de Janeiro, aí eu te digo como achar o coronel.
_Você ainda acha que pode fazer exigências? É muito metido! A gente acha esse coronel, agora mesmo!
_ Doutor Márcio Bracose, não o estou reconhecendo!_ Cosbare falou sério, como que "ralhando" com um menino levado._ Olha só, o Márcio tem razão, você não está numa situação muito confortável para exigir alguma coisa. Além do quê, achar o Alfredo agora é só uma questão de tempo. Toma, aqui tem papel e caneta, eu quero os nomes de todo mundo e o endereço do Alfredo, o daqui de Pirapetinga, o de Paracambi, o do Rio e o de Salvador..._o bandido fez cara de espanto_ Eu também fiz o meu dever de casa, "cabo"! Escreve aí o seu nome completo também e eu vou arranjar as passagens, nacionais, para sua prima e sua filha, quanto a deixar ver, são outros quinhentos, isso vai demorar, mas pode escrever uma carta que a sua prima lê para ela e eu mando junto com um ursinho de pelúcia. E não peça mais nada. Eu não engulo essa história de honesto arrependido, mas a garota não tem nada com isso! Comeu a filha do coronel, ela escondeu a gravidez, cara você devia ser escritor! Anyway, verdade ou não, isso não vem mais ao caso. Se vocês forem mesmo, ex-soldados, honestos que queriam fazer justiça com as próprias mãos, vão concordar que fizeram merda e que o caminho agora é o xilindró, não tem conversa. E tem mais, você deu muita sorte do Renato não ficar aleijado!

O bandido, João José Alcebíades Silva, escreveu os nomes e os endereços no papel e também o endereço para onde gostaria de enviar suas prima e filha, em Goiás. No carro, retornando para o Rio, Cosbare aproveitou para convidar Renato para o almoço na casa de Fernando Brascoe, que realizariam dali a uma semana.

O coronel confirmou a história de João, entregando-se e se auto-declarando um bom jogador de xadrez, dando os parabéns a Cosbare. Uma mulher, com aproximadamente vinte e três anos, bastante obesa, fumando e com os olhos fundos, típicos de quem está drogada, apareceu e deu um beijo no pai, como se ele estivesse saindo para as compras, ao invés de estar sendo preso. Ele mesmo demonstrava uma serenidade de quem confia na impunidade aos que têm bens, que domina o sistema judiciário brasileiro.

Quase uma noite sem dormir, após o interrogatório e a prisão, ainda ao raiar do sol, no Rio de Janeiro, Cosbare deixou Renato em casa, ligou para Deise e marcou para a tarde, o encontro que teriam a fim de ver as fotos e colunas fúnebres dos informativos coalas.

Deise pegou o telefone e ligou para o celular de Ramon, que estava fora de área. Provavelmente, Ramon estava em alguma aula extra ou dentro da biblioteca. Ela deixou uma mensagem informando a hora em que deveria encontrar Cosbare e dizendo que gostaria que Ramon fosse junto. Encontrar-se-iam na delegacia, por volta das cinco da tarde.

Cosbare dormiu um pouco aquela tarde. Brigite o acordou às quatro horas, para um banho e para vestir-se a fim de encontrar Deise. Ainda um tanto “moído” pelas aventuras da madrugada, Cosbare achou melhor que fizessem a reunião em sua casa. Ligou para Deise, que já estava no carro com Ramon, chamando-a para vir à

sua casa, ligou para Renato e avisou que não mais iria à delegacia naquele dia.

Ramon não gostou muito de ter que pagar o pedágio para voltar para Niterói, uma vez que já estava quase chegando no Caju, mas, sem alternativa, fez o retorno e seguiu para a casa do delegado.

_... mas é como eu dizia, meu amor. Qual a única diferença entre nós e os animais? A capacidade de eliminar a competição, a capacidade de amar. Ao contrário dos outros animais, a razão, de que somos dotados, nos permite conviver com todas as limitações, uns dos outros, com os mais fracos e com os mais fortes. E o que nós fazemos? Competimos o tempo todo. Aqui no nosso país, então, o individualismo é algo tão forte, que as pessoas ajudam os outros para satisfazerem seus egos, para aparecerem em colunas sociais ou exibirem o seu “poder” ou, ainda, para se sentirem melhores do que quem está sendo ajudado! Pode, altruísmo egoísta? Só aqui!

_ Tudo bem, eu entendo o que você fala e concordo com você, _disse Ramon_ só que a gente sabe que isso está mudando. O sistema é autofágico, se não mudarmos o paradigma, não iremos muito longe, como espécie, com todas as defesas que o sistema tem.

_ Fato.

_ E como, então, saímos desse círculo? Alertando as pessoas? Será que elas querem ser alertadas? Eu sempre me lembro daquele cara do Matrix[22], o que traiu o bando. Ele falou “eu sei que isso é ficção, mas me parece tão real, esse vinho, essa comida!”. As pessoas, de um modo geral, são como ele. Não querem a verdade, não querem a realidade, preferem continuar sendo enganadas, mesmo tendo consciência disso.

_ Sei, e aí, você se enclausura e busca se ligar a Deus sozinho?

---

[22] Matrix (The Matrix - EUA - 1999), direção de The Wachowski Brothers, com Keanu Reeves.

_ Ôpa! Você vai “me bater” ainda por quanto tempo, na conta da minha busca solitária? Eu já lhe disse que divido com você e com qualquer outro o que você ou qualquer outro quiser. A questão é: Será que querem?
_ Tem razão, me desculpe, eu não sei o que esperar do que vou ver com o tio Cosbare e estou meio intranqüila.
_ E como! Você não tem hábito de “sair falando” sem pelo menos ver se vai atingir alguém.
_ Tem razão, nesse ponto, eu mesma não gosto desse tipo de postura. Eu sempre procuro dizer o que penso, mas da melhor forma e no momento exato. Ainda que atrasado, eheh. Eu já pensei isso de você e não penso mais. Como eu sempre digo, você pode me ouvir pedindo desculpas pelo momento ou pela forma como eu disse algo. Dificilmente, pelo conteúdo do que eu disse.
_ É, eu também não acho correto agredir pessoas, em nome da sinceridade. Um pouco de polidez e educação não fazem mal a ninguém, né. No fundo, trata-se de respeito.
_ É, impressionante! Sempre voltamos ao respeito! Ninguém mais tem respeito! Em qualquer nível social ou financeiro, há uma escassez de pessoas respeitadoras que chega a dar desesperança, às vezes!
_ É isso, linda.

O celular de Ramon tocou, Deise atendeu. Era Alexandra Bracose.
_ Ele está dirigindo no momento, você pode ligar dentro de uns quinze minutos? Obrigada.
_...
_ Era sua amicíssima! _ Deise riu, Ramon, também._Vai ligar novamente em quinze minutos, ok?
_ Ok. Ela é uma bruxa poderosa, você sabia?
_ Olha, eu não tenho medo de virar sapo, ela só não pode é encantar você!
_ Nossa, minha filósofa intelectual. Estou impressionado com seus ciúmes!

_ Não são ciúmes...... Mas ela tem uma voz bonita! _ eles riram de novo.

Na verdade, Deise não sentia ciúmes de Ramon e ele sabia disso, a recíproca era verdadeira. Ambos tinham uma maturidade e segurança na relação que, às vezes, assustava a eles próprios. Todavia, Alexandra parecia mesmo causar um certo desequilíbrio em Deise.

Chegaram à casa de Cosbare, de onde parecia que haviam acabado de sair. A reunião de dois dias atrás ainda estava muito fresca na memória de todos.

Brigite abriu a porta sorridente como de costume, Cosbare já os esperava no escritório, com uma série de fotos e recortes. Não houve muitas formalidades introdutórias para a conversa:

_ Oi, tio! O que temos?

_ Você vai ficar impressionada! Eu encontrei um padrão aqui!_ disse Cosbare_ parece coisa de *serial killer*. Um importado que eu espero não chegue aqui tão cedo.

_ Como assim?

_ Além do seu pai, do Romualdo, do David de Penedo e dos irmãos Alencar, encontrei mais dois irmãos nossos que morreram nas mesmas condições. Ronald Inghersson, do Paraná e Evandro Castilho da Bahia.

_ Caraca, tio._ela nem percebeu o seu “descontrole de vocabulário”_ São sete pessoas!! O que pode explicar tudo isso?

_ Olha, eu estou pesquisando, mas ainda não encontrei nada que os interligasse. Dê uma olhada nessas fotos, veja se consegue descobrir alguma coisa.

Deise começou a analisar as fotos dos coalas que faleceram e as seções dos informativos coalas correspondentes. Muitos rostos passavam por ela, ela procurava, procurava e nada. Parou um pouco para beber água, após os dez primeiros minutos. Brigite puxou assunto.

_ Quer dizer então, que o nosso bruxo se revelou, hein?

_ Como assim?_ perguntou Cosbare.

_ Bem, _disse Ramon, visivelmente não muito à vontade_ você sabe, o que Roberval percebeu lá na árvore de vocês, eu tinha “oficializado” com Deise, ainda outro dia...
_ Da bruxaria!_ disse Deise, percebendo o esforço de Cosbare para entender e o de Ramon para explicar, concluindo o assunto.
_ Anyway,_continuou Brigite_ o que esperam encontrar nessas fotos?
_..._ Ramon olhou para Deise.
_ Bem, acho que Deise pode identificar alguma pessoa, algum objeto, não sei. Confio na intuição dela, como já usei a minha. Tenho certeza de que, se ela se concentrar, em não muito tempo, algo lhe surgirá na frente.
_...

Deise retomou a sua imersão e, quanto mais olhava as fotos, detalhes apareciam, brincos, broches, símbolos coalas de toda sorte, detalhes de roupas, óculos, dedos, cabelos... Brigite e Ramon haviam deixado a sala, Cosbare foi buscar mais água, de súbito:
_ Aqui, tio! Veja! Onde está a lupa?

Cosbare voltou apressado da cozinha, indo diretamente a uma escrivaninha, pegando, logo na primeira gaveta, uma lupa bastante potente e passando a Deise. Brigite e Ramon voltaram também para a sala.
_ O que você viu?_ perguntou Cosbare.
_ Essa mulher, parece Edilene Meirelles. Ela estava no enterro de papai... Ela já foi namorada do meu pai... Será que ela também era namorada desse Inghersson? Ou é ela o elo entre as mortes?
_ Calma, minha sobrinha! Não nos precipitemos, ela não é a única mulher loira de cabelos compridos e óculos escuros que vai a enterros. O que ela estaria fazendo no Paraná?_Cosbare usou um tom levemente bem humorado, para tentar descontrair um pouco e dizer a Deise para não forçar muito, pois poderia cometer um

erro. Já estavam todos juntos havia umas duas horas, Ramon examinava com a lupa, algumas fotos.
_ Eu tenho certeza de que é a mesma mulher que estava no velório de papai. Não confundiria esse chapéu, em nenhum momento.
_ Tudo bem,_disse Cosbare, usando a lupa_ você tem razão, mas essa não se parece com Edilene Meirelles...
_ Bem tio, seja quem for, eu a vi aqui no cemitério, no enterro de papai.
_ Deixe-me olhar detidamente._ Cosbare pediu licença e saiu da sala por alguns instantes voltando com mais alguns recortes._ Veja, aqui temos o material que foi produzido para o artigo sobre a morte de Emanuel, foi o fotógrafo da árvore dele, quem o preparou.

Com fotos originais, os três procuraram por alguma foto com a "mulher loira", até que Ramon achou uma, quase em close. Comparadas as fotos, do enterro de Inghersson, com a do enterro de Emanuel, chegaram à conclusão de que era realmente a mesma mulher.

Cosbare sentiu um calafrio percorrer sua coluna, de repente, um clarão veio à sua cabeça, a mulher, à beira da estrada, o broche coala no lenço de emergência, o coração paralisado, o acidente... (Mas como? Ou, ainda, por quê?)
_ Confiem em mim,_ disse Cosbare_ eu sei.

Deise, Ramon e Brigite se entreolharam, como que decidindo quem perguntaria primeiro "Sabe o quê? Como?" ou se ninguém perguntaria. Optaram pela segunda alternativa.
_ Pode haver mesmo uma ligação._Cosbare continuou, percebendo que Ramon, fechava os olhos, como que se preparando para tentar contato direto._ Preciso, repito, que confiem em mim. Minha sobrinha, é possível que a morte de seu pai tenha sido realmente provocada por alguém, só que preciso investigar algumas coisas que não posso compartilhar com você. São informações muito restritas da ordem. Peço-lhe uma semana e farei

contato novamente, para esclarecer de vez o assunto. Que tal, na reunião na casa de Brascoe?
_ Bem, tio, do jeito que você coloca...
_ É, não nos parece haver alternativa. É evidente que confiaremos em você.

Brigite limitou-se a ficar imaginando o que poderia estar passando na cabeça de Cosbare, naquele momento.
_ Muito obrigado pela confiança._disse Cosbare_ Tudo o que lhes posso dizer é que, realmente, esse assunto é reservado, pelo menos enquanto eu não tenho certeza absoluta de minhas conjeturas. Inclusive, eu vou aproveitar e ligar para o Brascoe, para a gente confirmar onde vai ser o almoço.

***

De posse das fotos, Cosbare foi até à Grande Administração Coala, onde encontrou o Grande Coala, Geraldo Luís da Paz, devidamente avisado de sua visita de urgência.

Junto com o delegado estavam o seu coala-mentor, Adamastor Serpente, e Roberval, que o havia ajudado com a questão do controle do coração.

Cosbare narrou longa, pausada e detalhadamente toda a história, desde quando foi chamado para acompanhar o caso, até o momento em que se encontravam nas investigações, passando rapidamente pelo caso do ritual paulista comprado num sebo do Rio de Janeiro. O Grande Coala ouviu tudo com paciência, vez por outra, fechando os olhos como se estivesse dando uma cochilada, ou interrompendo para esclarecer algum ponto que não houvesse julgado suficientemente claro, ou para pedir mais detalhes na narração do delegado. Ao fim de tudo, ele disse:
_ Meu jovem iniciante coala. Em primeiro lugar gostaria de parabenizá-lo pelo cuidado e pelas atitudes que tomou, com relação aos assuntos que envolvem nossa ordem. Não preciso esclarecer que, a despeito de

nossos incríveis esforços para um rigor, imune à falhas, de nosso processo de seleção, tipos com caráter distorcido, entram em nosso seio e, de posse de nossos ensinamentos, convertem-se para um caminho diverso do que indicamos e, corrompidos pelo poder, tiram proveito das pessoas comuns, indefesas diante de toda a bagagem que os coalas possuem.

A fala de Geraldo Luís era suave, porém segura, constante, mas não monótona, baixa, entretanto nítida como se num microfone. Sua entonação denunciava uma bagagem de conhecimento e sabedoria ímpares, comparáveis às dos grandes avatares, ainda que ele não fosse considerado assim, nem julgasse a si próprio desse jeito. As pausas que dava em seu discurso, eram verdadeiros momentos de reflexão, onde reinava o mais absoluto silêncio na sala.

Cosbare nunca tinha participado de uma reunião coala com tamanho nível vibracional. Sentia-se ligado aos três irmãos que ali estavam, era como se respirassem juntos, não sentia vontade de falar, toda a sua atenção, e dos outros dois, estava dirigida ao Grande Coala, que calmamente falava, ponto a ponto, sobre os assuntos descritos por Cosbare.

_ Concluindo, meu filho, ainda que os irmãos de São Paulo tenham conferido com presteza o conteúdo dos baús dos irmãos Alencar, o imponderável aconteceu e não foi percebido._fazendo um parêntese_ Nem sempre percebemos, antes, durante ou depois, a ocorrência do imponderável, não se esqueça disso. Nossos ensinamentos, preparam-nos para tentar pressenti-lo, mas nem sempre acontece. O manual queimado dentro do baú de um dos Alencar, não era o manual dele. Eu soube que o irmão que conferiu o baú, estava emocionalmente abalado, por ser muito chegado à família e pelas circunstâncias em que se deu a morte dos dois, até sentiu algo estranho, quando o tocou, mas não deu importância e não o abriu para verificar o dono.

Sejamos justos: Quem abriria? Por mais que a intuição ordenasse. Não nos convém, todavia, e não é nosso hábito, debater assuntos acontecidos como um ruminante regurgita seu alimento, se não haveremos de acrescentar ou aproveitar mais nada de útil.

Outra pausa, o Grande Coala fechou os olhos por alguns instantes, no que foi acompanhado por todos na sala. Cosbare, como era o mais novo, não resistiu e ajeitou-se na cadeira, notando que o movimento sequer abalou a concentração dos outros três.

Geraldo Luís continuou:

_ Quanto à possibilidade de que um de nós esteja cometendo esses crimes, infelizmente, desde que se cogitou essa possibilidade, elementos vêm sendo movidos para descartá-la, não encontrando, no entanto, argumentos sólidos para fazê-lo. Uma equipe está analisando agora as fotos que você nos trouxe e alguns outros irmãos da Grande Administração já encontraram um ponto em comum entre todos os coalas assassinados. Há seis anos, eles participaram de uma sessão extraordinária que julgou e expulsou um de nossos irmãos, Ettiénne Saint Clair, um coala influente, na sociedade comum e na ordem, que abusou de seus conhecimentos, induzindo um juiz, coala, a cometer um erro, emitindo uma sentença equivocada a seu favor. Na época, os prejudicados foram pessoas simples que, além de dinheiro, perderam posição, auto-estima, com efeito, chegando, uma das vítimas, ao suicídio. Fiona Saint Clair, sua viúva, não se conformou com a expulsão do marido, que, segundo ela, morreu de desgosto logo depois, tampouco o filho, que já era coala, Thomas Saint Clair. Ao que tudo indica, é ele que está atacando os coalas que expulsaram seu pai.

Cosbare quase não se conteve ao perceber que “era sua vez de falar”. O Grande Coala parou por alguns instantes, abriu os olhos em sua direção e ficou esperando, como se já soubesse o que dizer, em resposta

ao que Cosbare perguntaria. O delegado, no entanto, sentiu-se confuso e emocionado, nunca, de fato, havia experimentado aquela sensação. Os outros dois, percebendo sua confusão, abriram também os olhos e voltaram-se para ele, como que irradiando energia para que se concentrasse no que iria falar. Foi como mágica, Cosbare pode mesmo “sentir” seu raciocínio retornando e clareando, sentiu como se os outros o ligassem a uma bateria e estava pronto para falar, após o longo monólogo do experiente senhor à sua frente.

_ É possível,_ Cosbare perguntou_ que ele tenha dividido o conhecimento com a mãe e, com efeito, possa tê-la treinado, para ajudá-lo na execução dos crimes?_ os outros não responderam, como que esperando por mais alguma coisa que Cosbare teria para falar._ Independentemente dessa hipótese, havia quantos irmãos nesse tribunal?

_ Muito bem,_ disse Adamastor_ suas perguntas são pertinentes. Quanto a dividir o conhecimento coala com a mãe, isso é perfeitamente possível. Embora quebrando nossas regras e violando nosso juramento de segredo, para quem cometeu crimes de assassinato, isso seria um delito leve, não obstante, grave. Esse tribunal foi presidido por uma Coala Mor, último grau coala, como você sabe, recém promovido e postulante à posição de Grande Coala. Os outros eram todos Coalas Mor, representando algumas árvores mais antigas, segundo nossas tradições: Romualdo Abreu, de Porto Velho, Rondônia; Evandro Lopes Castilho, de Lauro de Freitas, Bahia; David Rosberg, de Penedo, no Rio de Janeiro ; Ronald Inghelsson Jr., de Londrina, Paraná; Emanuel Arbosce, de Niterói, Rio de Janeiro; Altamiro e Aldair Alencar, de Ribeirão Preto, São Paulo.

O nome do presidente do tribunal, não precisava ser dito. Considerando há quanto tempo havia ocorrido e quem era o Grande Coala, ficava claro que Geraldo Luís da Paz seria o próximo alvo.

_ Quem tentaria,_ disse Cosbare, num lampejo_ atingir Geraldo Luís da Paz?
_ Meu irmão, muitos são os inimigos do homem virtuoso, num mundo onde a virtude parece ser o erro e vice-versa, já dizia nosso former Grande Coala, D'artagnan Loureiro, indiscutivelmente, um semi-avatar, cuja obra mística e física engrandeceram sobremaneira as colunas da ordem no país. Estou preciso, irmão Grande Coala?_ falou Roberval.
_ Preciso, meu filho.

Com uma única frase, Geraldo Luís pareceu colocá-los "no ritmo" novamente, considerando que Cosbare havia se exaltado um tanto. Cosbare sentia-se completamente manipulado, tinha mesmo medo de não se lembrar do que havia passado naquela noite.

Os quatro ficaram alguns instantes em silêncio, como que imaginando o que poderiam fazer. Foi o Grande Coala quem deu a sugestão.
_ Acho que não devemos fazer rodeios retóricos, no ponto em que chegamos: Fiona Saint Clair e seu filho Thomas são suspeitos de estarem matando coalas, o que é um crime acima de grave. Segundo nossas deduções, o próximo da lista serei eu. Assim, o que faremos é deixar que sigam com seu plano e me fazer de isca. Aparentemente, eles conseguem um jeito de entrar no carro da vítima, nesse ponto, provavelmente Fiona usa seu coala de emergência, para pedir auxílio que jamais seria negado por qualquer coala. A questão é que ela deve saber a hora exata em que o irmão passará pelo local onde ela, eles o esperam. Uma vez dentro do carro, param o coração do irmão e o fazem sofrer um acidente... Omiti alguma coisa?

Cosbare e Roberval se olharam e perceberam que era Adamastor quem deveria falar. Ele disse:
_ Meu Grande Irmão, temos consciência de sua capacidade, mas sabemos também que não podemos deixá-lo servir de isca para criminosos. Frustrado seu

intento, pelos poderes do irmão, poderiam reagir de alguma forma mais brusca e não nos dariam tempo de chegar para socorrê-lo.
_ Não creio que usem esse tipo de violência._disse Geraldo_ Thomas pode ser um criminoso, mas a ordem está dentro dele de uma forma que, mesmo vencido por seu ódio, ele não pode controlar. Acredito, mesmo, que não estejam carregando arma de qualquer espécie. A menos que, tenham algum ajudante, que o faça pelos dois. Nesse caso, teremos pensar outro jeito de escaparmos da armadilha. Passarei a andar em meu carro, com um outro carro coala atrás. Assim que avistarmos alguma cunhada precisando de auxílio, usando o coala de emergência preso ao lenço, o carro de trás e não o meu, pára para apanhá-la. Se for uma emergência real, não haverá problema, pois a cunhada será atendida, se for a emboscada de Fiona, ela não terá como levar a cabo seu intento e, ou se revelará, ou fará um teatro, simulando precisar realmente de ajuda.
_ Grande Irmão,_interrompeu Cosbare_ talvez eu esteja me antecipando, mas, capturados os criminosos, o que faremos com eles?
_ A intuição coala nos dirá!_ respondeu Adamastor_ Perdoe-o, Grande Irmão, ele é um homem experiente, mas ainda é novo na ordem.
_ O que você quer dizer com isso? Vocês os punirão? Haverá algum tipo de castigo psíquico? O que será feito?
_ Meu irmão, a ordem precisa se preservar. Você acha que nunca fomos ameaçados, em outros tempos? O que fez nossa ordem progredir em silêncio, nossas reuniões não serem notadas, mesmo quando acontecem, regularmente, em bairros movimentados, o que afasta os maus coalas de nosso seio, são justamente a coesão, a cooperação coala, a intuição e algumas atitudes que, apesar de aparentemente reprováveis, mantêm-nos íntegros através dos tempos._ disse Adamastor.

Roberval e Geraldo da Paz ficavam em silêncio, observando.
_ Certo, _continuou Cosbare_ mas o que será feito? De que maneira? Vocês os matarão? Executarão algum tipo de lobotomia?
_ Preste atenção, irmão: Quando for chegada a hora, saberemos o que fazer e o faremos. Independentemente da vontade do irmão. Acredite, a ordem nunca toma uma atitude impensada ou exageradamente penosa para quem quer que seja.
_ Ainda não me convenci. Tudo bem, eu já ouvi falar de correntes da maçonaria que esquartejavam seus traidores, de polícias mineiras, dentro da polícia, que exterminam seus delatores, feiticeiros que arruínam a vida de quem lhes atravessa o caminho...
_...
_ Já há algum tempo, eu venho pensando nisso, a respeito de nossa ordem... E o perdão? Onde está colocado?
_ Não se precipite em julgamentos, o fato de aplicarmos, eventualmente... possivelmente, qualquer tipo de... “corretivo” em algum infrator de nossas leis, não nos impede de perdoá-lo.
_...
_ Eu sei que parece paradoxal, mas imagine a seguinte hipótese: O irmão tem uma filha, não tem? E o irmão já bateu nela, não bateu? Ou a pôs de castigo, isto é, impingiu-lhe algum tipo de privação, com finalidade didática, não?
_ Pelo amor da Grande Alma. Não estamos falando da mesma coisa aqui! Um castigo para minha filha, não se compara a um assassinato ou a uma mutilação ou... sabe-se lá o quê!?

Nesse momento, Geraldo da Paz resolveu interferir na conversa. Cosbare ficou impressionado, como as atenções se voltaram para o Grande Coala, antes mesmo que ele começasse a falar. Cosbare, por si

próprio, experimentou uma estranha sensação de que "devia parar de falar e prestar atenção ao Grande Coala."

Antes de começar a falar, Geraldo gastou aproximadamente uns quarenta segundos, nos quais reinou o mais tranqüilo silêncio dentro da sala.

Cosbare, que tinha o coração acelerado, sentiu-se acalmar e sua respiração voltar a um ritmo agradável, seu suor diminuía, imaginou se não estava sendo controlado por algum dos três ou pelos três, para que concordasse com eles. Mal acabou de ter o pensamento, Geraldo lhe disse.

_ Sim, meu irmão, nesse momento, eu estou desacelerando seu coração, mas não para que você concorde conosco. Você já conhece o suficiente de nossa ordem para saber que jamais imporemos algum ponto de vista a algum de nossos irmãos. Todavia, como sinto que já começa a questionar, é importante que encare de frente logo essa questão, enquanto ainda é novo na ordem e não tem conhecimentos que façam ficar mais difícil qualquer retorno.

Cosbare perguntou-se o do que mais seria capaz o Grande Coala. Quantos teriam aqueles verdadeiros poderes? Ler a mente, controlar os batimentos cardíacos de outra pessoa? O que mais ele poderia vir a conhecer? O que seria um conhecimento que fizesse ficar mais difícil o seu retorno? Retorno? Para onde? Como seria feito um retorno? Fariam-no esquecer-se, através de algum "passe de mágica", tudo o que soubesse? Fariam a lobotomia a que, provavelmente, estavam condenados Fiona e seu filho?... Geraldo interrompeu a seqüência de pensamentos do delegado. Os outros dois observavam com expressões de neutralidade.

_ Meu filho, posso chamá-lo assim?_ Cosbare assentiu, com um aceno de cabeça e uma piscada lenta_ Compreendo perfeitamente seus questionamentos. Saiba que você não é o primeiro homem da lei em nossas

fileiras a questionar algum de nossos métodos. Todavia, asseguro-lhe que não somos nenhum tipo de organização criminosa. Você não foi iludido. Também garanto-lhe que não fazemos como as outras ordens místicas que existem por aí, nos moldes da Grande Fraternidade Branca. Não vamos plantando paulatinamente, em sua cabeça, idéias que possam ser contrárias aos seus valores, através de recursos semânticos e/ou neurolingüísticos. Veja, essa senhora e seu filho, estão cometendo um grave atentado contra nossa ordem. Não podemos ficar passivos diante disso. O perdão é um dom, que deve ser exercido sempre que possível, mas os limites entre o que é apropriado ou não são extremamente tênues. Veja, você mesmo concorda que há limites para virtudes como a humildade, a tolerância, a caridade e mesmo para a fé... Só não parece haver limites para o amor, mas, acredite, há. Quando Cristo, louvado seja esse avatar, disse que devemos dar o outro lado, não se referiu a entregarmo-nos em sacrifício, quando seriamente feridos. Ele próprio, teve seu “ataque de nervos” e derrubou barracas de vendedores que se portavam inadequadamente...

_...

_ Eu sei, não pretendo justificar um erro com qualquer outro erro. O fato de Cristo não dar o exemplo do que ele próprio pregava, deixando de ser tolerante, por mais errados que estivessem os comerciantes daquele templo, não nos permite ser intolerantes, contudo, mostra-nos que os limites existem e que devemos saber respeitá-los ou transpô-los. Excesso de humildade vira subserviência, excesso de tolerância vira permissividade... É verdade que aprendemos a ver o mundo sob uma ótica não maniqueísta e que há a sublimação de todos os sentimentos e o sentimento único de pertencer ao ordem-caos... Acho que não preciso dizer mais nada... Você já compreendeu. Você sabe o quanto é inteligente, embora humilde para

admiti-lo. Quero que vá para casa e pense... Sem pressa. Se quiser ficar alguns dias afastados da reunião de sua árvore, eu mesmo lhe dou a licença para tal. Não deixe que nenhum de seus princípios fundamentais seja abalado por qualquer razão, sem que você esteja estruturado emocional e racionalmente para substituí-lo... Você estuda o que pregamos, eu sei. Acredite, praticamos o que pregamos, mas não podemos nos deixar desaparecer, como fizeram os gregos, sem exércitos, diante dos romanos. Ghandi foi uma exceção maravilhosa, mas o confronto também faz parte da natureza humana e não nos cabe questioná-la, quando resolve aflorar. Faça isso: creio que você encontrará um caminho que preencherá seu coração.

Adamastor e Roberval permaneciam em silêncio. Cosbare não sabia se estava realmente escutando aquilo, não sabia se queria acreditar que ouvia aquilo. O que fariam com Fiona e seu filho? Seriam assassinados? Lobotomizados? Que tipo de crueldade aqueles homens que ele tinha como modelo de integridade e retidão seriam capazes de praticar ou ordenar que fosse praticado? O que seria certo e errado? Seus valores voavam por sua cabeça num redemoinho que parecia não ter mais fim. Ele pensou em alguma coisa para falar para o Grande Coala, à sua frente, mas nada saía de sua boca, tinha, mesmo, a impressão de não estar pensando, o tempo parecia estar parado e seu cérebro não estava funcionando. Mecanicamente, acenou para Adamastor, para Roberval e deu uma longa olhada para os olhos de Geraldo Luiz da Paz... da Paz... Os olhos do Grande Coala estavam firmes, serenos, não emitiam a menor vibração de ódio ou raiva. Como seria possível? Matar sem ódio?

Ele foi andando até o carro, automaticamente, sem perceber qualquer coisa em seu caminho, abriu a porta, sentou-se, instintivamente, ligou o rádio, acendeu um incenso que estava no porta-luvas. O que se passava

em sua cabeça? Teria sido ingênuo? Estaria sendo? Era um homem da lei, não podia permitir que a justiça fosse feita fora dos tribunais... Mas, como fariam para condenar aquela mulher e aquele homem? “Meritíssimo, os acusados pararam psiquicamente o coração da vítima, simulando em seguida um acidente com o veículo.”, viu-se na sala de julgamento e o júri, a galeria, todos rindo da afirmação do promotor, até mesmo o juiz. Que situação! Perdoá-los e deixá-los livres, poderia significar a condenação à morte de mais um sem número de irmãos coalas... Não conseguia parar de pensar em que tipo de punição seria aplicada. Pensou em pegar seu manual e lê-lo por inteiro, para saber o que ainda estava por vir... Lembrou-se de Ramon e de como ficou enraivecido com a possibilidade de alguém de fora ler seu manual. Pensou em como, num curto espaço de tempo, havia aprendido a amar a Ordem Coala e seus membros, no desapontamento que teve, com a experiência mal sucedida de Brascoe nas outras ordens, pensou em Ramon e sua busca solitária, em Renato e a possibilidade de que ele viesse a entrar para a Ordem Coala.

Que tipo de questionamentos deveria fazer e que tipo de perguntas deveria esperar daquilo tudo? A sociedade não estaria pronta para se unir a Deus ou a si própria, em primeiro lugar? O que seria o certo? O que seria o errado?

Ligou para a delegacia. Não retornaria naquele dia, não podia tampouco voltar para casa, seria horrível não poder dividir com Brigite o que lhe retorcia por dentro, tampouco conseguia ficar sozinho, sem pensar que estava enlouquecendo.

Não teve dúvidas, quando deu por si, estava entrando na casa de Brascoe. Este estava sozinho, pois sua mulher e filhos haviam viajado a passeio, aproveitando um feriado escolar, escrevia alguns ensaios sobre filosofia, quando a campainha tocou.

Identificado pelo interfone, Cosbare viu o portão do sítio se abrir e entrou rapidamente, parando o carro próximo à entrada da casa.
_ Cosbare, que surpresa! Eu o esperava na semana que vem...
_ Fernando, eu preciso conversar, a Maria Alice e os meninos estão aí?
_ Não, foram...
_ Que bom!
_ O que houve, você parece assustado. Achei que poucas coisas fossem espantá-lo, hoje em dia.

Cosbare não reagiu à ironia. Entrou, sentou-se, fechou os olhos e respirou profundamente. Instintivamente, Brascoe acendeu um novo incenso, reforçando o odor forte de rosa branca que já inundava a sala. Observou atentamente o amigo esparramado no sofá, braços abertos pelo encosto e pernas esticadas para o chão, os sapatos jogados para o lado...
_ Meu irmão, você está conseguindo me impressionar. O que mexeu tão profundamente com você?
_ Você se desapontou com as ordens não foi? Em quantas delas você esteve?
_ Ôpa! Vamos com calma. Eu não me desapontei com "as ordens", sim com as pessoas que as compunham. Mesmo assim, estive em três apenas. Na realidade, é um assunto por demais complexo, para simplificar numa frase "eu me desapontei com as ordens". Do que você está falando?
_ Diga-me, eu sei que você foi maçom e rosacruz. A que outra ordem você pertenceu?
_ Temo que eu não possa lhe dizer. Nem minha mulher sabe, nem meus irmãos mais chegados, como você, sabem...
_ Como pode? Uma ordem tão secreta e que também o desapontou? Não acredito nisso.

_ Olha só, Antônio, você não veio falar de mim. O que aconteceu a você? O que os coalas lhe disseram ou fizeram?
_ Como você sabe que foram os coalas?
_ Bom, não preciso ser detetive para saber a que única ordem você pertence, *mon ami*.
_ Eles vão lobotomizar uma pessoa...
_ Como?? Como assim? Por quê? Quem?
_ Não é bem assim, eu estou especulando... Isso está me deixando fora da minha razão... Eu vou lhe contar...

Cosbare fez um resumo de todo o caso, omitindo o fato da paralisação dos músculos, disse que os ataques cardíacos aconteciam com um preparado coala que se dissipava no sangue, para disfarçar, mas contou sobre o julgamento, sobre Fiona, acabou falando até sobre Ramon e o ritual. Narrou os fatos quase ininterruptamente, por uns quarenta minutos, terminando com a reunião da qual participara havia algumas horas. Brascoe ouviu tudo pacientemente, pegou chá gelado para ambos, evitou fazer perguntas até que Cosbare chegasse ao fim de sua fala. Então falou:
_ Bom, é uma história impressionante, tirando essa coisa de erva que pára o coração. Meu irmão, você não precisa se preocupar em guardar segredo algum sobre sua ordem. Anyway, pelo que eu entendi, em primeiro lugar, pode haver uma possibilidade de uma pressão psicológica funcionar, isto é, antes de lobotomizar essa tal Fiona e seu filho, os Coalas ainda vão tentar reprimi-los com argumentação, é isso?
_ É... Mas acho que disseram isso, só para me acalmar...
_ Olha, eu não sei o que lhe dizer, nesse momento. Quer dizer... eu não sei se lhe digo o que tenho para dizer... se vai surtir algum efeito. Demais, eu não quero influenciar sua decisão de continuar ou não na ordem Coala.
_...
_ Tudo o que eu posso lhe dizer é: De todas as que eu conheço, os Coalas ainda são dos mais bem

intencionados, isso é, os que apesar do poder e da influência, ainda são altruístas e agem verdadeiramente para o bem da humanidade e não de uns poucos humanos, filiados a seus quadros...
_ Até mesmo que os Rosacruzes?
_ Bem, os Rosacruzes não têm a mesma influência ou o mesmo poder político. Com efeito, abriram mão disso, em troca da paz com as religiões dominantes, leia-se cristianismo, e sua egrégora é bastante forte e seus pensamentos ajudam, indiscutivelmente, a humanidade, mas não sei o que fariam se tivessem o poder físico e não apenas o psíquico que possuem, não posso me permitir especular sobre esse ponto, seria totalmente fora de questão, por isso, julgo os Coalas mais bem intencionados, pois buscam a influência política e não se deixam corromper por ela, apenas isso...
_...
_ Vejo que não ficou satisfeito, você quer que eu diga algo ruim de todas as ordens, é isso que está esperando? Pois isso você não vai conseguir... Acho que todas têm seus pontos muito positivos... A Maçonaria com seu assistencialismo, egocêntrico é verdade, vaidoso é verdade, mas não deixa de praticá-lo... Quem se humilha por um prato de arroz não percebe que está se humilhando, então, se a fome está sendo satisfeita, já temos um bom começo... Os Rosacruzes com sua egrégora, trazem harmonia para a humanidade, além de obras sociais também... Os Coalas, os irmãos da Grande Fraternidade Branca, a Sociedade Teosófica, os Mantos Amarelos, a Fraternidade Rosa Cruz, a Rosa Cruz de Max Hendel, a Ordem de Maat, os Magos de Petrópolis, os Druidas, verdadeiros e os falsos, mesmo as grandes instituições religiosas, têm seu lado positivo e seu lado negativo... Aliás, o lado negativo de todas elas, sem exceção, do meu ponto de vista, é estarem separadas... Todas pregam a compreensão da multiplicidade do único, a união das individualidades, a junção de todas as

verdades, mas... Na hora de por em prática... Há um movimento ecumênico, que eu esqueci o nome agora, tomando força... Acho que começou por modismo, para aparecer na televisão, foi o que me disseram, mas começa a ser mais forte do que a vaidade de seus fundadores e começa a realmente atingir o objetivo de concatenar as verdades que levarão à verdade única da Grande Alma... Mas, aqui estou eu filosofando... Isso ajuda você de alguma forma?
_... Eu não sei... Estava tudo tão certo... Diga: O que você pensaria se matassem essa mulher e seu filho?
_ Que teria sido melhor lobotomizá-los... Eu sou contra a pena de morte, por qualquer motivo, se a pessoa não tem correção, vai ficar confinada pelo resto da vida, mas não se pode tirar uma vida, como castigo. Em última análise, isso não é um castigo... Uma pessoa que mata outra, por prazer, principalmente, não tem amor à vida e, portanto, privá-la da vida é um prêmio... Ela tem que passar muito tempo assistindo filmes de pessoas felizes, de crianças brincando... que sua mente doentia pense o que quiser, mas acho que... depois de uns dois anos vendo "Mary Poppins"[23] ou "A noviça rebelde"[24] ou "A família dó-ré-mi"[25], até Jack o estripador, viraria um bom menino...

Cosbare riu. A piada veio num bom momento. Eles pararam a conversa, Brascoe ligou para Brigite e avisou que Antônio passaria a noite lá. O delegado tomou um banho, vestiu uma roupa do amigo, comeu alguma coisa e voltou para o sofá, onde se espalhou novamente...
_ Mais calmo?_ perguntou Brascoe.

---

[23] "Mary Poppins" (EUA - 1964) - direção Robert Stevenson, com Julie Andrews e Dick Van Dyke
[24] "A Noviça Rebelde"(The sound of music – EUA – 1965 – direção de Rober Wise com Julie Andrews e Christopher Plummer
[25] "A família Dó Ré Mi (seriado – The Partridge Family – EUA – 1970/1974) com Shirley Jones

_ Acho que calmo eu sempre estive... Sabe, eu até esperava que houvesse algum tipo de punição a traidores, mas não esperava me deparar com isso tão cedo...
_ Isso é porque você não viu uma eleição...
_ Xii, eheheh, nem quero ver, então... Então foi isso que o desapontou? Eleições?
_ Olha, o homem tem um problema sério com o poder... Poucos são os que sabem dominá-lo, sem serem dominados por ele... É verdade que, em época de eleição, tudo o que se prega nos templos e rituais é esquecido, a vaidade e a vontade de "sentar no trono" acabam sendo mais fortes e, aí, eu só posso falar das ordens a que pertenci... Mas eu não vou lhe negar que esse foi um dos pontos que me fez iniciar uma busca solitária, por mais contra-senso que isso possa parecer...
_ Não é tão contra-senso, muitas pessoas vão às igrejas sozinhas, por exemplo, estão lá, abraçam as outras, mas, no fundo, pouco se lhes dão as outras... Esse menino Ramon, por exemplo, noivo da Deise, é um bruxo solitário... Brigite, também e você sabe.
_ É, eu sei, anyway, eu até me aproximo de outros, para estudar, divido o que aprendi, mas do meu modo... Você leu o meu livro?
_ Não, sinto muito...
_ Não tem que sentir. Quem está perdendo é você, eheheh... Ali, eu digo muito do que eu penso acerca do universo e dos "mundos" que nos rodeiam, das energias, das forças... Foi o jeito que encontrei de falar o que aprendi... Embora tenha que ser mais claro, em alguns pontos, eu concordo...
_ Tudo bem, eu vou ler e conversamos. Não me conte! Você sabe que eu sou chato com isso! Anyway, acho que, aos poucos, vou conseguindo digerir melhor essa postura dos coalas... Suponhamos que não quisessem matá-los ou lobotomizá-los, não poderiam deixá-los

livres, porque, certamente, mais coalas estariam correndo perigo, onde então os colocariam?
_ Sei lá. De repente, os Coalas têm uma fazenda, com cercas eletrificadas, para onde levam os “inimigos da ordem”.
_ Justo... E lá ficam sendo exibidos musicais de Disney ininterruptamente...
_ Pense bem, não seria má idéia!
_ Muito bem, acho que podemos dormir agora. Amanhã estarei mais pronto para o meu dia-a-dia na delegacia e para conversar com meus irmãos coalas...
_ Assim que se fala, meu irmão!
_ Uma última coisa... O que você intui que surgirá do nosso encontro semana que vem?
_ Do que você está falando?
_ Você sabe, Fernando, não se faça de bobo! Eu, coala; você, místico; Brigite, o Ramon e essa tal Alexandra, bruxos; Deise, espírita umbandista; Renato, um provável coala. Maria Alice, agora, Rosacruz... Não estamos nos reunindo à toa. Algum propósito deverá ter essa reunião.
_ Tem! Vamos conversar sobre o que nos der vontade na hora! Um bando de pessoas adultas que se conheceram, numa tarde de autógrafos, que gostariam de ganhar um pouco mais de intimidade... Meu irmão, Cosbare, nem tudo, no mundo tem uma explicação racional. Apenas “sinta” e tudo virá ao seu tempo...
_ Tá bom... Depois dessa, eu vou dormir. Boa noite!
_ Boa noite!

***

Deise acordou aflita, mais uma vez teve o sonho envolvendo seu pai, o papa e, dessa vez, a mulher que vira na foto, na casa de Cosbare. Sentia dificuldades para controlar sua ansiedade, precisava saber qual tinha sido o resultado das investigações de Cosbare.

Levantou-se, foi ao banheiro, fez sua assepsia, tomou um banho, começou a se secar, parou... Foi até o

armário embaixo da pia do banheiro e pegou um misturado de ervas que usava para se banhar, quando estava nesse estado de desarmonia. Voltou para o chuveiro e banhou-se com as ervas. Enxugou-se com uma toalha branca, totalmente limpa, que estava em uma das gavetas do armário. Ainda nua, apanhou uma vela, em outra gaveta, caminhou até o quarto, onde tinha um pequeno altar com uma estatueta representando seu caboclo. Acendeu a vela, pôs-se de joelhos e fez uma oração ao caboclo pedindo harmonia e encaminhamento. Após a prece, acendeu um defumador, mergulhando as mãos na fumaça e esfregando-as lentamente pela testa e pela cabeça, como que se banhando de ar.

Sentindo-se mais leve, foi até a cozinha e preparou um pequeno prato com frutas e um pedaço de carne de peixe crua, serviu um copo de licor, um pedaço de doce de goiaba, que estava na geladeira, montou uma pequena mesa sobre uma banqueta, na cozinha e levou-a até à varanda, num lugar reservado para esse fim. Trouxe a vela e o defumador, este, depois de visitar todos os cômodos da casa, onde, em cada um, entoou uma pequena prece aos seus orixás.

Como que sincronizadamente, assim que Deise acabou todo o seu ritual, voltou para o quarto e se vestiu, Cleonice entrou em casa, retornando da feira, onde tinha ido.

_ Hummm, cheirinho de defumador!_disse Cleonice.

_ É, Cléo, acho que eu ‘tava precisando dar uma “descarregada”...

_ ‘Tá se sentindo melhor?

_ Sim, estou. Já faz tempo que não vou ao centro.

_ É, minha menina, você precisa mesmo ir, essa coisa de não saber o que aconteceu com seu pai está te fazendo muito mal. Você resolva isso logo! Até eu estou me agoniando!

_ O tio Cosbare vai me dar notícias hoje, Cléo, acho que vamos saber o que realmente aconteceu... Eu já estou achando que foi mesmo uma grande obra do acaso...
_ Sei, e você pensa que eu nasci ontem!
_ Não, Cléo, é sério! Começo a acreditar, de verdade, que foi uma grande fatalidade.
_ É, eu espero que sim...
_...
_ Que tenha sido uma fatalidade e que você esteja acreditando!
_ Bom, eu vou até à biblioteca, ler alguma coisa, navegar na internet, sei lá. Vou me distrair até alguém telefonar, ou o tio Cosbare ou o Ramon...
_ Vai lá, vai! Eu vou arrumar a minha cozinha, que hoje é dia de "dar uma geral" na casa. Daqui a pouco, a menina da faxina vai chegar para me ajudar.

Aliviada pelo aroma suave de defumador que preenchia a casa. Deise foi para a biblioteca, onde resolveu ligar o computador e entrar na internet. Gostava muito de uma sala de bate-papo esotérica, de um dos grandes provedores de acesso. Normalmente, entrava naquela sala, quando não se sentia muito equilibrada ou, ao contrário, quando se sentia em bastante equilíbrio. Sempre encontrava apoio ou podia apoiar alguém. Usando seu *nickname* "Ceridwen", Deise começou a conversar com uma menina do Rio Grande do Sul, cujo codinome era Cristal.

Sempre impressionava Deise, a quantidade de pessoas do Sul que freqüentavam aquela sala. Todos os dias, havia lá um sem número de gaúchos, catarinenses ou paranaenses, também encontrava muitas pessoas do interior de São Paulo naquelas salas.

Começaram a teclar sobre amenidades e Deise estava para encerrar a conversa, pois sua parceira abusava das abreviações como "vc", "tb", "aki", que Deise não suportava. Aliás, sempre que entrava em salas de bate-papo, assustava-se pelo fato das pessoas não

saberem escrever. Um festival de “esses” em lugar de “zês”, “us” no lugar de “eles” e vice-versa. De repente, Cristal teclou: “Mas o seu santo é forte. Mesmo você não indo visitá-lo, ele está sempre perto de você... Você está com créditos, menina, ele não deixará de visitá-la.”. Impressionada com o recado tão direto, Deise resolveu aproveitar o anonimato da internet para falar sobre o sonho que a incomodava tanto.

Essa era, com efeito, uma vantagem que Deise via nesse tipo de comunicação, o manto da privacidade do anonimato, que se abria para conversas francas e desabafos, gerando sentimentos reais, naquele ambiente virtual. Durante alguns segundos, Deise pensou em quantos amigos virtuais não possuía, pensou nas mensagens bonitas e de elevação da auto-estima que recebia diariamente em seu endereço eletrônico, em como pessoas sem escrúpulos utilizavam textos tão belos e mensagens tão enriquecedoras para, através de spams[26] tumultuarem o tráfego na grande rede ou para divulgar produtos, normalmente, esdrúxulos, como “alargadores de pênis”.

Cristal analisou o sonho de Deise, sob uma ótica Junguiana, o que a agradou bastante. Segundo a gaúcha, a mulher que fez mal a seu pai (Deise não havia falado que seu pai estava morto) faria mal ao papa, que deveria ser alguém que Deise julgasse muito importante e talvez ao tal “tio”.

Ao desligar o computador, Deise ficou se perguntando quem poderia ser a pessoa muito importante que ela conhecia, ou tinha contato, para

[26] Spam - prática de espalhar mensagens pela internet e incentivar a repetição contínua das mesmas de um usuário para seus amigos e multiplicando-as, com fins de publicidade ou simplesmente para congestionar o trânsito, por um divertimento tolo. Normalmente, são correntes de felicidade que um desavisado envia para seus amigos e, através da mensagem os endereços são capturados pelo emissor original, gerando a possibilidade de envio de publicidades indesejadas.

aparecer como o papa em seus sonhos. “Minha Iemanjá! O Grande Coala!”. Era a desculpa que Deise precisava para pegar o telefone e ligar para Cosbare.
_ Tio? É Deise! Tudo tranqüilo?
_ Olá minha sobrinha! Está sim. E com você?
_ Mais ou menos! Eu tive um sonho! Não adianta explicar quem interpretou, mas acho que o seu Geraldo, é esse o nome do Grande Coala, não? Corre algum perigo.
_ Bom, minha querida. Que tipo de perigo?
_ A mulher que fez mal ao meu pai, _ Deise falou sem perceber o que dizia _ também fará mal a ele!
_ Quem lhe disse que uma mulher fez mal a seu pai? _ perguntou Cosbare, impressionado com o dom visionário de Deise, já dando a resposta, na própria pergunta.
_ Então é verdade! O que você descobriu tio? Como aquela mulher matou o meu pai? Quem era ela?

Cosbare viu-se numa encruzilhada. Não poderia revelar o conteúdo da conversa que teve com Geraldo da Paz e seus irmãos coalas, mas também não poderia ficar calado diante da evidência que Deise agora tinha em suas mãos.
_ Bem... Que tipo de perigo, você acha que o Grande Coala está correndo, minha filha?
_ Não sei, tio! Sei que está correndo perigo! Mas não mude de assunto? O que você descobriu sobre aquela mulher loira e meu pai? Qual a relação entre os dois? Quem é ela?
_ Olha, Deise, eu vou ser direto, como você merece que eu seja. Desculpe-me se estiver sendo rude:
_ Já sei!_ disse Deise interrompendo._ É um segredo coala!...
_...
_ Droga, tio! Eu nunca tive curiosidade! Eu sempre agüentei numa boa as coisas que meu pai não podia falar... Mas estamos falando de assassinato aqui! A

mulher matou meu pai e eu não tenho direito nem a ter a confirmação disso? Não quero saber como foi! Eu me sinto no direito de saber se foi ou não! Vocês, a ordem e não só você, tio, me devem isso! Eu preciso ter essa confirmação para ter paz... Eu preciso continuar confiando em minha intuição!...
_...
_ Diga algo, tio! Diga que vai me dizer! Diga que vai pedir autorização ao tal Grande Coala, me enrole, minta, eu não sei!...
_ Você tem razão! Acho que não preciso confirmar nada para você... Pense um pouco, minha cara... Ponha sua cabeça no lugar... O meu silêncio já deve ser uma resposta, não? Acho que eu não preciso pronunciar as palavras para você ouvi-las? Preciso?

Ficaram em silêncio por alguns instantes... Deise respirou fundo e buscou de volta a harmonia que havia conseguido com seu ritual da manhã. Cosbare também respirou do outro lado, não porque estivesse nervoso, mas para induzir Deise ao relaxamento...
_ Tudo bem, tio... eu vou desligar agora...

Deise nem esperou o tio dizer qualquer coisa... desligou abruptamente o telefone e se atirou no sofá, olhando para o teto, de onde pendia um imenso carrilhão multicor, com uma estrela de cinco pontas, vermelha, na extremidade do badalo...

Ela agora tinha certeza de que a morte de Emanuel não fora uma fatalidade. Ele havia sido assassinado. Ela talvez jamais ficasse sabendo o porquê, mas isso realmente não importava muito, quer dizer, quem mataria aquele homem? O que ele teria feito para uma punição tão severa?... Deise estava confusa novamente, a harmonia do ritual foi embora novamente, só que ela não se sentia mal, apenas perdida... Seu olhar vagava pelo cômodo. Via Emanuel sentado ao computador, digitando, ele mesmo, suas palestras, como sempre fez questão. Ouvia-o tocando seu saxofone,

sentado na poltrona em frente ao sofá, com a categoria de um profissional... Ela pensou em ligar para Ramon, mas, imediatamente, lembrou-se de que ele estaria em sala de aula naquele momento, pensou em quem poderia chamar para não ficar sozinha, pensou em induzir-se a um transe para encontrar com seu caboclo... Pensou em inúmeras coisas, até não saber mais no que pensar.

Sua cabeça ficou vazia. O carrilhão pareceu mais próximo, o teto pareceu mais próximo, parecia que ele estava caindo e... quando deu por si, Deise o havia atravessado. Flutuava por sobre seu edifício, observando o sol forte brilhando em sua cobertura. Então ela começou a subir e subir, vendo a cidade diminuir lá embaixo. Viu o quarteirão, o bairro, o continente, até que uma nuvem lhe tapou a vista.

De súbito, ela olhou para cima e lá estava ele, Emanuel, sorrindo para ela, como numa revista de desenho em quadrinhos infantil, sentado numa nuvem, tocando seu saxofone... Ela não acreditou, achou que iria acordar e fez força para que isso não acontecesse...

_ Fique calma. Você não vai acordar agora. Você já está acordada, meu amor.

A voz de Emanuel era a mesma, mas sua boca parecia não se mexer. “Estava acordada? Do que ele estava falando? Era óbvio que ela estava sonhando.”.

_ Não gaste energia com questionamentos tolos... Como se você está sonhando ou não ou o que, ou quem, me fez mal._ ele disse numa suavidade e calma que a preenchiam_ Você está aqui, nós estamos juntos e, por esse instante, é tudo o que nos interessa, não? _ ela assentiu com a cabeça._ Então. Você agora já sabe, você estava certa, sua intuição não falhou, seu dom, não a deixou, nem a confundiu... Você agora pode ter paz em seu coração.

_ Pai... Eu sinto sua falta.

_ Não sinta! Eu estarei sempre junto de você e você sabe disso.

_ Por que alguém ia fazer isso com você? Você não faz mal a ninguém!
_ O mal e bem são relativos, meu amor. Eu tenho a minha consciência limpa. Sei que sempre agi dentro de princípios rígidos e segundo ideais puríssimos... Só que, nem sempre agradamos a todos...
_ Não entendi, como algo que você fez, pode desagradar alguém?
_ Minha filha. Pesquise seu coração. Alguma vez, você não teve vontade de ir contra alguma decisão minha?... Alguma vez você não se sentiu reprimida por alguma ordem que lhe dei? Não chegou mesmo a ficar com raiva ou magoada, com algo que eu lhe tenha feito?
_...
_ Então... É a mesma coisa, só que as pessoas reagem de forma diferente aos mesmo estímulos.
_ E o que eu digo para os outros?
_ O que realmente importam, nessa hora, os outros?
_ Claro que importam, papai.
_ Você não me compreendeu. Você está em paz com seu coração. Os outros também estão. Então deixe que permaneçam na paz deles e fique, você, com a sua. Que pensem que foi uma fatalidade. É mais fácil de entender e não fará a menor diferença. Quem precisa saber que não foi fatalidade, já sabe...
_ Compreendo papai. E como eu faço para vê-lo? Eu vou poder vê-lo quando quiser?
_ Desse jeito que estamos nos vendo agora não. Mas eu estarei sempre na sua memória. É algo que eu gostaria que você tivesse sempre em mente. Lembre-se dos nossos momentos bons e sinta-se bem! Não fique se remoendo por não os ter mais. Se você lembra de algo bom e fica triste, então esse algo bom não valeu a pena, compreende? Lembre-se do que é bom e sinta-se bem!...
_ Entendi papai... Sabe, eu precisava dizer uma coisa...

_ Eu também te amo, minha filha. O amor é algo que nunca vai se extinguir. Eu o sinto agora, talvez até mais forte do que sentia quando estava lá com você...
_ Você vai reencarnar?
_ Essa é a minha Deise!_ Emanuel riu._ Sempre querendo saber tudo, perguntando as coisas mais inusitadas, nos momentos mais inusitados...
_...
_ Eu lembro quando você tinha quatro anos, era seu aniversário, chovia torrencialmente e nenhum dos seus amiguinhos veio para sua festa. Eu e sua mãe estávamos muito preocupados com o trauma que isso poderia lhe causar e, à medida que as horas passavam e chegava a hora de você ir dormir, achávamos que você iria começar a chorar a qualquer momento. Então, você virou, com a cara mais tranqüila e perguntou: “Papai, se não vier ninguém, quem vai comer esse bolo todo? A gente vai engordar muito!”... Nós rimos muito e você dormiu serenamente em meus braços, enquanto cantávamos parabéns a você... Num último suspiro, antes de dormir, quando acabamos de cantar, você, sem forças, soprou, como se estivesse apagando as velinhas e dormiu... Naquele dia, tivemos certeza de que tínhamos alguém especial em nossas vidas, especial em maturidade, inteligência, beleza... Naquele dia, agradecemos como nunca a Deus pela filha que nos tinha dado...
_ Pai, eu não quero sair mais daqui._ disse Deise, com os olhos mareados.
_ Claro que quer!_ completou Emanuel com serenidade e firmeza _ Eu não vou ser agradável assim por toda a eternidade_ eles riram_ e você não vai querer que o Ramon fique lá embaixo, dando sopa para outras moças, vai?
_ É... viu de quem eu herdei o tirocínio?_ eles riram novamente._ Tem como eu te abraçar aqui?
_ Claro que tem! Venha cá!

Foi o abraço mais terno que Deise recebeu em toda a sua vida. Era como se ela e Emanuel vibrassem na mesma onda. Um calor reconfortante a preencheu ela sentiu seus corpos crescendo e ouviu um suave “Até breve.” como um beijo no rosto. Ela nem percebeu a descida.

Acordou no sofá, um pouco suada, mas com uma leveza interior e uma calma que poucas vezes havia experimentado. Tentou retomar o transe que a levou até Emanuel, mas não conseguiu. Só que não se sentiu mal com isso. A fala de Emanuel ecoou em sua cabeça: “Lembre-se dos momentos bons e sinta-se bem!”. Ela pensou: “É, é para isso que servem os bons momentos! Para serem bons. Papai tem razão, não posso ficar triste com o que é bom! Agora é esperar o próximo bom momento e “curtir o barato” desse até lá.”...

Mais uma vez, numa sincronia perfeita, Cleonice bateu à porta, com uma jarra de chá. Deise se levantou, abriu a porta, agradeceu o chá, acendeu um incenso, colocou uma música suave e pegou, em sua prateleira, o *Baghavad Gita*, livro ao qual sempre recorria, quando tinha um tempo supostamente “vazio”. Folheou o livro aleatoriamente, saboreando o chá de Stevia, com limão, que descia refrescantemente por sua garganta. Deu-se conta, então, de que o horário de aula deveria ter acabado e resolveu ligar para Ramon, a fim de dividir a experiência que acabara de ter e a informação que acabara de receber.

_ Amor? Sou eu. Você pode vir para cá agora?
_ Oi, linda! Aconteceu alguma coisa?
_ Sim, mas não precisa se preocupar. Foi algo grande, maravilhoso... Além disso, eu já sei o que aconteceu com o papai!
_ Enfim! O seu tio telefonou?
_ Não... Venha para cá e nós conversamos!
_ Ok! Dê-me alguns minutos, para encerrar uma explicação extra que estou dando para um pequeno

grupo e, em breve estarei aí. Diga à Cléo para colocar mais beterraba na salada! Um beijo.
_ Beijo! Estou esperando!

Ramon desligou o telefone e voltou à sua pequena sala, onde um grupo de seis alunos o esperava.
_ Bem, onde paramos?_ ele perguntou.
_ O senhor falava sobre Helena Petrovna Blavatsky, professor.
_ Certo! Madame Blavatsky, como é conhecida, foi uma das criadoras do movimento teosófico, que buscava uma explicação místico-científica para a existência. A idéia de que somos "bolhas" no éter, evoluiu; quando alteramos o conceito de éter e descobrimos, primeiramente com Einstein que não existe o vácuo; para uma idéia de sermos um conjunto de vibrações diferentes, no fluido universal. Essa própria definição de fluido universal, muito utilizada pelo espíritas, que seguem a doutrina compilada por Kardec, é controversa, mas bastante apropriada. Os teosofistas propunham uma idéia de Deus como a comunhão de todo o universo ou, mais ainda, de algo inalcançável pela consciência limitada que nós possuímos...
_ Professor, eu ouvi dizer que eram todos ateus os teosofistas!
_ Bem, isso depende do que você classifica como ateu. Ou, mais profundamente, do que você classifica como Deus. Considerando o ateísmo como a rejeição a qualquer idéia de Deus, então os teosofistas não eram ateus. O problema é que rejeitam a idéia de um Deus pessoal, com características humanas e "criador", com uma consciência humana, do universo. Isso porque, a partir do momento que se admite uma "criação", sempre ficaremos com a pergunta "quem criou o criador?" e entraremos num redemoinho que não nos conduzirá a lugar algum. Nesse ponto, talvez o pensamento dos teosofistas até se aproxime dos ateus, mas eles admitem e pregam "a" unidade. O criador incriado seria um

termo próximo do que pensam os teosofistas, embora vejam melhor a imagem de bolhas que se multiplicaram no éter, à sua época, ou de uma seqüência de vibrações emanadas da unidade central, numa linguagem mais atual. Eu sinceramente não acredito em uma pessoa que seja tão desligada e desprovida de um mínimo de “curiosidade saudável”, para aceitar que a vida é um “acaso”, que nada precisa de explicação... Com efeito, cada vez mais cientistas se aproximam de uma visão mística, ecológica, da nossa existência, à medida que avançam em suas descobertas sobre o nanocosmo ou sobre o mundo subatômico. Eu comparo alguém que se proclame “ateu mesmo!”, que não aceite nenhuma possibilidade de algo que suplanta a nossa consciência, de alguma espécie de lei maior que rege o universo, com um radical religioso que aceita que tudo é “da vontade de Deus” e que não devemos nos “meter” em seus domínios, aceitando a existência sem nenhum tipo de questionamento. O problema é que o assunto misticismo e existência já foi por demais manipulado e confundido por líderes inescrupulosos que se preocupavam apenas com o poder e nada mais...

_ Não entendo, professor. Por que sempre acabamos na religião?_ perguntou um aluno.

_ Meu filho, na verdade, quer dizer, é muito forte o indício de que existe “uma verdade”. No Ocidente, ela se tornou “propriedade” da religião, ou melhor, das instituições religiosas e, aí, há um grande erro, que está se consertando. Enquanto o homem oriental é excessivamente religioso, o ocidental separou a filosofia, a religião, a ciência... Hoje vemos um crescimento assustador do misticismo, seitas, grupos, covens etc. proliferando-se. Nosso sistema, evidentemente, já incorporou essa tendência e a comercializou, isso é mais forte do que nós e, com a concentração de renda que experimentamos, mais forte

ainda, pois as pessoas começam a buscar apoio espiritual para suas conquistas materiais...
_ Outro duplipensar[27], não é, professor?
_ Justamente! Bem observado, Joana. Todos alcançaram o que Joana percebeu?

Ramon concluiu sua exposição, com a questão de que não podemos separar as visões da existência e que falar sobre filosofia, sem falar sobre religião, era impossível e que não se podia confundir a idéia de religião com as instituições religiosas ou com seus líderes ou sacerdotes.

Despediu-se dos alunos, foi até o estacionamento e... Teve uma surpresa! Não encontrou seu carro. Procurou, andou, rodou e nada... Perdeu alguns segundos, assimilando a situação: havia perdido seu carro num estacionamento de uma universidade pública, em Niterói... "Uau, se Niterói já está assim, imagine outras cidades!" ele pensou. De súbito, lembrou-se que o carro tinha segredo! Saiu do estacionamento, andou alguns quarteirões e já estava quase desistindo, quando viu, numa rua sem saída o carro, amassado, com os vidros quebrados, os livros que estavam no porta malas, rasgados, suas ervas e incensos espalhados e um bilhete: "Isso é para você aprender a não tentar evitar o inevitável. Você teria menos dor de cabeça se nos tivesse deixado levar o carro!". Ramon não sabia se ficava feliz ou triste, afinal, até os ladrões ali eram perspicazes e tinham o bom humor de deixar um bilhete irônico como aquele... Ficou imaginando se ninguém havia visto seu carro saindo do estacionamento, se ninguém havia visto uma ou mais pessoas quebrando um carro daquele jeito, rasgando livros... Desistiu de

[27] Expressão cunhada no livro "1984" de George Orwell, dada ao método utilizado pelo governo para controlar as pessoas, fazendo-as agir contrariamente ao que pensavam ou vice-versa. Assim, divididas, as pessoas ficavam fracas e não conseguiam questionar sua situação de oprimidos etc.

ficar imaginando muito. Pegou o telefone, ligou para casa e pediu para sua irmã, informando o endereço de onde estava o carro, uma vez que era ela quem cuidava das “parafernálias burocráticas” da casa, como seguros, previdências, planos de saúde e similares.

Calmamente, ele ainda vasculhou o porta malas, à procura de algum livro inteiro e percebeu que os ladrões haviam feito um trabalho superficial, isto é, rasgaram uns dois livros apenas e espalharam pelo porta malas, para dar a idéia de que muitos estavam rasgados... Ele olhou para aqueles Amados, Machados, Meireles, Mendes Campos, Veríssimos, Torres e outros, decidindo levá-los para a casa de Deise. Olhou rapidamente para o interior do carro, para os incensos e ervas espalhados, pôs a mão embaixo do banco do carona e retirou de lá um envelope com dinheiro, que mantinha naquele lugar para uma emergência e riu-se dos ladrões. Nesse momento, uma patrulha passou e ele imaginou que não poderia perder mais tempo.

Chamou os guardas, identificou-se, mostrou os documentos do veículo, explicou o que havia acontecido, ouvindo um “Sinto muito! O senhor “quer” ir à delegacia?”. Ramon sorriu, disse que sua irmã resolveria os assuntos legais, chamou um táxi, colocou os livros no banco de trás, ligou para Deise e foi-se para a casa dela.

Deise explicou-lhe toda a experiência que teve, a conversa com Cosbare e a conclusão a que havia chegado. O assunto estava encerrado. Seu pai havia mesmo sido assassinado. Não interessava o motivo, não interessava se os criminosos seriam ou não punidos...

_ Muito bem, linda. Deixe que a justiça haja sozinha. Não gaste suas forças atrás de objetivos pouco nobres como a vingança.

_ Eu sei, meu amor. Até porque, eu imagino que os Coalas não vão deixar impune, alguém que tenha matado tantos deles...

_...
_ É de se supor, por quê o espanto? Eu nunca achei que eles fossem santos, lindo!
_ Não é isso, é que você fala com uma naturalidade...
_ Oh, meu bruxinho ingênuo... Por que eu haveria de não achar natural, que uma ordem secular, tão estruturada, dispusesse de um sistema de defesa contra ameaças externas? Eu não acho que eles sejam uma máfia ou que ajam como as pessoas falam da Maçonaria, mas não consigo imaginá-los passivamente assistindo seus membros serem mortos...
_ Não sei, eu até consigo imaginar que o perdão tenha limite, que a tolerância seja esgotável, mas...
_ Mas?
_ Não sei, acho que não se deve fazer justiça com as próprias mãos, salvo em legítima defesa...
_ E isso o que é?
_...
_...
_ Anyway, linda, estamos aqui especulando a respeito de um assunto que não nos diz respeito... Se algum dia eu vier a fazer parte da comunidade Coala, então eu saberei _ Ramon parou um pouco e não perdeu a oportunidade de fazer uma piada. Rindo e com voz de criança, apontando o dedo disse:_ E você não vai saber, a-há!

Deise estranhou, riu, mas estranhou. Era a segunda vez em um curto espaço de tempo que Ramon fazia uma piada ou, pelo menos, tentava fazer. E o que seria aquela vozinha? Anyway, ainda precisava falar com Cosbare sobre sua aceitação de que a história havia chegado a um fim.

Ao telefone, Cosbare se espantou, como Ramon, com a naturalidade como Deise comentou a possibilidade de uma retaliação Coala à mulher que havia matado seu pai. Cosbare achou por bem, uma vez que Deise havia se resignado, não entrar em detalhes da

história, falando sobre Thomas, Ettiénne, o julgamento ou outra coisa. Marcaram para se encontrar, na semana seguinte, na Casa de Cosbare, a fim de irem para o almoço na casa de Fernando Brascoe.

***

_ Boa tarde, o senhor Renato Sebraco, por favor.

O detetive parado à recepção da delegacia, não pode conter um pequeno sorriso de canto de boca. “Senhor Renato Sebraco” era uma expressão que ele não esperava ouvir de forma tão espontânea, principalmente, vinda da bela mulher morena que ele tinha diante de si.

_ A quem eu devo anunciar?

_ Alexandra Bracose.

_ Perfeito, um minuto, por favor. _ virando-se para trás, gritou:_ Ô Amadeu! Tem mais uma visita aqui para o “senhor” Renato Sebraco! Dona Alexandra Bracoisa...

_ Bracose!_ corrigiu Alexandra.

_ Isso! Foi o que eu disse!_ completou o detetive.

Renato veio até o balcão e, num primeiro instante, ficou meio sem ação. Alexandra estava mais bonita, com as feições mais sérias, porém mais simpáticas, seus cabelos estavam mais longos, os olhos castanhos, mais próximos do mel. Ela vestia uma roupa levemente decotada em “v”, ameixa e trazia uma tatuagem pequeníssima de uma borboleta, ao lado esquerdo do pescoço. Havia uns quatro anos que eles não se viam e muita coisa pareceu vir à tona naqueles rápidos segundos em que se olharam.

_ Pôxa, como você está bonita!_ Disse Renato, numa espontaneidade que impressionou até a ele mesmo._ Há quanto tempo, hein? Três, quatro anos?

_ Obrigada, você também está muito bem! São quatro e meio. Como vão as coisas?

_ Tranqüilas.

_ E a Fernanda?

... A... Fernanda?... Ela... vai... ela... Como você sabe? Renato não conseguiu disfarçar a surpresa.
_ Bom, meu irmão é delegado, né? Você sabe, desde o tempo que a gente esteve junto, que ele não tira os olhos de mim. Eu vim para o Rio de carro e dei uma “passadinha” por Pirapetinga, para matar saudades. Aí, conversa vai, conversa vem... Você sabe como as pessoas gostam de uma “fofoquinha”, né?_ Eles riram. Essa expressão fazia referência a uma passagem do tempo de namoro dos dois.
_ Então! Essa é a famosa Alexandra!_ disse Fernanda interrompendo a conversa. Os detetives pararam o que faziam, esperando para ver o que aconteceria.
_ Sim, meu amor, essa é a Alexandra. Alexandra, essa é a...
_ Muito prazer, Fernanda, tudo bem?_ o tom seguro de Alexandra incomodou a noiva de Renato, que, contudo, não perdeu o controle.
_ Tudo ótimo. É bom tê-la no Rio. O que a traz aqui?
_...
_ Bem, eu fui convidada para um almoço, na casa de um conhecido, Fernando Brascoe. Pareceu-me uma reunião, com pessoas altamente espiritualizadas e eu achei uma boa desculpa para vir ao Rio e para ver o meu irmão... Deixei o trabalho em Sergipe com uma assistente e: Aqui estou!
_ Que ótimo, esse almoço promete muito realmente. Eu, infelizmente, não poderei estar presente, mas o Renato me conta tudo, depois.
_ Tudo bem, vamos entrar. Amor, Alexandra, eu quero apresentá-la ao Delegado Antônio Cosbare, meu chefe e agora um mentor.

Foram até a sala de Cosbare, frustrando-se ao não encontrá-lo lá. Ele havia saído, para ver um outro caso. Renato levou as duas mulheres para sua sala, colocou um incenso, música e os três ficaram conversando

amenidades, aguardando que Cosbare voltasse, para as apresentações.

No dia seguinte, seria o almoço na casa de Fernando. Cosbare ligou, avisando que demoraria e Renato e Fernanda sairiam para almoçar em breve. Convidada, Alexandra disse que estava cansada da viagem de Minas para o Rio, estando com vontade de ir para casa dormir um pouco e ouvir um pouco de música.

Alexandra tinha um apartamento no Flamengo, que deixava fechado ou alugava por temporada no verão e em épocas festivas, como o Carnaval ou a Páscoa. Naquele momento estava desocupado e ela já havia ligado para a administradora, providenciando a limpeza do apartamento. Era pequeno, um quarto e sala, com banheiro e cozinha, mas que dava perfeitamente bem, para uma mulher sozinha. Com pouca mobília, aparelho de som e TV, no quarto, alguns almofadões, o apartamento era bastante aconchegante. A primeira coisa que fez, foi tirar a roupa. Banho tomado, ela acendeu um incenso, colocou música suave, pegou o telefone... olhou para as almofadas... Lembrou-se de tudo o que vivera naquele quarto. Com Renato, com Ramon... imaginou como seria estar frente à frente com os dois novamente e de uma vez só, com suas noivas... Ainda estava um pouco abalada pela morte de Romualdo... Perguntou-se por quê havia aceitado o convite, talvez o porquê de haver sido convidada, eram coisas que não deviam tomar seu tempo naquele momento. Abriu a mala, da viagem, retirou dali seu altar dobrável, seus aparatos, colocou tudo na posição e foi dormir, pois realmente achava-se cansada. Deixou o telefone de volta no gancho, achando melhor ligar para Ramon, quando acordasse, no fim da tarde.

Ao contrário do que ela supunha, foi seu telefone que tocou, acordando-a. “Quem teria aquele número?” ela pensou.

_ Alô? _ disse com a voz embolada pelo sono.
_ Alexandra?
_ Ramon?
_ Sim. Feliz Encontro.
_ Abençoado seja! Que bela surpresa, como você me achou nesse número?
_ Um amigo nosso, em comum, passou para mim!
_ Ótimo, eu ia mesmo ligar para você. Como faremos para ir ao almoço amanhã? Eu não tenho a menor idéia de como se chega a Teresópolis. Ou Petrópolis?
_ Teresópolis. É bem simples. Você pode me encontrar na Cidade, quando eu estiver saindo de casa, deixa o carro lá em casa e vamos buscar Deise, para irmos os três no meu carro. O que você acha?
_ Boa idéia.
_ Então ficamos assim! Como foi de viagem?
_ Fui bem, é um pouco cansativo, monótono, vindo sozinha, mas nada que cause danos permanentes...
_ Perfeito.
_ Mais uma coisa. O que vai surgir desse almoço?
_ Como assim?
_ Você sabe! Qual o propósito de todas essas pessoas estarem se juntando na casa do Fernando, quem está coordenando esse encontro?
_ Olha, Alê, aparentemente, quem está coordenando somos todos nós. Começou numa tarde de autógrafos do livro do Fernando, comigo e com a Deise, daí veio o Cosbare, que é amigo dele e trouxe o Renato, que você conhece bem, a Brigite, mulher do Cosbare, a Maria Alice, mulher do Fernando e a Fernanda, noiva do Renato, estão meio reticentes, acredito que elas não tomarão parte, mas acho que, qualquer que seja o resultado desse almoço, nem que seja uma simples tarde de conversa, será bastante proveitoso para todos nós.
_ Tudo bem. E você, mago, como está?
_ Estou bem, maga. Como vão seus estudos? E os poderes?

_ Que poderes? Eu continuo estudando, mas ainda não consigo nada, ehehh...
_ Sei... eu não sabia que você agora "esconde o jogo".
_ Anyway, a que horas nos encontramos?
_ Que tal às 10:00?
_ Não é muito cedo?
_ Não, até irmos à casa de Deise e depois para o sítio do Fernando... Podemos não encontrar o sítio de primeira...
_ Compreendo... Então está combinado, você ainda mora no mesmo lugar, em Santa, não mora?
_ Sim, eu moro, mas você não precisa subir, nos encontramos ali no "Circo Voador"[28], tem uns estacionamentos baratos ali perto, tudo bem?
_ Tranqüilo. Beijo grande, mago.
_ Beijo, maga.

Deise saiu do banho e começou a estudar um pouco, para passar o tempo. Ramon ligou, explicando o combinado com Alexandra. Para a surpresa dele, Deise resolveu dormir em sua casa, para saírem juntos de lá, não precisando que ele fosse a Niterói com Alexandra. Ramon forçou-se a não interpretar aquela idéia como uma forma de evitar que ele e Alexandra ficassem sozinhos. Faltava agora combinar com Cosbare e com Renato, como fariam para se encontrar, se iriam todos ou se iriam se encontrar já no sítio. Tentou o celular de Cosbare, o de Renato e não conseguiu contato, ligou, então, para a casa do delegado.
_ Alô!
_ Boa tarde, Brigite?
_ Não, dona Brigite está fazendo compras, quem deseja?
_ Bem... O delegado Cosbare está?
_ Também não, quem está falando?

---

[28] Atrás dos "Arcos da Lapa". O Circo Voador, antiga tenda de espetáculos, principalmente, alternativos apesar de desmontado há muito, ainda é usado como referência pelas pessoas que o freqüentaram.

_ Aqui é Ramon Caberos. Por favor, diga a ele que eu gostaria de falar com ele ou com Brigite.
_ Tudo bem, senhor Ramon. Assim que um dos dois chegar, eu darei seu recado. Eles têm seu número?
_ Tenho certeza que sim.
_ Muito bem, posso ajudá-lo em mais alguma coisa?
_ A princípio não. Apenas dê o recado, por gentileza.
_ Tudo bem, boa tarde, então.
_ Boa tarde.

Já era de noite, quando o celular de Deise tocou na pizzaria e eles puderam acertar tudo com Brigite, Cosbare havia ligado e estava fora, numa diligência e logo voltaria, mas pedira para avisar a Deise que estava tudo bem. Encontrar-se iam todos no Circo Voador, cada qual com seu carro e dividiriam os grupos de modo a utilizarem o menor número de carros possível. , os outros ficariam num dos “estacionamentos baratos”.

Ela e Ramon comiam uma pizza e Deise falava sobre o ter tido novamente aquele sonho, dessa vez acordada, enquanto estudava. Disse que havia ligado para Cosbare e sentido uma energia muito grande em torno dele, mesmo pelo telefone, que essa diligência deveria ter algo a ver com seu sonho. De qualquer forma, havia tentado ligar outras duas vezes, mas a ligação ficava fora de área. O aviso de Brigite a deixou mais tranqüila.

Um mendigo, trajando um paletó bastante sujo e amarrotado, calça jeans amarrada com uma corda, gravata e tênis furados, sujo, mas não cheirando mal, se aproximou e pediu:
_ Boa noite, será que vocês poderiam fazer a gentileza de me pagar uma pizza e um chope?

A pergunta feita assim, de supetão, deixou o casal, por uns dez segundos, sem ação. O que fazer, quando um mendigo lhe pede cerveja e pizza? É um fato inegável que os mendigos do Rio de Janeiro têm estratégias, indescritivelmente, criativas para conseguir

seu objetivo que é, ao fim das contas, a esmola, seja ela de que forma vier. Nesses segundos de silêncio, Ramon se lembrou de um mendigo que se aproximou dele, em plena avenida Rio Branco, certa vez, falando em inglês, sem sotaque brasileiro, dizendo-se canadense e que havia sido assaltado e precisava de dinheiro para voltar ao hotel. Instintivamente, também num inglês perfeito, Ramon ofereceu-se para chamar a polícia para ajudar ao suposto canadense que disse não precisar mais de ajuda e foi-se embora. Foi Deise, quem respondeu.
_ Meu rapaz. É evidente que ninguém vai lhe pagar um chope, talvez você consiga sua pizza, mas o chope...
_... _ Ramon preferiu apenas observar a conversa.
_ Olhe, senhorita, está certo que posso estar sendo um tanto ousado, mas gostaria de ressaltar que hoje estou completando vinte e oito anos, uma data que deve ser comemorada. Eu, sinceramente, gostaria de uma pizza, de *alice* e um chope, bem gelado.
_ Bom, meus parabéns, mas você ainda quer escolher o sabor da pizza?
_...
_ Se a senhorita fizer alguma restrição a isso, eu me contento com uma de muzzarela, mesmo, que é mais barata. Sabe, normalmente eu teria a grana, mas, justamente hoje, meu aniversário, eu não consegui um puto sequer. Eu vou entender se vocês estiverem duros, numa boa.
_...
_...
_ Eu sei, devem estar se perguntando quem é esse maluco, qual é a minha história... Será que eu consegui a minha pizza? Tudo bem, esqueçam o chope, não se pode ganhar todas, não é mesmo? Eu tomo um refrigerante.

Deise e Ramon se entreolharam, meio espantados diante daquele homem de cabelos grisalhos, voz rouca, aparência serena, mas muito falador. Era a encarnação

da dicotomia: aparência de sábio tibetano e comportamento de vizinha faladeira, com tiradas inteligentes, observações *non sense* típicas de um gênio, vocabulário rebuscado e algumas conclusões absurdas ou comentários típicos de uma chanchada *hollywoodiana*.

Sentado à mesa com o casal, apresentou-se como Dom Raphael, com "ph", de Castanha, herdeiro de um ducado na Espanha, teólogo, pós-graduado em filosofia, fluente em dezoito idiomas, mendigo por vocação após perder a família num acidente de automóvel.

O garçom insinuou que não deveriam deixá-lo à mesa, mas Deise argumentou que, primeiro, o restaurante estava mesmo às moscas e, segundo, que seria necessário um mandado judicial para tirar aquele homem e o casal ao mesmo tempo, daquela mesa.

_ Vocês não têm idéia de como se ganha dinheiro sendo mendigo, numa capital como o Rio de Janeiro... pena que somos achacados por outros mendigos, policiais, bandidos, policiais bandidos... Aqui é que se aprende o quanto tem valor um centavo. Eu nunca tinha entendido o recado do Tio Patinhas[29], mas é isso, os judeus é que estão certos, se é para acumular, então temos que acumular tudo... A gente faz piada deles, porque são "pão-duros", mas eles é que riem da gente, com o monte de dinheiro que têm... Sabe, se cada pessoa que passa por mim, todos os dias, deixasse comigo um centavo, desde que eu vim para as ruas, há dois anos, eu já estaria rico de novo... Nos primeiros dias na rua...

Ele parou, recordando do início de sua mendicância, com o olhar perdido... Havia uns vinte minutos que Dom Raphael falava sem parar. Sua pizza havia chegado e ele comia elegantemente, porém depressa, como quem estivesse realmente faminto.

---

[29] Tio Patinhas - No original *Uncle Scrooge*, personagem de revistas em quadrinho, Disney.

Bebeu o suco como se experimentasse o mais raro vinho da melhor safra de todos os tempos...

Deise e Ramon comeram também sua pizza e não sabiam o que fazer com Dom Raphael. Convidá-lo para casa, para lhe dar um banho e roupas novas era uma opção que ele mesmo tinha descartado, alegando que seria roubado e que apanharia, pela roupa. Dar-lhe dinheiro talvez também não fosse o ideal, ele mesmo parecia não querer, após outros vinte minutos, ele pareceu esclarecer o porquê de estar tão próximo do casal.

_ Sabe, eu senti uma vibração boa vinda de vocês... Vocês passaram por mim, eu estava ali na minha casa, entrando em alfa, quando os percebi... Daí eu pensei: “Cara, hoje é seu aniversário e você não comeu nada ainda! Tá ali um casal de pessoas bonitas... Aquele bruxo e aquela espírita, podem ser a salvação do dia...”_ ele nem deixou que falassem algo_ Como eu sei? Isso importa? Eu sei e pronto! Há coisas com as quais nossa vã filosofia não deve se preocupar... Vã filosofia, sacaram?_ ele parecia ler os pensamentos dos dois_ Não, eu não sou ninguém que andou espionando vocês, tampouco vou seqüestrá-los... fiquem tranqüilos... Não deixem meu dom assustar vocês. Eu aprendi essas coisas, quando eu tinha uns doze anos, em Málaga, antes de vir parar aqui, nesse país maravilhoso... Meu mestre, Dom Octávio de Málaga y Asbecor, despertou em mim o que o vulgo classifica como poderes sobrenaturais...

Deise e Ramon estavam, a essa altura, completamente envolvidos por aquele ser à sua frente. Seria um extra-terrestre? Estariam sonhando? De tudo o que ele disse, o que seria a mensagem final que ele teria para deixar? Ele falava e falava, às vezes, como se os dois não estivessem ali. Às vezes sussurrava, com a mão em concha, como querendo evitar que outras pessoas

ouvissem ou virava os olhos para os lados, como se estivessem sendo observados...
... vocês sabem, né? O cristianismo foi uma grande “sacação” de Paulo. Junto com o Pedro, ele criou o tal “filho de Deus” fez as aspas com as mãos_ juntando histórias de vários profetas, entre eles o próprio João Batista, Buda e outros, aproveitando um rebelde judeu que havia sido crucificado recentemente, há-há, pegou o cara para Cristo! Sacaram? Para Cristo!! Inventaram... deixa para lá...Anyway, o politeísmo já vinha decaindo como instrumento de controle de massa, porque ficava difícil padronizar comportamentos, se havia centenas de deuses se comportando de centenas de maneiras diferentes, a população crescia e precisavam novamente de algo que a mantivesse sobre controle... Enfim, não vale a pena perder tempo discutindo essa farsa que é o Cristianismo. O problema é que ele contaminou de maneira quase irremediável todo o ocidente. Até as ordens místicas por excelência já estão virando cristãs... O homem ocidental se afastou do misticismo da existência... O que as vozes na minha cabeça dizem, e eu tenho ouvido muitas ultimamente, é que vai surgir uma nova ordem, uma nova fraternidade, mais ecológica, mais pura e que vai ter sucesso onde as outras fracassaram, até os cangurus..._ Ele parou, olhou para os dois à sua frente, com um sorriso enigmático, acertou a respiração e num tom solene disse:_ Foi isso, enfim, que me trouxe a vocês... Guardem esse nome: A Sociedade do Pertencer... Vai haver muita gente forte e boa unida amanhã, vão tentar impedir, o sistema é muito forte _aos poucos, ele assumia a postura de vizinha faladora, outra vez_ não vai se deixar vencer facilmente, não está vendo o que estão fazendo os idiotas republicanos? Querendo tomar o mundo na “mão grande”? Tipo, a gente é que manda e pronto? Estão estrebuchando... Nós vamos vencer o sistema e ele sabe disso, ele sabe que é autofágico e nós vamos ajudá-lo a

se comer... Anyway, minha mensagem já foi transmitida, estaremos juntos outra vez, qualquer dia, obrigado pela pizza e pelo suco maravilhoso, até!

Antes que Deise ou Ramon pudessem dizer qualquer coisa, Dom Raphael foi-se embora, do mesmo jeito que chegou, rapidamente, viram-no virar a esquina, ainda pensaram em tentar achar o que ele chamou de "casa", mas concluíram que não seria possível...

Pagaram a conta, saíram abraçados e ficaram sem falar quase a mesma hora e meia que Dom Raphael esteve falando com eles... Deise chegou a pensar em propor uma discussão mais acurada sobre o que o mendigo chamou de "farsa do Cristianismo", uma vez que ela sempre defendeu a existência de Cristo como grande profeta iluminado, ainda que não fosse cristã propriamente. Até chegou a se perder, concordando com Dom Raphael que, mesmo adepta de uma seita africana, portanto, desconhecedora do Cristianismo, ela se sentia "contaminada", como ele falou, por essa ideologia forte, tanto a romana, quanto a protestante.

Perderam-se em lucubrações até a casa de Ramon, onde, dessa vez, Ricardinho estava acordado!

_ Tia Deise!!_ ele gritou, correndo do sofá, para pular no colo de Deise, que quase caiu, com o peso do menino.

_ Puxa, como você está grande! E pesado, hein?_ disse Deise_ Oi, Maria Cristina, olá Dona Andréa, como vai?

Deise cumprimentou a todos e ficou um pouco na sala vendo novela, com Dona Andréa. Ricardinho matou as saudades da tia, que já não via, havia algum tempo, mostrou cadernos da escola, brinquedos novos, sendo repreendido, vez ou outra, por Dona Andréa, que não conseguia acompanhar as falas dos artistas na televisão.

Ao fim da novela, ela e Ramon foram para o quarto dele, tomaram banho, fazendo sexo comedidamente, pois ainda havia muita gente acordada

na casa. Gostavam, eventualmente, de experimentar a sensação de “poderem ser apanhados”.

Dormiram tranqüilos. Deise sonhou com Ramon, um tanto distante, não escutando o que ela lhe dizia. Ele sonhou com Alexandra, bonita, sedutora e Deise, da mesma forma, as duas atraindo-lhe a atenção.

***

Geraldo Luís da Paz vinha em seu carro, tranqüilamente, “comboiado” a uma certa distância por outro carro com dois coalas. Nesse dia, um dos dois era Antônio Cosbare. Seguiam pelo aterro do Flamengo, em direção a Botafogo, na Nova Morada do Sol, um supercondomínio de luxo, no estilo do de Deise, onde morava o Grande Coala.

Próximo à saída para a Mena Barreto, um carro enguiçado e uma mulher ruiva, com o lenço coala preso ao pescoço pela presilha do coala de emergência. Geraldo Luís passou direto, mas Antônio Cosbare parou, para socorrer sua cunhada, aparentemente, em perigo. Ele quase não se conteve: tinha, diante de si, Fiona Saint Clair. De trás do carro, onde estava agachado, saiu Thomas Saint Clair, que de modo muito amável dirigiu-se ao delegado:

_ Boa tarde, meu irmão! Nosso carro apresentou um problema, acho que é na caixa de marchas ou algo parecido... Estava olhando por baixo, para ver se algo está solto, mas não consegui enxergar nada.

_ Boa tarde. Meu irmão, estou sempre a postos para um auxílio. Meu nome é Antônio Cosbare. Ali, ao volante está outro irmão nosso chamado Reginaldo Scabore. O irmão já acionou o serviço de reboque, o seu ou o da irmandade?

Cosbare tentou manter-se o menos formal possível, para não causar nenhuma desconfiança no casal.

_ Ainda não, meu irmão._disse Thomas_ Acabamos de parar o carro. Minha mãe, sua cunhada, Fiona Saint

Clair_ disse apontando para Fiona_ estava dirigindo, quando sentiu algo estranho e, de repente o carro não andava mais. Eu me chamo Thomas Saint Clair, iniciado há sete anos. Embora não seja um exímio conhecedor de mecânica de automóveis, cheguei à conclusão que lhe informei.

_ Muito bem, disse Cosbare. Nesse momento, Reginaldo já está se comunicando com o reboque da irmandade. Por favor, entrem em nosso carro e teremos a honra e o prazer de deixá-los onde precisarem.

_ Muito obrigado, meu irmão. Moramos num condomínio na Barra da Tijuca.

Mãe e filho entraram no carro, onde reinou um silêncio frio, durante o trajeto.

Reginaldo, enquanto os outros três conversavam fora do automóvel, havia contatado por celular não apenas o serviço de reboque coala, mas o Grande Coala, no outro carro e combinado um lugar em que se encontrariam, na Barra da Tijuca. Ele era um coala experiente e não demonstrava qualquer alteração, enquanto Cosbare deixava escapar, apesar de todo o controle, alguma inquietude. Fiona e Thomas não aparentavam desconfiar de qualquer coisa, embora extremamente calados.

O telefone de Cosbare tocou, ele atendeu, conversou por alguns instantes, demonstrou uma certa preocupação, virou-se para trás e disse:

_ Meu irmão, minha cunhada. Devo pedir-lhes perdão, mas era minha esposa ao telefone. Precisaremos ir, antes, à minha casa e, depois, Reginaldo os levará ao seu destino. Creio que não lhes tomará mais do que dez minutos. Certo?

_ Meu irmão,_ disse Thomas, cordialmente._ se não fosse sua ajuda estaríamos ainda parados lá em Botafogo. Certamente, seus dez minutos não nos atrapalharão. Fique tranqüilo.

Quando saíram do túnel, na divisa dos municípios do Rio e da Barra da Tijuca, Reginaldo deveria reduzir, para deixar a estrada à direita e tomar a direção da praia, segundo indicação de Thomas, contudo, seguiu em frente, como quem vai para o Recreio dos Bandeirantes. A expressão no rosto de Fiona mudou e, pela primeira vez ela se manifestou, desde que haviam se encontrado:
_ Não gosto do que estou sentindo. Quem são vocês? O que querem conosco?

Nesse momento, Thomas fechou os olhos e Cosbare começou a sentir uma pressão no peito, o ar lhe faltando, tudo começou a ficar escuro. Instintivamente, ele sacou sua arma, apontando para Thomas e disse, com dificuldade:
_ Ë melhor parar, irmão, eu sou um coala novo, sou policial e não hesitarei em usar minha ferramenta de trabalho.

Cosbare sentiu o peito mais leve, Thomas permaneceu de olhos fechados no entanto. Reginaldo falou:
_ Thomas Saint Clair, pare imediatamente! Você nos matará a todos, se conseguir fazer com que o meu coração pare.
_ Thomas,_ disse Cosbare_ abra seus olhos! Eu lhe garanto que a primeira a receber o tiro será sua mãe!

Ele não entendeu o porquê de, instintivamente ter ameaçado Fiona e não ao próprio Thomas, mas, virou a arma no direção da mulher, que disse:
_ Antônio Cosbare, você seria capaz de matar uma pessoa que não está fazendo nada, apenas para intimidar outra? Que tipo de justiça é essa?

Thomas continuava de olhos fechados e Reginaldo começava a suar, tentando manter sua atenção na estrada e defender-se do ataque que sofria. Cosbare não pensou duas vezes. Encostou o revolver no pé de Thomas e disparou, atingindo seu sapato, de raspão. Reginaldo conseguiu manter a direção, apenas

cedendo a um ligeiro zigue-zague, devido ao barulho dentro do carro. A bala ricocheteou e entrou embaixo do banco. Friamente, Thomas abriu os olhos e disse:
_ Muito bem, você conseguiu minha atenção. Saiba que esse sapato é italiano e você vai ter que me reembolsar por esse prejuízo.

Cosbare estava um tanto confuso. Mas sentia-se no controle da situação. Reginaldo parecia estar mais calmo, o tiro não parecia ter atingido o pé de Thomas e Fiona mantinha-se, aparentemente, calma.
_ Posso saber para onde estamos sendo levados?_ perguntou Fiona.
_ Há uma pessoa que quer vê-los._ disse Cosbare.
_ E por que essa pessoa, simplesmente, não nos telefonou e marcou uma hora?_ perguntou Thomas com ironia.
_ Acho que já conversamos muito._ disse Cosbare secamente, encerrando o assunto.

No instante em que passavam por um grande shopping, tomaram a direção do autódromo, desviando o carro para um terreno baldio, num local ermo. Cosbare se perguntava, internamente, o que estava prestes a presenciar e por que, justamente, no dia em que ele estava fazendo a escolta de Geraldo da Paz, haviam pegado Fiona e seu filho. O que aconteceria ali, naquele local ermo, onde foras-da-lei executavam suas vítimas e seus traidores? Estariam se comportando adequadamente? Ele deixaria prosseguir qualquer coisa que fosse contra a lei? Iria embora? Seria mandado embora?

Já escurecia, quando pararam o carro, próximo ao outro, de onde saíram Geraldo Luís da Paz e Adamastor Serpente. Cosbare desceu do carro, ainda apontando a arma para Thomas e para Fiona, Reginaldo disse-lhe que já podia guardá-la, não seria mais preciso.

Ao verem Geraldo da Paz, os olhos de Fiona pareceram se acender. Sua expressão mudou e ela pareceu mesmo, por um milésimo de segundo, brilhar.
_ Fiona Saint Clair._ disse Geraldo, com sua calma peculiar.
_ Geraldo Luís da Paz. Um dos assassinos de meu marido!_ virando para Thomas_ Meu filho, este é o maior dos responsáveis pela morte de seu pai._ olhou para Cosbare, com firmeza e disse:_ Você segue a um assassino, frio e cruel. Como homem da lei, acho que isso deveria lhe causar algum tipo de conflito, certo?
_ Deixe-o em paz!_ a voz de Geraldo era ainda calma, mas muito firme._ Você sabe muito bem quem é o assassino aqui.

Reginaldo e Adamastor permaneciam calados, Thomas também. Cosbare sentiu que não devia ir embora e que sua participação seria decisiva naquele momento.
_ Grande Coala, do que ela está falando?
_ Não deixe a dúvida tomar conta de você, filho!_ disse Geraldo.
_ Isso,_ disse Fiona_ não tenha dúvida. Fique certo de que esse homem é um assassino. Vai matar a mim e a meu filho, do mesmo modo que matou Ettiénne Saint Clair. Que história ele lhe contou? Que Ettiénne hipnotizou um juiz coala? Que pessoas perderam dinheiro? Que alguém cometeu suicídio?... Pergunte a ele a verdade!
_ Você sabe a verdade, delegado Cosbare._ disse Geraldo_ Nós já lhe contamos. Não se deixe convencer por Fiona. Se pudesse ver, nesse momento estaria assistindo ao quanto de energia que ela está drenando de você.

Cosbare sentiu-se confuso, fraco, abalado. Uma série de questionamentos foi disparada em sua cabeça. As idéias giravam, dúvidas, incertezas. Sua atenção estava dividida entre Fiona e Geraldo. Que poder

aparentavam aquelas duas pessoas. Como poderia Fiona ser tão forte?
_ Delegado, ele lhe contou sobre a Ordem das Lêmures?_ perguntou Fiona.
_ O que tem isso a ver?_ perguntou Reginaldo.

A entrada de Reginaldo na conversa aliviou um pouco a sensação de fraqueza que Cosbare sentia. Nesse momento, seu celular tocou, ele olhou quem ligava, antes de desligar e viu que era Deise. O nome da sobrinha fê-lo despertar do que parecia ser um transe. Momentaneamente, ele saiu daquele ambiente que se formava entre Fiona, Geraldo, ele, Reginaldo, Thomas e Adamastor. Fiona fez uma expressão séria, quando Cosbare, intuitivamente, interrompeu a conversa e atendeu ao telefonema.
_ Deise, minha filha. Agora estou um pouco ocupado. Será que você poderia me ligar em uma ou duas horas?
_ Tio. Está tudo bem? Eu estava estudando, quando um sonho que tive, surgiu de repente. Você, aquela mulher, o Papa... Posso ajudá-lo? Quer que eu ligue para alguém?
_ Não, minha menina. Obrigado. Você já participou na hora certa. Confie em seu tio, você já me ajudou. Esse telefonema veio na hora exata.

Ele se sentia bastante revigorado, após a conversa com Deise. Desligou o telefone, respirou fundo, estufando o peito e tomando uma posição quase que de sentido. Estava no controle, sabia que estava. Todos o olhavam, Fiona mudara sua expressão de raiva para dúvida, Geraldo permanecia impassível, os outros três mostravam-se bastante surpresos.
_ Muito bem. Meu irmão Grande Coala. Se eu vou participar de alguma coisa. Quero obter todas as informações possíveis.
_ Você não sabe o que está fazendo, filho._disse Geraldo da Paz.

_ Muito bem,_ disse Fiona._ com um sorriso de vitória. O que você quer ouvir?

Cosbare olhou para Reginaldo, de quem, na realidade, sabia muito pouco e cuja interpelação ao Grande Coala havia lhe espantado um pouco. O coala, que ele sabia ser experiente, acenou-lhe com a cabeça e com um sorriso discreto, como se consentisse que ele conduzisse a situação.

_ O que é essa Ordem das Lêmures? Que relação ela tem com o julgamento de Ettiénne Saint Clair? Que argumentos e provas a senhora tem para defender as acusações que faz? O quê pode justificar a morte de oito coalas?

Geraldo da Paz abaixou a cabeça, fechando os olhos, como quem se desaponta profundamente. Fiona Saint Clair começou a falar:

_ Muito bem, filho. Noto que você tem bastante sabedoria, apesar de ser um coala novo. Sabedoria, nem sempre é saber. Você ainda precisa tomar conhecimento de muita coisa. Nenhuma Ordem mística é o que parece aos seus iniciados. Existem Ordens dentro das Ordens. A Ordem das Lêmures é uma ordem mística feminina, tão forte quanto os coalas. Tem a lêmure como símbolo, por ser um animal extremamente inteligente, talvez o mais próximo do homem, que habita a terra. Como em todas as ordens místicas, meu filho, existe uma espécie de cúpula, que guarda os verdadeiros mistérios, os verdadeiros segredos da existência. Pessoas que não apenas se julgam, mas que estão, de fato, mais próximas da verdade única, uma vez que conseguiram expandir suas consciências a um nível inimaginável para a uma pessoa média. Não precisam se reunir fisicamente, não precisam se comunicar com palavras... Geraldo já leu seu pensamento alguma vez? Então... Acima dos Coalas e acima das Lêmures, está a Ordem Mística de Atlântida, uma espécie de conselho supremo, do qual fazem parte alguns Coalas Mor, algumas Lêmures

Excelentes e pessoas iluminadas, de outras ordens ou não. Estou lhe dizendo isso, porque sei que vou morrer, então não tenho mais nada a perder... Se você chegar ao penúltimo grau coala, irá começar a tomar conhecimento das “verdadeiras ordens”. Como os teóricos da conspiração, que acham sermos todos dominados por um “eles invisível”, pregam, realmente há esse grupo, formado pelos expoentes dos expoentes. A Ordem de Atlântida não é nem uma das mais poderosas. Eu mesma não sei o nome, mas sei que existem duas, no máximo três, literalmente comandando o planeta, hoje em dia. São divergentes, mas são unidas e qualquer coisa que eu diga lhe soará fantástica ou utópica, como espíritos que participam das reuniões ou, moradas em outros planetas ou galáxias, viagens no tempo etc. Acredita-se que, periodicamente, liberam um pouco de sua existência, ou seja, da verdade, através da criatividade dos diretores de cinema hollywoodiano, europeu, de escritores ou da intervenção de seus viajantes que parecem “descobrir” ou “inventar” artefatos ou conhecimentos ocultos, que, na realidade, não têm nada de especial no plano existencial dessas pessoas._ Fiona parou para respirar, como se estivesse fazendo um grande esforço para falar aquelas palavras.
_ Muito bem._ Cosbare “sentiu” que devia dizer algo_ E o que isso tudo tem a ver com a morte de Ettiénne Saint Clair e como isso justificará oito assassinatos?
_ A cada cinco anos, dez Coalas Mor e dez Lêmures Excelentes, último grau lêmure, como você deve ter deduzido, são levados ao portal de iniciação da Ordem Mística de Atlântida. Nem todos são admitidos. Os que são reprovados, voltam aos estudos de suas ordens e, muito poucos têm nova chance de voltar à iniciação. O processo é complicado, todos são rigorosamente vigiados, inclusive no que pensam, são levados ao

extremo do que Orwell chamou de "duplipensar"[30]. Ao mesmo tempo em que devem competir, devem se auxiliar, ao mesmo tempo em que estão sozinhos, estão em grupo. As atitudes de um, podem levar o grupo todo ao fracasso..._ ela parou por uns instantes, com uma expressão de ternura no rosto, um tanto perdida._ Ettiénne falhou. Uma falha minúscula, mas inaceitável. Errar é humano e as pessoas que postulam um lugar na Atlântida, devem estar acima de sua humanidade, logo, o erro é rigorosamente não tolerado, por menor que seja. Estávamos reunidos em nossa fazenda, ao sul de Brasília, quando Thomas chegou e nos encontrou num momento de vibração especial. Ele não poderia ter visto aquilo e foi Ettiénne, quem estava responsável por afastá-lo do nosso círculo, que não percebeu sua chegada. Imediatamente, retornamos ao nosso estado vibracional normal, mas Thomas viu demais... Sabíamos que seríamos todos reprovados e, de uma vez só, os Coalas, mais do que as Lêmures, retornaram à sua humanidade, alimentando sentimentos impuros, acabando por comprometer completamente nossa possível admissão. Um a um, sentimos nosso vínculo com o Mestre Receptor ir sumindo e sentíamos nos outros também, por isso, esquecemos o perdão, nós Lêmures, como mulheres, mantivemos um tanto de nosso espírito materno e nos resignamos, perdoando a falha de Ettiénne, os Coalas não, então armaram toda essa farsa, aproveitando-se de uma ação que Ettiénne ganhou, para julgá-lo e condená-lo, os nove. Expulso da Ordem Coala, sem poder revelar tudo o que sabia, Ettiénne não agüentou e se matou, na minha frente e de Thomas, a despeito de todos os nossos insistentes pedidos...
_ Você sabe que não foi isso!_ interrompeu Geraldo, pela primeira vez demonstrando-se diferente daquela

[30] Ver nota 22.

eterna tranqüilidade._ Ettiénne se perdeu, ele não agüentou a culpa, ameaçou falar tudo! As próprias Lêmures queriam sua expulsão... Em sua cegueira, ele usou seus poderes para ganhar a ação, alegando que não tinha mais nada a perder, que não adiantara nada guardar os poderes para o bem, que iria começar a se deliciar com os prazeres da matéria etc...._ Fiona calou-se e abaixou a cabeça, Thomas olhou para a mãe, como que em dúvida, Reginaldo olhou para Geraldo do mesmo modo._ Não me olhe assim Reginaldo. Você está lendo meus sentimentos... Não deixe que ela o domine, como dominou ao filho e está dominando a Cosbare. Você sabe que nós o perdoamos, você era novo, mas estava perto, você viu o comportamento dele e o nosso. Nós o avisamos para não ganhar a causa daquele jeito, ele iria perdê-la e deveria aceitar! Ele tinha condições de recuperar-se do prejuízo material, com sobras, não precisava daquilo. Thomas, essa história que sua mãe lhe contou é falsa! Ela o fez matar seus irmãos, porque ela se desesperou quando foi reprovada! Ela tinha a intenção de entrar para Atlântida, a fim de obter vantagens pessoais. Ela foi quem mais cobrou de Ettiénne sua falha e quem o levou a perder a cabeça, esquecendo seus valores!

Cosbare sentia-se perdido. Fiona revelava-se uma pessoa poderosa, tanto quanto Geraldo, mas percebia uma diferença na energia que emanava de um e de outro. Thomas, num desespero evidente, buscou os olhos da mãe que pareceu não agüentar, vendo o filho duvidar de si. Ela parecia saber que esse dia estava para chegar, o dia em que Thomas, o que de mais precioso lhe restara, após a morte de Ettiénne, saberia da verdade. Fiona abaixou a cabeça e fechou os olhos. Geraldo suspirou de alívio, vendo a oponente capitular. Thomas pareceu que iria explodir, pôs as duas mãos na cabeça, ajoelhou-se e curvou-se, batendo a cabeça no

chão uma, duas vezes, com tanta força que o sangue começou a jorrar-lhe da testa e ele perdeu os sentidos.

_ Maldito! Você não merece viver! Você me tirou meu marido e agora meu filho!

Fiona puxou um athame de ouro da cintura e partiu na direção de Geraldo, acertando-o no ombro. Reginaldo pôs a mão na cabeça de Fiona que caiu desmaiada, largando a faca.

_ O que houve aqui?_ perguntou Cosbare.

_ Agora, precisamos levá-los, aos três para um hospital. Adamastor, leve Geraldo. Cosbare, rápido, ajude-me com Thomas e com Fiona.

_ Eu estou bem. Adamastor, ajude-os, não tenha pressa._ disse Geraldo.

Próxima ao local onde estavam, havia uma casa grande, com dois andares, rodeada por um muro alto. Cosbare nunca tinha estado ali, tampouco tinha notícia de que poderia haver algo tão grande naquele lugar perdido. Parecia uma árvore Coala, na decoração, salvo por alguns símbolos que Cosbare não conhecia. Reginaldo e o porteiro pareceram ter-se comunicado telepaticamente, pois Cosbare não viu a boca dos dois se mexendo. O telefone tocou de novo, quando passavam o portão, mas ficou sem sinal, imediatamente após acabarem de cruzá-lo. Cosbare viu que era Deise mais uma vez, quem tinha ligado.

O lugar parecia um grande hospital, tudo muito branco, pessoas de branco e camas, mas sem qualquer aparelhagem. Não havia um armário com esparadrapos ou comprimidos e Cosbare entendeu que estava num centro de cura místico. Havia ouvido falar sobre aquele lugar, em uma reunião de estudos em sua árvore, mas não imaginava como ele seria. Conversando com Reginaldo, mais tarde, viria a saber que são apenas vinte e dois no Brasil, quase um para cada Estado e apenas dois mil e quinhentos em todo o mundo. Em lugares ermos, isolados misticamente, não eram

incomodados por ninguém. Eventualmente, um ou outro viajante, ou policial em investigação, batia à porta, mas era induzido a esquecer como chegara lá. Depois de estarem acomodados, Fiona, Thomas e Geraldo, Reginaldo levou Cosbare para uma sala isolada, no segundo andar, decorada com eucaliptos e árvores que Cosbare não reconheceu de primeira.
_ Muito bem._disse Reginaldo Scabore_ Em primeiro lugar, deixe que eu me apresente: Você já sabe o meu nome, eu sou o Grande Coala de Sidney, a Terra-mãe da Ordem. Sim, eu sou brasileiro, mas isso não faz a menor diferença, faz? Vim para cá, acompanhar de perto a evolução desse caso, pois o envolvimento de pessoas de nível tão elevado de conhecimento, poderia resultar em algo ruim para a Ordem e não gostaríamos que isso acontecesse. Há duas semanas estou no Brasil e sinto uma vibração muito grande aqui. A filha de nosso irmão Emanuel Arbosce, Deise Arbosce, tem uma herança mística muito forte e nossas irmãs Lêmures a estão observando, assim como vocês, aos jovens Ramon Caberos e Renato Sebraco. Não é segredo para você e sua esposa que o seu grau de espiritualidade, se podemos dizer assim, é bastante elevado, tanto que você já atingiu conhecimentos bastante elevados para o seu grau. Poucos Coalas, de graus mais elevados, sabem sobre a Ordem das Lêmures e apenas outros poucos do grau Coala Excelso, além dos Coalas Mor sabem sobre a Ordem Mística de Atlântida. O que mais eu posso dizer a você?

Cosbare respirou fundo, alisou os cabelos, olhou para Reginaldo, que se mantinha com a tranqüilidade que ele só havia visto em Geraldo da Paz.
_ O que vai acontecer aos dois?
_ É pertinente. Muito bem, Thomas será perdoado, uma vez que ficou provado que agia inconscientemente, dominado pelo poder da mãe, contudo, seu avanço no conhecimento da Ordem Coala ficou severamente

comprometido. Se ele tiver resignação e paciência suficientes, poderá novamente caminhar pelos Ramos da Árvore Mística, sendo, no entanto, muito improvável que um dia chegue a ser Grande Coala ou mesmo que venha a fazer parte de Atlântida. Fiona deverá ser enviada para um Centro Místico de Estudos, no interior em Madagascar, berço da Ordem Lêmure, onde ficará a seu critério a sua recuperação. É pouco provável que ela agüente o peso de seus atos, por mais que a perdoemos. Aprenda, é mais fácil perdoar aos outros, do que a si próprio.
_ Ela se matará?
_ Ninguém irá impedi-la se quiser. Porém todos irão ajudá-la a se recuperar, se ela quiser.
_ O que vai acontecer comigo?
_ Não compreendo seu medo.
_ Vamos, eu sei demais.
_ Muito bem, vá até uma grande rede de televisão, num programa de entrevistas e conte tudo o que sabe!
_ Você sabe que eu não farei isso, além do quê, ninguém acreditaria.
_ Então...
_ Mas e o almoço amanhã? O que sairá dele?... Você certamente sabe do almoço, não?
_...
_ Claro que sabe! O que acontecerá lá?
_ Você vai conhecer um pouco mais dos dons de Deise, que nem ela própria sabe que tem.
_ Por que o Brascoe? O que ele tem a ver com isso? E essa Alexandra, que “caiu de pára-quedas” em nosso grupo?
_...
_... A Ordem da qual o Brascoe fez parte...
_ Não tire conclusões precipitadas. Fernando Brascoe é uma pessoa iluminada, mas não quer ter a responsabilidade de sê-lo. Ele rejeita o que seria mais

natural que fizesse. Ele não se decepcionou com as ordens, mas consigo próprio.
_ Entendo... está nascendo uma nova Ordem? De que adiantaria? O que buscaríamos?
_ Isso eu não posso lhe responder. Não porque seja proibido, mas porque eu não tenho conhecimento da resposta.
_ Começo a duvidar de que haja algo do qual você não tenha conhecimento...
_ Meu caro, _Reginaldo deu um sorriso discreto_ nosso amigo William[31] tinha razão, em "Hamlet". Eu gostaria de saber tanto, quanto você acha que eu sei.

O telefone de Cosbare tocou uma única vez, voltando a ficar sem sinal.
_ Na outra sala há um telefone._disse Reginaldo_ Comunique-se com sua sobrinha, eu vou ver Geraldo.

Cosbare não se espantava mais, quando liam seus pensamentos, internamente, riu-se por aquilo já estar se tornando uma coisa banal. Dessa vez, contudo, não era Deise quem havia ligado e, sim, Brigite. Ele telefonou para casa, disse que estava numa diligência e que demoraria "um pouquinho mais" para chegar, pedindo à esposa que avisasse à sobrinha. Brigite ainda comentou que haviam recebido uma ligação de Ramon à tarde, para acertar detalhes da ida para o almoço e que aproveitaria para telefonar naquele momento para o casal.

Cosbare ainda esteve mais uma vez com o Grande Coala.
_ Meu filho,_ disse Geraldo_ eu ainda sinto uma ponta de dúvida em seu coração. Não espero que você viva com isso. Vá para casa, ouça a sua própria voz. Você chegará a uma conclusão. De qualquer forma, a Ordem está em você, mais fortemente do que você imagina, onde quer que você vá.

---

[31] Ver nota 3.

_ Irmão Grande Coala..._Cosbare não sabia bem o que dizer_ Eu não sei se fico feliz, honrado ou qualquer outro tipo de sensação, pelas coisas que descobri hoje. Não sei de que forma dividirei isto com meus amigos amanhã, embora tenha certeza de que alguma coisa eu terei de dizer a eles, mas posso lhe dizer que admiro suas virtudes, assim como admiro as virtudes de outros irmãos e homens de bem da sociedade. Certamente, o irmão caminha a passos largos, para despertar seu avatar interior e eu sinto que estarei perto para ver isso acontecer, de uma forma ou de outra...

_ Bem, meu irmão._ disse Reginaldo._ O Grande Coala é um homem energeticamente forte, mas ainda assim, tem sua idade e precisa de algum descanso. Você não imagina, quer dizer, você pode imaginar, o quanto de energia ele despendeu hoje à noite... Portanto, é mister que ele descanse bastante.

Geraldo lhe acenou com um sorriso e Reginaldo deu-lhe um beijo fraternal. Cosbare pegou o carro e Adamastor, seu mestre, foi com ele até a saída da estrada que levava ao centro místico, que, apenas naquele momento, ele percebeu ser um enorme emaranhado de trilhas e curvas, um verdadeiro labirinto. Adamastor dizia apenas “direita” ou “esquerda” e ele ia virando mecanicamente até dar por si e estava de volta em uma região conhecida da Nova Cidade de Deus, um conjunto habitacional de trabalhadores, construído sobre a antiga favela que ali existia.

Cosbare chegou em casa exausto. Tomou um banho morno, recebendo uma massagem de Brigite, com algumas ervas relaxantes. Um chá e uma salada de eucaliptos e rosas foi tudo o que ele conseguiu comer, antes de ir deitar e se refazer, para, na manhã seguinte, ir ao tão esperado almoço, na casa de Fernando Brascoe.

Brigite, convenientemente, não perguntou nada e ele também achou melhor ficar quieto, ao menos até que tudo estivesse bem sedimentado em sua cabeça.

Pensando no almoço, pensou em Fernando e no que Reginaldo havia falado. Seria verdade, que Fernando estava “fugindo” da responsabilidade de pertencer a uma Ordem mais elevada? Seria a Ordem de Atlântida, a entidade secretíssima da qual Fernando havia saído? Como ele faria essas perguntas ao amigo? Deveria fazê-las? Que tipo de respostas deveria esperar?

Dormiu com seus questionamentos, nos braços de Brigite que acariciava seus cabelos lentamente, sentada à cabeceira da cama.

***

Deise acordou tranqüila, esquecendo-se, por uma fração de segundos que estava na casa de Ramon. Sonhara novamente com a mulher loira. Dessa vez, o Papa despertava, indicando que não havia morrido e Cosbare não estava mais no cenário. Ela corria sorrindo, rumo ao sol e se atirava de um penhasco, voando livremente, rumo ao horizonte, como um final de desenho animado.

O ajuste do foco de sua visão, ainda na cama, trouxe-a de volta para a realidade. Ramon, a seu lado, ainda dormia profundamente e ela resolveu ir até o banheiro, para uma chuveirada. Em breve iriam para o Circo Voador e ela conheceria a tão famosa Alexandra. Ramon acordou e entrou no chuveiro, com ela, sem no entanto, trocarem mais do que alguns beijos.

Tomaram café, com Dona Andréa e Ricardinho, felicíssimo, pela presença da tia, que adorava. Maria Cristina dormia profundamente, como efeito de sua rotineira madrugada acordada.

Ramon sugeriu que, ao invés de deixarem os carros excedentes em um estacionamento qualquer, pusessem-nos em no quintal de sua casa, uma vez que haveria espaço suficiente. Deise gostou da idéia e resolveram descer a pé, até os arcos e ao local de encontro, para encontrarem-se com os outros.

Fernando e Maria Alice acordaram cedo. Ela lhe perguntou o que aconteceria de tão especial naquele almoço que até ela, ainda que um pouco mística, recém iniciada na Ordem Rosacruz, estava pressentindo. Ele deu sua opinião, certificando que era uma especulação e ela disse que não pretendia participar, perguntando se ele se chatearia. Ele, evidentemente, disse que não, mas que gostaria que ela comesse com eles. Ligaram para seus filhos, que se disseram impossibilitados de comparecer, por estarem em casas de amigos, estudando ou jogando algo. Os meninos, Marcello e Maurício, de vinte e dois e dezesseis anos, passavam já mais tempo fora de casa do que dentro, embora fortemente ligados aos pais. Marcello, inclusive já estava quase casado com uma menina chamada Aline e já tinha um verdadeiro patrimônio na casa da menina, em roupas, jogos, livros, CD's e outros aparatos.

Nos Arcos da Lapa, em frente ao Circo Voador, exatamente às dez horas da manhã, estavam Cosbare e Brigite, Renato e Fernanda, Deise e Ramon e Alexandra, que chegara de táxi. Feitas as apresentações, como Cosbare estava em uma minivan, com oito lugares, deixaram o carro de Renato na garagem de Ramon, seguindo todos com Cosbare, para o almoço.

Fernanda comportou-se friamente com Alexandra, enquanto Deise recepcionou-a de forma extremamente calorosa, como se fossem amigas de colégio, de longa data. No carro, a conversa fluiu sobre amenidades. Cosbare falou sobre seu seqüestro para Fernanda e Alexandra. Ramon também não sabia direito da história.

Renato conversou sobre o seu seqüestro e sobre o "milagre do Padim Padi Ciço", curando sua perna antes do tempo. Fernanda ainda olhou desconfiada para Cosbare, no momento em que seu noivo narrava o acontecido, mas não conseguiu perceber nada.

Brigite foi quem primeiro tocou no “mérito” da questão, dizendo que iria participar do almoço, pois não recusava comer na casa de ninguém, contanto que não houvesse carne de nenhuma espécie, mas que não gostaria de entrar em questões místicas da existência, o que parecia ser o propósito daquela reunião. Fernanda aproveitou a deixa para também pedir para não participar de qualquer reunião esotérica que viesse a acontecer no sítio de Fernando. Brigite ainda comentou que, certamente, teriam a companhia de Maria Alice, não muito afeita a se aprofundar nos mistérios do universo, embora buscando começar de algum modo.

Seguiram pelo Santo Cristo, pela Rodoviária, Linha Vermelha e Rodovia Washington Luís, entrando na estrada Caxias-Além Paraíba, viajando com tranqüilidade até Teresópolis.

Na entrada do sítio, Cosbare lembrou-se de sua passagem por ali, havia poucos dias, pensando mais uma vez, em como iria falar com Fernando sobre o que ouvira.

Deise, Ramon, Alexandra, Renato e Fernanda, convidados pela primeira vez do sítio, sentiram-se bastante relaxados e impressionados, com o aconchego, desproporcional ao tamanho do sítio. Renato comentou que era uma verdadeira fazenda.

Começaram o assunto falando sobre o livro de Fernando, lido por quase todos, inclusive Alexandra, em Sergipe, que não perdeu a oportunidade de comprar o lançamento.

Deise comentou tranqüila que o acidente com seu pai fora uma fatalidade, olhando rápida e discretamente para Cosbare e Ramon, como se dissesse “Eu sei. E isso é o que importa!”. Com efeito, sua frase para concluir o assunto foi “O que passou, passou!”.

Falaram então sobre a sociedade, sobre como o Brasil estava mudando, sobre como não era mais tão fácil a impunidade acobertar crimes do colarinho branco

ou injustiças ou desmandos de alguns “ditos” poderosos. Cosbare aproveitou para citar João, o criminoso que o seqüestrara, informando que ele havia pegado quinhentos anos de cadeia, por várias acusações.

A conversa fluiu sobre amenidades, chegaram a falar de esportes, até que Fernando perguntou a Alexandra sobre o projeto de Muribeca. Nesse ponto, Cosbare sentiu novamente as energias se voltando para a mulher que começava a explicar:

_ Bem, estamos conseguindo, com muito custo e pouco, mas valiosíssimo apoio, manter o núcleo Muribeca do projeto contra a fome. Com efeito, alguns órgãos do governo têm voltado seus olhos para nosso sucesso e já se cogita a retomada do projeto em escala nacional. Eu soube que alguns outros núcleos já estão sendo reativados. O Romualdo ficará contente, de onde estiver, se esse programa for retomado com todo o vigor.

_ O papai escreveu qualquer coisa sobre esse projeto em sua..._falou Deise. Por um milésimo de segundo, ela parou, olhou para Cosbare e falou, como se não houvesse interrompido sua conversa_ pasta de prognósticos, seja lá o que isso quer significar...

Poucos perceberam a troca de olhares entre Ramon e Cosbare. Poucos conheciam uma pasta de prognósticos e pouquíssimos a chamavam por esse nome. Mesmo Ramon, que havia lançado mão desse expediente para aprimorar seus dons, não se referia dessa forma à coletânea de notícias que recortava e utilizava como base para fazer prognósticos sobre acontecimentos ainda por vir. Brigite, influenciada por Cosbare e Alexandra, havia feito esse tipo de experiência com um mestre antigo. Evidentemente, Fernando também sabia do que se tratava. Renato e Fernanda, nem chegaram a perceber que estavam um tanto deslocados ali. Apesar de seus contatos wiccanos, Renato não tinha grande desenvoltura nos assuntos de

misticismo e Fernanda, apesar de freqüentadora dos covens junto com Renato, admitia fazê-lo mais por curiosidade e que pouco levava a sério questões místicas. Não se dizia atéia, mas não se incomodava de declarar-se “indefinida” no quesito religiosidade.

O almoço foi servido sob um sol morno que fazia o campo brilhar, as flores exalarem mais perfume, os pássaros cantarem com mais dedicação e até as nuvens ficarem mais elegantes. Uma salada com flores e muito verde, desde o repolho à bertalha, temperada com algo delicioso, porém indecifrável, abriu o apetite de todos que a saborearam lenta e, quase, respeitosamente. Maria Alice dizia, como brincadeira, que se algo valia especialmente, a pena, nos conhecimentos místicos de Fernando, eram as receitas que ele fornecia para os pratos mais bonitos e saborosos que ela já havia experimentado na vida.

Não havia criados, apenas uma velha senhora, Gilcinéia, que estava na família de Brascoe havia décadas, trazia a comida, com a ajuda de todos e de uma sobrinha que vinha ao sítio, para essas ocasiões especiais ou para limpezas mais pesadas. Sobre uma longa mesa, de toalha salmão, serviu-se a refeição principal. O inconfundível purê, não de rosas dessa vez, mas de endívia, com rolinhos primavera feitos de farinha integral de trigo e recheio de proteína de soja, tudo acompanhado pelo “molho secreto especial” de Gilcinéia. Para os que não conseguiam comer sem carne de alguma espécie, com a licença especial de Brigite, um bonito carpaccio de badejo e muitos outros vegetais, milho, ervilha, soja, alface, tomate, berinjela, capim, quase tudo o que se pudesse pensar em comer, sendo vegetal, ou fruta. Vinhos pouco alcoólicos, sucos e preparados de cores pouco ortodoxas, como cinza ou tijolo, enfeitavam a mesa, cuidadosamente decorada por Gilcinéia.

Terminado o almoço, ouviram um pouco de música, alguns dormiram por uns instantes, outros ficaram olhando apenas para a paisagem, todos, sem exceção, adotaram uma postura contemplativa, como que saudando o alimento que acabaram de receber e deixando que a energia lhes penetrasse o corpo.

Chegava o momento que todos esperavam, o momento de se descobrir a que estavam reunidos ali. Como estivessem todos espalhados num pedaço sombreado do terreno, aproveitando a brisa fresca que soprava e o odor de flores, num canteiro próximo, que dispensava quaisquer incensos, Maria Alice, discretamente propôs a Fernanda que fossem dar uma olhada na casa, no que foram seguidas por Brigite, que também percebeu que estariam "sobrando" a partir daquele momento.

O local em que estavam era uma clareira, de formato quadrado, cercada de árvores como eucaliptos, acácias, pés de romãs e outras exóticas, vulgares ou nem tanto, que formavam verdadeiras paredes, transformando a área num cômodo. Renato havia praticamente desmaiado numa rede que ainda se balançava lentamente, a cada vez que o rapaz se ajeitava. Deise estava sentada no chão, com Ramon cochilando em seu colo. Cosbare se espreguiçava e caminhava lentamente, pelos cantos, ora saindo, ora voltando à área, já, em sua cabeça, entrando no mérito da questão do porquê estavam ali. Nunca havia se sentido tão inconstante, tão tomado pela ansiedade, os questionamentos que lhe haviam surgido na ordem coala, com a questão da punição de Fiona, as conversas que teve, as descobertas que fizera, tudo lhe passava pela cabeça, como um tufão silencioso. Alexandra havia se colocado entre as árvores e mal podia ser vista, encontrara um pequeno lago e sentara-se à beira, na posição do lótus, chegando quase a ficar invisível, principalmente, pela incidência da luz do sol. Fernando,

estando em casa, balançava-se numa cadeira, dando a impressão de que o fazia rotineiramente.

Alguém que chegasse ali e desconectado da vibração que experimentavam, pensaria que haviam combinado seus movimentos. Renato acordou lentamente, Alexandra foi beber um pouco mais de líquido cinza e cada um foi se movendo até que, num piscar de olhos, estavam formando um círculo, cujo centro, se pudesse ser milimetricamente medido, coincidiria com o centro do terreno. Ainda não haviam olhado uns nos olhos dos outros, apenas estavam lá, respirando e esperando que a energia subitamente se dirigisse para alguém e que esse alguém começasse a falar. Ninguém se apressava, nem Cosbare. Instintivamente, acertavam sua respiração, a música pareceu subir de volume espontaneamente, o cheiro de flores se avolumou e, finalmente, foi Deise quem começou a falar. A princípio, parecia não estar falando para ninguém, olhava para uma folha alta de um eucalipto e as palavras saíam baixo de sua boca, contudo perfeitamente claras para todos ali.

_ No começo, eu custei a aceitar a morte de papai. Não importava o que eu havia estudado, não importavam as crenças nos meus orixás, os ensinamentos da doutrina de Kardec que eu havia lido... Nada importava, senão o vazio e a sensação de perda de desamparo. Eu tinha o Ramon ao meu lado, tinha os meus tios ao meu lado, meus amigos e amigas, ao meu lado, mas tudo o que importava era o meu pai ter morrido...

Fez uma pausa... longa... Ninguém pareceu reagir, ninguém esboçou falar qualquer coisa, parecia que não estavam todos juntos e que ela havia falado para seus próprios botões. Uns fechavam os olhos, outros observavam as folhas e flores, mas todos, indistintamente, assimilavam o que Deise dizia. Tranqüilamente, com a segurança de que “tudo” iria chegar a algum lugar.

_ Meu pai... me ensinou tudo o que eu soube durante muito tempo. Com todo o seu esclarecimento, custou a aceitar, quando comecei a crescer, que eu já fosse capaz de buscar outras fontes de informação e, pior, que pudesse ter opiniões diferentes das dele... Meu pai... Emanuel Arbosce... Um grande homem. Nem todos vocês aqui tiveram o privilégio de conhecer o grande homem, grande pai, grande marido, grande empregador, grande empreendedor, grande místico, grande sábio, grande... Emanuel Arbosce... Eu sinto, em todos, uma chama, uma busca. Fernando, você já foi longe, você tem conhecimento e sabedoria, mas peca ao não querer mais acreditar que pode chegar em algum lugar, junto com outras pessoas...

Mais uma vez uma longa pausa. Ninguém se manifestou. Fernando ouviu o comentário e continuou reflexivo, os outros pareceram não estar ali, embora estivessem com a máxima atenção às palavras de Deise. Ela mesma não sabia direito de onde tinha tirado aquilo, mas sentia que vinha "saindo" de si alguma coisa que não poderia deixar de falar para todos. Ela continuou.

_ Ramon, meu amor. Seu problema é parecido. Você não esteve tão próximo do poder, quanto ele, mas você tem o seu conteúdo, precisa aprender a dividi-lo e, mais do que isso, receber a divisão do conteúdo de seus semelhantes... Alexandra..._ ela parou, como se estivesse tentando medir suas palavras._... Renato Sebraco, jovem, impetuoso, desbravador, inteligente, você está aqui também para conhecer o prazer de compartilhar com pureza, de dividir, de sentir-se parte, de pertencer... Antônio Cosbare, tio, um grande homem, os coalas o reconhecem como tal, grande, especial... Você buscou a ordem justamente para isso, para se "sentir parte", para estar em um grupo, algo que você não conseguia desde o teatro, na adolescência, foi bom estar no palco e sentir a vibração homogênea de trinta pessoas... tem razão, é sempre bom...

Novamente, ela parou, respirou fundo. Agora todos estavam com os olhos voltados para ela, sem espanto, sem admiração, apenas esperando que ela concluísse, qualquer que fosse, seu discurso. Deise fechou os olhos, ajeitou o pescoço, balançando a cabeça para os lados, endireitou a coluna, olhou para todos, um a um, nos olhos, faziam um círculo perfeito agora. Instintivamente, sem perceberem, foram se ajeitando nessa posição.

Ainda em silêncio, Deise foi até uma espécie de baú, sob um banco, a um canto daquela área em que estavam, retirou um incenso, uma vela, um cálice e um pires. Nem imaginava como teria sabido que estavam ali aquelas ferramentas. Achou uma caixa de fósforos, acendendo o incenso e a vela, apanhou um pouco de água, de uma garrafa, com o cálice e um pouco de terra, sob o pires, levando tudo sobre uma pequena bandeja, que estava com a garrafa d'água até o meio do círculo formado por todos. Ninguém falou nada, ninguém pensava nada. Todas as atenções voltavam-se para Deise.

_ Aqui estão os quatro elementos... Podemos cogitar muitos outros, mas além de nossa essência vital, tudo são esses elementos, esses estados e, no íntimo, com o perdão de Fernando Pessoa[32], em sua constituição íntima, tudo é o fluido universal, que, em sua essência é o uno, o cósmico, Deus, o Supremo Arquiteto, enfim, o nome que se queira dar a ele... Respeitemos, então, aquilo que não se explica, por ser criador e criatura, por ser a matéria prima elementar de tudo o que existe e do que não existe, pois nossa reduzida capacidade de absorção da existência é que delimita possível e impossível, existente ou não...

Fez mais uma pausa longa. Sentia-se no controle de si própria, sabia que não estava em transe, embora,

[32] No poema "O guardador de rebanhos" - escrito sob o pseudônimo de Alberto Caeiro

muitas vezes tivesse essa sensação. Por um instante, perguntou-se o que significava uma conversa tão elementar, entre pessoas de tão profundo saber... Apenas por um breve e volátil instante.
_ Alexandra Bracose. Você também quer saber o que está fazendo aqui! Todos queremos... Você precisa sublimar seu espírito competitivo... Você não quer o que pensa que quer, você não quer divisão, não quer disputa, mas oculta de si própria, como sempre ocultou, uma insegurança... Sua força é real e só você não percebeu, por isso faz mau uso dela... Você é muito útil e vamos precisar de você. Você traz, dentro de si, uma vibração que nenhum dos outros temos... Você já dispensou muitos amores, por temer destruí-los e evitou relacionamentos, por temer ser destruída. Uma mudança, uma terceira pessoa, não é destruição das outras duas, mas, ao contrário, o crescimento das outras duas... Mas acho que não preciso mais lhe dizer isso..._ do rosto de Alexandra, escapavam algumas lágrimas._ Então nos perguntamos: "Nós nos conhecemos, verdadeiramente? O que somos? Quem somos?", há séculos o homem místico busca o conhecimento de si próprio, como a única grande resposta e por quê? Por que através do conhecimento de seu interior, de um mínimo vislumbre de tudo o que encerra em seus coração e mente, o homem verá a unidade múltipla do universo. Apenas conhecendo seu próprio universo, poderá conhecer os outros universos que são as pessoas e as coisas e, conhecendo o universo fora de si e dentro de si, terá capacidade de ligar os dois, completando o vazio que sente... Mas é apenas isso?... Acho que não e todos nós aqui sabemos disso... Acho que podemos nos ligar, que podemos transmitir nosso conhecimento, de uma forma mais abrangente, porque temos um conhecimento maior do que somos e do que é o universo, não temos?

Então, Deise surpreendeu a todos. Fechou os olhos e começou a vibrar numa freqüência mais elevada, acima da densidade daquele plano em que estavam e...: Ela estava se comunicando com todos, transmitindo a todos diretamente ao seu consciente e também ao inconsciente. Fisicamente, não a viam mais ali, apenas uma pequena ondulação no ar, como se o chão estivesse quente.

Ela estava dentro de todos e com todos ao mesmo tempo, através dela, sentiam-se também uns aos outros, como numa grande corrente. Essa comunicação deve ter durado uns cinco minutos, que pareceram uma eternidade:

_ “É assim, que o homem devia ter aprendido a se comunicar, é assim que o homem vai conseguir ser verdadeiramente diferente dos outros animais, esse é nosso dom, o que nos aproxima da suprema consciência, da Grande Alma... Essa sensação de pertencer é que devemos guardar em nossos corações e buscar incessantemente a cada encontro, em cada contato... Está acima do sexo, está acima dos sentimentos mesquinhos, é amor, é amizade... É isso que nos espera em cada outro ser humano, é isso que podemos chamar de nossa santidade... Experimentemos por mais alguns instantes, não quebrem ainda essa conexão.”

Tudo parecia ser uma coisa só, sentiam as árvores, as flores, o vento, o incenso, a vela, sentiam o calor da chama, como se estivessem tocando a vela, insetos voavam e pássaros também se aproximavam em rasantes, os cães latiam, à distância, como que percebendo a imensa energia, que gerava aquele grupo de pessoas iluminadas.

Naquele momento, percebiam como a existência cotidiana era pequena, como as raivas, o estresse, as disputas eram banais. Tudo parecia não ter mais sentido, durante aquele Nirvana coletivo, experimentavam uma paz que sentiam poder abaixar a arma do mais feroz

guerreiro. Ali compreenderam o significado da alma e de estarem unidos, sendo ainda cada um e ao mesmo tempo uma só pessoa.

Daquele momento em diante, suas vidas não seriam mais as mesmas, não havia mais segredos entre eles, suas tristezas se dissipavam, no fluxo que os atravessava, suas alegrias eram maximizadas, pela multiplicação da experiência.

Todos estavam conhecendo a todos num grau de intimidade tão profundo que não sentiam mais necessidade do constrangimento, eram verdadeiramente iguais, a vaidade parecia algo totalmente descontextualizado da existência humana, seus corações batiam juntos e suas memórias, suas dores... Suas consciências...

Puderam também, sentir uma nova consciência, formada pela soma de cada uma das suas, firme, individual em sua multiplicidade. Sentiram também outras energias, anjos, espíritos, devas, qualquer que fosse o nome, uma invasão de energias positivas, uniu-se a eles naqueles minutos. A presença de Emanuel Arbosce foi sentida com bastante intensidade, bem como de todos os entes queridos e conhecidos.

Perceberam que não estavam ligados apenas entre si e entre forças próximas, mas um “cordão” de energia, vinculava-os a todas as pessoas e energias, estavam pulsando junto com o planeta, sentiam-se ligados a todo o universo, fazendo parte, pertencendo a ele...

Foram cinco minutos aproximados, uma eternidade que não conseguiram “segurar” mais.

Lentamente, sentiram o fluxo arrefecer e a corrente se desfazer, Alexandra saiu mais rápido e todos perceberam, Renato desligou-se em seguida, depois Fernando, Cosbare, Ramon e, por último, Deise. Todos ainda permaneceram em suas posições, de olhos fechados, agora, lembrando da sensação.

Gradativamente, foram retornando a seus corpos, isto é, voltaram a senti-los, o aroma do incenso, a brisa, ouviam novamente o canto dos pássaros, o zumbido dos insetos.

Sentiam-se aquecidos, mornos, confortáveis, a despeito da temperatura ambiente.

Finalmente, estavam de olhos abertos, e o céu parecia ainda mais bonito, todos pareciam bonitos aos olhos de todos, o chão, as árvores, o baú, a vela queimada, tudo resplandecia de beleza, era só o que conseguiam ver. Durante vários minutos, voltaram ao estágio em que começaram tudo: miravam perdidos o ambiente, às vezes cruzando olhares...

Ninguém parecia querer falar. Ninguém, após aquela comunicação extasiante, queria sentir o peso das palavras e sua limitação... Como descrever o que provaram? Como explicar? Como transmitir? Alguém aceitaria? Quem?

Em seu âmago, todos ainda buscavam reter da melhor forma possível aquelas sensações, já tentando prever, quando aconteceria novamente. Sabiam... sentiam que iria acontecer e que estavam ali para esse fim, para começar um novo movimento. Deise respirou profundamente e falou, novamente:

_ O que vivemos aqui é, em pequena escala o que a humanidade poderia experimentar, se não estivesse apegada a sentimentos baixos e a disputas medíocres. O que nossos dicionários classificariam como “divindade”, causando furor em pseudo-sacerdotes ávidos por poder e domínio, parasitas das energias daqueles que os seguem. Vivemos isso aqui, não porque sejamos melhores, quantitativa ou qualitativamente do que qualquer outro ser humano. Vivemos, porque estávamos abertos e dispostos para isso, sem idéias preconcebidas, apenas o coração e a mente entregues, mesmo os mais reticentes._ olhou para Fernando e para Alexandra_ Não foi um destino tirano e determinado que nos trouxe até

aqui, mas um dos destinos possíveis que fomos escolhendo, através de nossas atitudes e decisões, como viajar dois mil quilômetros ou contrariar uma pessoa querida que pediu para que não viéssemos._ Renato deu um pequeno sorriso._ Agora, conhecemos-nos como apenas nós mesmos somos capazes de fazer e é disso que muitos têm medo, de ver expostos seus temores, seus segredos mais recônditos, sua essência, enfim.

Todos se entreolharam. Era algo que mexia profundamente a sensação de conhecer outra pessoa como só ela mesma poderia conhecer. No tipo de ligação que estabeleceram, não havia bloqueios, não havia como esconder, sentimentos ou informação. Todos compreendiam o que Fernando havia passado e em que ordem havia estado. Todos sabiam dos encantos e poções de que Ramon e Alexandra e até Renato, eram capazes. Todos conheciam as comunicações dos orixás de Deise, os segredos coalas de Cosbare estavam abertos. Sabiam das alegrias e tristezas, uns dos outros e sabiam que teriam agora um segredo em comum, vários segredos e ao mesmo tempo um, múltiplas faces de uma unidade. Sentiam a grande limitação que a consciência objetiva, principalmente ocidental, possuía para lidar com o que acabara de acontecer.

De todos os que estavam ali, Fernando era o único que já havia passado por experiência semelhante e havia estado num grau tão elevado de ligação com algumas pessoas e alcançou uma capacidade tão elevada de envolver outras pessoas, que muitos se perguntaram por quê Deise foi a guia daquele encontro ou por quê ele desistiu da luta por um modelo de existência mais justo e mais humanitário. O foco das atenções foi-se desviando e Fernando viu-se impelido a falar:

_ Meus irmãos... Não posso chamá-los de forma diferente depois de hoje. Eu sei o que estamos passando e temo, como vocês perceberam o que poderemos passar. Não podemos simplesmente procurar uma das

Grandes Fraternidades ocultas, como aquela da qual fiz parte e pedir ingresso. Por incrível que pareça, eles conseguiram atingir esse nível de desenvolvimento a que chegamos aqui, mas mantiveram acesa em seus corações, a chama da vaidade. A indiferença pelos seus semelhantes, uma vez que se acham superiores hierárquicos na cadeia evolucionária da espécie, tornaram-se pessoas maquiavelicamente frias e dominadoras. Os mais poderosos "sugam" a energia dos outros através do dinheiro. Sim, esse enorme condutor de energia. Uma nota de um dólar, por exemplo, para citar uma moeda cobiçada por um percentual expressivo da população mundial, carrega, em si e para quem sabe sentir, uma carga energética excepcional, gerada por trabalho, esperança, alegrias ou mesmo tristezas de todas as pessoas que a conduziram ou desejaram. Ramon, você e Deise experimentaram a energia do manual coala, uma nota de um dólar, uma simples nota de um dólar, pode ter muito mais energia guardada, se você souber retirá-la de lá. O difícil é "filtrar" e extrair a essência da energia, seja do sofrimento ou da alegria. Numa igreja, por exemplo, um sacerdote bem treinado (e são pouquíssimos) saberá extrair de seus fiéis uma quantidade incomensurável de energia, tanto dos que estão ali dividindo suas alegria, como dos que estão desesperados, suplicando um pouco de conforto.

Todos pararam por um instante para absorver o que estava sendo dito. Renato se espantava com a facilidade que estava tendo, para compreender conceitos que, até minutos atrás julgaria demasiadamente elevados.

_ A questão que se coloca é: "O que faremos dessa força que descobrimos possuir?". "Tentaremos multiplicá-la." é a resposta natural. Ótimo, só que não será fácil encontrar pessoas já com esse nível de entrega e com esse padrão vibratório, logo, precisaremos encontrar pessoas especiais e começar a treiná-las.

Então, seguindo um raciocínio cartesiano, duas coisas poderão acontecer. Uma: poderemos encontrar pessoas que consigam atingir nosso padrão, sem contudo, precisar se livrar da vaidade e do egoísmo ou da hipocrisia e aí, teremos uma célula cancerígena, no seio de nosso próprio organismo. E aí, Cosbare? Como faremos para extirpar um tumor? Punição? Morte? Lobotomia?

Era impressionante, para todos, como os assuntos mais íntimos, as experiências eram "sacadas" sem precisar explicação. Não se cansavam de pensar, e isso ficava realçado a cada instante em suas cabeças, em como era ao mesmo tempo bom, intrigante, curioso e útil, conhecer os segredos e as experiências uns dos outros.

_ Segundo, não duvidem da tentação do poder. Vocês sabem o que estou dizendo. Eu não desisti, simplesmente, de brigar pela humanidade. Mas me senti fraco para resistir à tentação de me juntar àqueles que, hoje, são maioria, em muitas das religiões instituídas ou nas ordens místicas. Vocês já sabem, por minha experiência, como é ter o controle sobre outra pessoa e sabem como é difícil se controlar, para não abusar. O poder é como uma droga, não precisa o poder, apenas o pressuposto do poder, para que pessoas se transformem, caluniem, matem, enfim, comportem-se diferentemente de seus próprios padrões de valores. Estamos ligados de um modo especial e acredito, como todos acreditamos, que nenhum de nós será corrompido, mas isso pode acontecer. Aí, mais uma vez, Cosbare?...

_ Eu compreendo._disse o delegado_ Mas nós sabemos que nosso desejo pode modificar o curso das coisas. Veja o meu próprio exemplo. Agora acredito que foi minha vontade, que fez com que Thomas se arrependesse e Fiona recebesse uma punição leve, ficando a seu critério, sob seu livre arbítrio, a decisão de acabar ou não com sua própria existência nesse plano...

Assim, sempre poderemos encontrar uma solução justa ou (por que não?) a cura para o câncer...
_ Acredito que seja necessário eu dizer alguma coisa._ interveio Alexandra_ É verdade que hoje eu enfrente um dilema. Eu vim, tentada pela possibilidade de aumentar o poder. A morte de Romualdo me fez muito mal, como todos sentiram e me deixou um tanto “revoltada”. Vim para provocar Ramon, para provocar Renato, não aos dois, mas às suas companheiras... Não posso afirmar o que vai acontecer em um ou dois anos, tampouco o que acontecerá daqui a um segundo. Mas posso afirmar que minha vontade foi tocada hoje e que vi um lampejo do que precisava, para retornar ao caminho da iluminação conjunta, da comunhão...
_ É impressionante como, depois do que experimentamos,_ disse Renato, surpreso por ser “sua vez”_ o desejo, o instinto animal do sexo, revelou-se algo pequeno. O prazer do sexo, estímulo para a preservação da espécie, mostrou-se uma gota no oceano. A posse, o ciúme, tudo é muito pequeno. Aí está outra diferença entre nós e os animais: temos consciência de que o ato sexual é uma troca fabulosa de energia, pode ser algo próximo do que fizemos aqui. Afinal, estamos, em tese, formando um novo ser, como o que formamos, entre nós hoje, uma verdadeira egrégora. Foi isso que vim fazer aqui, descobrir um poder que estava latente e que, se entrasse para outra ordem, por exemplo, ou para outra religião, seria sabotado ou corrompido, por aqueles do topo, temerosos de que eu pudesse ser uma ameaça. Além do que, na minha idade, sem estar casado, ou seja, sem ter algo a perder, ou algo que pudesse ser usado contra meus impulsos, dificilmente seria aceito por qualquer ordem...
_ Justamente, meu jovem irmão._ disse Ramon, provocando um olhar especial de Deise e de todos, pelo uso da palavra irmão_ O sexo é uma via para nossa integração, uma experiência de amor. E o amor não tem

sexo, não tem gênero. Por isso nós o encontramos entre quaisquer pessoas. Os sacerdotes tentaram frear esse caminho, tornando o sexo algo impuro, proibido, porque, se conscientizassem as pessoas do poder e do significado desse ato, teriam seus reinados ameaçados, as pessoas encontrariam forças umas nas outras. Aí, Fernando, surge o problema mais difícil de ser resolvido por nossa Ordem...

Todos criaram um ponto de exclamação em suas cabeças, quando Ramon disse isso, desse jeito. Era a primeira vez que ouviam o que já estavam pensando e foi como se tivessem posto um selo de realidade naquilo que estava, até então, em seus pensamentos.

_ Se divulgamos_ Ramon continuou_ esse tipo de mensagem ou praticamos essa liberdade sexual, como fizeram os hippies dos anos 60, desacreditamos nosso movimento, diante de uma sociedade hipócrita e pseudo-conservadora. Então, temos que começar utilizando-nos de um duplipensar perigoso. Não podemos dizer o que pensamos, do jeito que pensamos, ao contrário, temos que negá-lo, para poder receber aceitação da sociedade estabelecida, por aqueles que, antes de nós, deixaram armadilhas no caminho, para se protegerem de possíveis "ameaças de pureza" como nosso movimento...

_ Aí, vem o dilema que todas as ordens iniciáticas enfrentam._ disse Deise_ Não podemos simplesmente "despejar" a verdade, a que vimos, de uma só vez, pois simplesmente, não seríamos aceitos... Daí, criaremos um "portal" iniciático e divisões de graus do conhecimento e, no momento em que algum discípulo estiver pronto, "zap!", transmitimos-lhe o conhecimento que adquirimos. Sem vaidade, sem preocupação de "termos levado anos para adquiri-lo e passarmos adiante facilmente", sem a desculpa de que "ele tem que trabalhar e galgar paulatinamente os degraus do conhecimento". Se estiver pronto: "conhecimento nele"!

O tom informal de Deise trouxe-os definitivamente à vibração normal e mostrou-lhes que a reunião chegava ao seu final. Não tinham a menor idéia do tempo que levaram ali, mas já estava entardecendo, o sol já não era mais visto, apesar do céu ainda estar um tanto iluminado. Faltava o nome. Surgia ali uma nova fraternidade, que precisava ter um nome. Através da experiência, já haviam decidido, acatando a sugestão de Dom Raphael, na noite anterior: nascia a “Sociedade do Pertencer”.

Criariam as “Salas do Pertencer” e os “Estágios do Pertencer”, para as pessoas que fariam parte daquela ordem. Futuramente, decidiriam como estruturar a transmissão do conhecimento de forma mais rápida e incisiva do que as ordens tradicionais e outros detalhes, como as proteções e como detectar quem verdadeiramente teria a pureza necessária, para ingressar em seus quadros. Aos poucos definiriam seu perfil político, e o seu “perfil ideológico oficial”. Evidentemente, Brigite, Fernanda e Maria Alice seriam as primeiras ser chamadas. Precisariam também de um ritual de iniciação, bem como dos materiais e, provavelmente, das vestimentas que usariam em suas reuniões. A periodicidade inicial seria mensal, ali mesmo, naquele espaço do sítio de Fernando, que passaria a se chamar Espaço Emanuel Arbosce.

Deise e Renato, principalmente, paravam às vezes, para “enxergar” o que estavam fazendo e se surpreendiam, com a fluidez e naturalidade com que criavam uma nova Ordem, tratando de aspectos burocráticos. Aliás, a Sociedade do Pertencer, não seria divulgada, nem para os mais próximos e mais íntimos. Oficialmente, a ordem se chamaria “Caminho da Luz”, um nome “mais agressivo, do ponto de vista do marketing”, sugerido por Alexandra e, imediatamente aceito por todos sendo as “salas” chamadas de “espaços do caminho”. Não poderia ser diferente, achavam, já

que a luz era o conceito máximo que pode ser expresso, em todas as linguagens.

Era também um outro ponto que, certamente, teriam de resolver no futuro, o surgimento de alguma divergência de opinião dentro do grupo. Naquele momento inicial, tudo eram flores e todos concordavam com tudo o que era sugerido. Fernando alertou, porém, embora todos já soubessem, que divergências de opinião, “ângulos diferentes de visão de um mesmo assunto” eram ótimas ciladas para abrir caminho para a vaidade e o egoísmo, mas não era algo com o que devessem se preocupar naquele momento.

Tudo combinado, Deise, instintivamente disse:

_ Declaro, então, encerrada a primeira reunião da Sociedade do Pertencer. Que seja lavrado um documento, para os historiadores e arqueólogos do futuro, registrando a primeira sessão da Ordem Caminho da Luz, sua fundação e todos detalhes já decididos de seu funcionamento. Todos os agradecimentos às entidades que colaboraram já foram feitos no momento de formação da egrégora, mas é sempre bom registrar a gratidão. Um sentimento que, puro, nos fortalece e valoriza. Que sigamos o caminho da luz, sabendo desviar das obscuridades e dos momentos de trevas que possam surgir. Nossa força é a força do universo, nosso guia e iluminador. Que assim seja!

_ Que assim seja._ repetiram todos.

Voltaram para a casa de Fernando, onde encontraram um lanche preparado, com muitos tipos de bolos integrais de frutas, de flores ou dos dois. Como sempre, na casa dos Brascoe, uma mesa muito colorida, nos sucos e nos pratos.

Fernando, Renato e Cosbare beijaram suas companheiras, terna e longamente, dividindo um pouco da alegria que carregavam, depois da reunião. Enquanto lanchavam, foi explicado o surgimento da Ordem

Caminho da Luz, como seria seu funcionamento e seus objetivos. Brigite aceitou logo participar, Maria Alice e Fernanda mostraram-se um tanto reticentes e até um pouco céticas, preferindo continuar à margem, um pouco mais, antes de participar.

Resolveram passar a noite no sítio, voltando ao espaço, onde acenderam uma fogueira e ficaram conversando sobre quaisquer assuntos que viessem a ser levantados, num clima de harmonia e paz, profundamente sentidas em seus seres...